

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

**THALYA APARECIDA DA SILVA BUENO**

**A INFLUÊNCIA DA DESINFORMAÇÃO NA PERCEPÇÃO SOBRE AS  
MUDANÇAS CLIMÁTICAS E NA PROMOÇÃO DO NEGACIONISMO CLIMÁTICO**

**CAXIAS DO SUL**

**2025**

**THALYA APARECIDA DA SILVA BUENO**

**A INFLUÊNCIA DA DESINFORMAÇÃO NA PERCEPÇÃO SOBRE AS  
MUDANÇAS CLIMÁTICAS E NA PROMOÇÃO DO NEGACIONISMO CLIMÁTICO**

Trabalho de conclusão de curso de Relações  
Públicas da Universidade de Caxias do Sul -  
UCS, apresentado como requisito para a  
obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Prof. Ma. Vanessa Roveda

**CAXIAS DO SUL**

**2025**

**THALYA APARECIDA DA SILVA BUENO**

**A INFLUÊNCIA DA DESINFORMAÇÃO NA PERCEPÇÃO SOBRE AS  
MUDANÇAS CLIMÁTICAS E NA PROMOÇÃO DO NEGACIONISMO CLIMÁTICO**

Trabalho de conclusão de curso de Relações  
Públicas da Universidade de Caxias do Sul -  
UCS, apresentado como requisito para a  
obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Prof. Ma. Vanessa Roveda,

**Aprovado (a) em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dra. Ana Cristina Fachinelli  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof. Dr. Ronei Teodoro da Silva  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof. Ma Vanessa Roveda  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família, e em especial à minha mãe Salete. Mãe, nada do que eu escrever será suficiente para expressar o quanto você foi essencial durante toda essa caminhada. Obrigada por estar ao meu lado em cada passo, nos dias bons e, principalmente, nos dias difíceis. Obrigada por me escutar com paciência, por me apoiar mesmo quando eu duvidava de mim e por acreditar no meu potencial quando eu mesma duvidava. Seu amor, sua coragem e a forma como você sempre fez o possível e o impossível para me ajudar foram o que me sustentaram até aqui. Este trabalho também é seu, porque sem você eu jamais teria chegado tão longe. Você é a minha inspiração.

Agradeço também aos meus tios e padrinhos, Adilson e Jaque, por todo o apoio ao longo dessa jornada, especialmente pelo incentivo que me deram em relação aos estudos. Quanto à ajuda para ingressar na faculdade, jamais esquecerei; serei eternamente grata a vocês.

Aos amigos que conheci na faculdade e que se tornaram uma verdadeira família, deixo minha gratidão mais sincera. Vocês foram muito mais do que colegas de curso. Foram porto seguro, companhia nos dias difíceis e razão para tornar essa jornada mais leve e especial. Giu, Kai e Vini, obrigada de todo o coração por acreditarem em mim nos momentos em que eu mesma duvidei. Vocês fizeram parte de cada pequena vitória ao longo desse caminho. A você, Giu, deixo um agradecimento ainda mais profundo. Você foi uma presença indispensável nesta fase final do TCC, sempre disposta a ler, reler, revisar, corrigir e me acalmar quando o cansaço tomava conta. Obrigada por não soltar a minha mão em nenhum momento e por me mostrar que eu não precisava enfrentar tudo sozinha.

Ruanita, obrigada por estar ao meu lado, por me acolher nos dias mais difíceis, por me incentivar e por celebrar cada pequena vitória comigo. Obrigada também por me escutar falar por horas sobre assuntos que, muitas vezes, você nem entendia. A tua presença na minha vida torna tudo muito mais leve.

Expresso também minha gratidão a todos os professores da graduação, que ensinaram com amor e dedicação, contribuindo não apenas para minha formação acadêmica, mas também para meu crescimento pessoal. Seus conselhos foram

essenciais e levarei cada um deles comigo. Em especial, agradeço à minha orientadora Vanessa e à professora Jussania, que terão sempre um lugar no meu coração.

## **EPÍGRAFE**

*“Ao invés de simplesmente pensar na comunicação como transmissão de informações de uma pessoa para outra, devemos reconhecer que a comunicação desempenha um papel fundamental na representação de crenças compartilhadas.”*

**(Carey, 1989; Wardle, Derakhshan, 2018)**

## RESUMO

Diante do avanço da desinformação e do negacionismo climático nas plataformas digitais, este estudo busca compreender como esses fenômenos influenciam as percepções sobre o aquecimento global. Para abordar esse tema foram definidos objetivos para a pesquisa, sendo o objetivo geral: analisar como a desinformação afeta a percepção das pessoas sobre as mudanças climáticas, contribuindo para o negacionismo climático. Já os objetivos específicos são: a) compreender os processos de desinformação; b) investigar como discursos com teor negacionista circulam e ganham força dentro de uma comunidade; c) examinar como esses discursos moldam a percepção dos indivíduos sobre o aquecimento global e suas causas. A metodologia adotada combina revisão bibliográfica e pesquisa de campo, aplicando análise de discurso e análise de conteúdo. O objeto empírico analisado foi uma palestra realizada na Câmara de Vereadores de Caxias do Sul em 2024, transmitida por um canal no YouTube, juntamente com os comentários do público. Os resultados mostram que o orador recorre a categorias de desordem informacional, como Conteúdo Enganoso, Conteúdo Impostor e Conteúdo Fabricado, além de demonstrar Ceticismo Epistêmico relacionado à base de evidências, ao conhecimento científico e à atribuição da causalidade humana. Já os espectadores apresentam sobretudo Ceticismo de Resposta e Ceticismo Epistêmico, recorrendo também a teorias conspiratórias para sustentar suas interpretações. Conclui-se que os processos desinformativos fortalecem o negacionismo climático ao legitimar dúvidas artificiais e fragilizar evidências científicas, evidenciando o papel essencial das Relações Públicas na promoção da comunicação científica e na credibilidade das instituições ambientais.

**Palavras-chaves:** desinformação; negacionismo climático; desordem informacional.

## ABSTRACT

Given the growing spread of misinformation and climate denial on digital platforms, this study seeks to understand how these phenomena influence public perceptions of global warming. To address this topic, research objectives were defined, with the general objective being: to analyze how misinformation affects people's perception of climate change, contributing to climate denial. The specific objectives are: a) to understand the processes of misinformation; b) to investigate how discourses with denialist content circulate and gain strength within a community; c) to examine how these discourses shape individuals' perceptions of global warming and its causes. The methodology combines a literature review and field research, applying discourse analysis and content analysis. The empirical object examined was a lecture held at the City Council of Caxias do Sul in 2024, broadcast on a YouTube channel, along with the comments posted by viewers. The results show that the speaker employs categories of informational disorder such as Misleading Content, Impostor Content, and Fabricated Content, while also displaying Epistemic Skepticism related to evidence bases, scientific knowledge, and the attribution of human causality for climate change. The viewers, in turn, demonstrate mainly Response Skepticism and Epistemic Skepticism, also resorting to conspiracy theories to support their interpretations. The study concludes that misinformation processes strengthen climate denial by legitimizing artificial doubts and weakening scientific evidence, highlighting the essential role of Public Relations in promoting scientific communication and reinforcing the credibility of environmental institutions.

**Keywords:** disinformation; climate change denial; information disorder.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Classificação da Poluição Informacional com base em Wardle e Derakhshan	21
Quadro 2	Principais acontecimentos relacionado ao Desenvolvimento Sustentável	50
Quadro 3	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável	53
Quadro 4	Diferenciação dos termos “Aquecimento Global” e “Mudanças Climáticas”	59
Quadro 5	Temas de ceticismo identificados por Capstick e Pidgeon	66
Quadro 6	Tipos de ceticismo identificados por Capstick e Pidgeon	69
Quadro 7	Categorias e tipos de ceticismo sobre as mudanças climáticas	82
Quadro 8	Classificação dos tipos de desordem informacional segundo Wardle	83
Quadro 9	Seleção de trechos da palestra	84
Quadro 10	Categorização de trechos da palestra	111

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Exemplo de Contexto Falso - Pronunciamento Lula	26
Figura 2	Exemplo de Caixas de Recomendação de Conteúdo	29
Figura 3	Exemplo de página imitadora do G1	30
Figura 4	Matéria produzida pelo Estadão e anúncio falso de remédio para cura de diabetes	30
Figura 5	Exemplo de Conteúdo Manipulado - foto Tyler Robinson	32
Figura 6	Exemplo de Conteúdo Fabricado - <i>Deepfake</i> de Mark Zuckerberg	33
Figura 7	Exemplo de Conteúdo Fabricado - <i>Deepfake</i> de Felca	34
Figura 8	Classificação de conteúdos com baixo dano	34
Figura 9	Classificação de conteúdos com alto dano	35
Figura 10	Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)	53
Figura 11	Imagem 1 palestra	89
Figura 12	Imagem 2 palestra	93
Figura 13	Imagem 3 palestra	97
Figura 14	Imagem 4 palestra	100
Figura 15	Imagem 5 palestra	104
Figura 16	Imagem 6 palestra	107
Figura 17	Comentário A	116
Figura 18	Comentário B	117
Figura 19	Comentário C	117
Figura 20	Comentário D	118
Figura 21	Comentário E	118
Figura 22	Comentário F	118
Figura 23	Comentário G	119
Figura 24	Comentário H	119
Figura 25	Comentário I	120
Figura 26	Comentário J	121
Figura 27	Comentário K	122
Figura 28	Comentário L	123

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.c.	Antes de Cristo
AFOLU	Agricultura, Florestas e Outros Usos da Terra
CEMADEN	Centro de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais
CEO	<i>Chief Executive Officer</i>
CEP	Código de Endereçamento Postal
CFCs	Clorofluorcarbonos
CH <sub>4</sub>	Metano
CMMAD	Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento
CO <sub>2</sub>	Dióxido de carbono
COP	Conferência das Partes
COVID-19	Doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2
DDT	Diclorodifeniltricloroetano
DS	Desenvolvimento sustentável
EUA	Estados Unidos da América
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
FMU	Faculdades Metropolitanas Unidas
FMUSP	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
HAARP	<i>High-frequency Active Auroral Research Program</i>
IA	Inteligência Artificial
IAB	<i>International Advertising Bureau</i>
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPCC	Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas
IRI	<i>Ionospheric Research Instrument</i>
ISO	<i>International Organization for Standardization</i>
IUCN	União Internacional para a Conservação da Natureza
MAB	Programa Homem e a Biosfera
MIT	Instituto de Tecnologia de Massachusetts
NASA	<i>National Aeronautics and Space Administration</i>
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ODM	Objetivos do Desenvolvimento do Milênio
ODS	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONGs	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PNUMA	Programa das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente
RP	Relações Públicas
RS	Rio Grande do Sul
SECOM	Secretaria de Comunicação Social
SEEG	Sistema de Estimativas de Emissões de Gases de Efeito Estufa
UIT	União Internacional das Telecomunicações
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UnB	Universidade de Brasília
WRI	<i>World Resources Institute</i>
WWF	<i>World Wildlife Fund</i>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2 DESINFORMAÇÃO: CONCEITOS, DINÂMICAS E PROCESSOS.....</b>	<b>19</b>
2.1 DEFINIÇÕES E ABORDAGENS SOBRE DESINFORMAÇÃO.....	19
<b>2.1.1 Sátira ou Paródia.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1.2 Conexão Falsa.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1.3 Conteúdo enganoso.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1.4 Contexto Falso.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1.5 Conteúdo Impostor.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1.6 Conteúdo Manipulado.....</b>	<b>31</b>
<b>2.1.7 Conteúdo Fabricado.....</b>	<b>32</b>
2.2 A DESINFORMAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE.....	35
<b>2.2.1 Por que as pessoas acreditam e compartilham fake news?.....</b>	<b>38</b>
2.3 CONSEQUÊNCIAS DA DESINFORMAÇÃO.....	40
<b>2.3.1 Pós-verdade.....</b>	<b>41</b>
<b>2.3.2 Teorias Conspiratórias.....</b>	<b>43</b>
<b>3 SUSTENTABILIDADE E NEGACIONISMO.....</b>	<b>47</b>
3.1 CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE.....	47
3.2 EVOLUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL..	48
<b>3.2.1 Agenda 2030 e os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.....</b>	<b>52</b>
3.3 AQUECIMENTO GLOBAL E NEGACIONISMO CLIMÁTICO.....	57
<b>3.3.1 Como o Negacionismo Climático se manifesta.....</b>	<b>63</b>
<b>3.3.2 Negacionismo Climático no Brasil.....</b>	<b>71</b>
3.4 O PAPEL DAS RELAÇÕES PÚBLICAS NA PROMOÇÃO DA SUSTENTABILIDADE.....	75

<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>79</b>
<b>5 ANÁLISE.....</b>	<b>82</b>
5.1 ANÁLISE DA PALESTRA.....	82
5.2 ANÁLISE COMENTÁRIOS DA LIVE.....	115
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>132</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente a internet tornou-se uma parte essencial na vida da sociedade, pois traz diversas facilidades para o cotidiano dos indivíduos, como pedir comida em casa ou solicitar um transporte apenas pelo celular. Apesar dos pontos positivos da internet, existe uma crescente preocupação com o futuro das democracias e do mundo no geral, tendo em vista que, segundo Wardle e Derakhshan (2017, p.17), estamos passando por uma “poluição informacional em escala global”, onde temos como cenário uma enorme quantidade de fluxos informacionais ampliando diversas vozes e narrativas. É nesse contexto que ampliam-se fenômenos como a desinformação e o negacionismo, que afetam a credibilidade das instituições e a tomada de decisões coletivas.

Para entender melhor a nova relação da sociedade com os ambientes digitais, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2024, realizou um estudo em que investigou, em 21 países, o nível de percepção da sociedade em distinguir informações falsas e verdadeiras. Neste estudo, o objetivo era entender se alguns tipos de conteúdos eram mais fáceis de identificar como falsos ou verdadeiros. Os resultados foram assustadores, principalmente no Brasil. Segundo o estudo, a média mundial de pessoas que se informam pelas mídias sociais é de 50%, sendo que, no Brasil, Colômbia e México a média está acima desta porcentagem. Quanto ao nível de confiança nessas notícias, 20% dos brasileiros declaram confiar nelas, percentual significativamente superior à média global de 9%.

Embora existam alguns estudos sobre a desinformação, como o citado acima, é difícil quantificar todos os problemas advindos das *Fake News*, pois é ainda um processo recente. Wardle e Derakhshan (2017) prevêm que a sociedade está passando ainda somente pela primeira etapa e que, a longo prazo, os problemas terão camadas mais profundas, pois a desinformação, além de impactar o meio político com campanhas de desconfiança e polarização (direita ou esquerda), está alimentando tensões nacionalistas, étnicas, raciais e religiosas.

Pensando no cenário de conscientização ambiental, a desinformação se manifesta também no processo de negacionismo climático, produzindo resistências

sociais frente a consensos científicos estabelecidos. Para entender melhor esse fenômeno, o jornal Folha de São Paulo, em parceria com o Instituto Datafolha, divulgou em 2025 uma pesquisa que revelou aumento da porcentagem de pessoas que não acreditam nos efeitos do aquecimento global, que passou de 5% em junho de 2024 para 9% em abril de 2025. Além disso, identificou que os fatores relacionados a esse tipo de percepção negacionista são: nível de escolaridade, acesso à informação, exposição a eventos climáticos extremos, localização em áreas rurais, faixa etária e perfil ideológico mais conservador.

Outro ponto que é relevante destacar sobre o aumento do negacionismo climático, é que a sociedade está passando por um período em que as emoções e crenças individuais estão ganhando mais espaço do que os fatos já comprovados cientificamente (Santaella, 2018). Isso dificulta tanto a criação e o seguimento de normas ambientalistas quanto a conscientização da população acerca de assuntos relacionados ao meio ambiente e ao aquecimento global, impactando comunidades locais.

Ademais, é necessário ressaltar que todos os fenômenos citados utilizam as redes sociais como ferramentas de disseminação de ideias e opiniões, pois mídias sociais como Facebook, X (antigo Twitter), Instagram e TikTok funcionam através de algoritmos, um tipo de programação informática para personalizar os conteúdos. Nesse contexto,

Como os algoritmos são abastecidos de dados pessoais, geográficos, padrões de uso das aplicações informáticas e uma série de outros insumos gerados pela utilização das ferramentas computacionais dos usuários das aplicações de internet, há uma probabilidade bastante elevada de que esses algoritmos confinem, cada qual, num ambiente moldado exclusivamente pelo reflexo de si próprio. (Barreto e Miniuchi; 2019, p.58).

Os algoritmos produzem o efeito abordado por Pariser (2011) como “filtros-bolha”, onde cria-se uma sensação falsa que todos têm a mesma opinião sobre determinado assunto. Os algoritmos têm a função de mostrar somente o que agrada a pessoa, conseqüentemente, trazendo conteúdos de pessoas que possuem pensamento ou opinião similar.

Dado esse contexto, o presente estudo busca compreender como os processos de desinformação e negacionismo ambiental afetam a percepção da

sociedade em relação ao aquecimento global, visto que nos últimos anos as consequências dele têm gerado impactos diretos à sociedade, como o caso das enchentes no Rio Grande do Sul em 2024. Além disso, houve um aumento significativo do negacionismo ambiental no Brasil, conforme exposto na pesquisa do Datafolha. Outro ponto que contribui para a relevância desta pesquisa é o fato de haver poucos estudos direcionados para o negacionismo ambiental ligados à área da comunicação.

Para entender melhor esse problema, a questão norteadora deste estudo é: Como a desinformação influencia a percepção sobre as mudanças climáticas e contribui para promover o negacionismo climático?

Para abordar este tema foram definidos objetivos para a pesquisa, sendo o objetivo geral: Analisar como a desinformação afeta a percepção das pessoas sobre as mudanças climáticas, contribuindo para o negacionismo climático. Já os objetivos específicos são: a) Compreender os processos de desinformação; b) Investigar como discursos com teor negacionista circulam e ganham força dentro de uma comunidade; c) Examinar como esses discursos moldam a percepção dos indivíduos sobre o aquecimento global e suas causas.

A fim de obter respostas para a questão problema, foi feita uma revisão bibliográfica dividida em dois capítulos. O primeiro aborda os principais conceitos relacionados à desinformação, bem como suas dinâmicas no meio digital, e como se propagam, além das consequências advindas da desinformação.

O segundo capítulo aborda os conceitos de sustentabilidade e negacionismo ambiental, apresentando inicialmente as definições de ambos os termos e, em seguida, uma linha do tempo que auxilia na compreensão da evolução das práticas de sustentabilidade e das ações voltadas ao enfrentamento das mudanças climáticas, como a Agenda 2030. Também são discutidas as formas de manifestação do negacionismo climático e, por fim, analisado o cenário brasileiro, destacando figuras que influenciam esse movimento e o papel das relações públicas na promoção de uma comunicação mais sustentável.

Os capítulos seguintes apresentam a metodologia e a pesquisa de campo desenvolvidas neste estudo. A investigação teve início com uma revisão bibliográfica, que permitiu compreender os padrões contemporâneos de

desinformação e negacionismo climático, fornecendo a base conceitual necessária para a etapa empírica. Trata-se de um estudo exploratório, voltado a identificar e analisar as dinâmicas da desinformação relacionadas ao fenômeno climático. Para a análise, utilizaram-se os métodos de análise de discurso e análise de conteúdo, aplicados a uma palestra e aos comentários publicados sobre ela. O material foi coletado a partir de uma apresentação realizada na Câmara de Vereadores de Caxias do Sul e posteriormente transmitida por um canal no YouTube em 23 de novembro de 2024, tendo os nomes dos envolvidos sido omitidos por razões de segurança e proteção de identidade.

A seleção dessa palestra como objeto de estudo ocorreu por três razões principais. A primeira relaciona-se ao local de realização, Caxias do Sul, município do Rio Grande do Sul que havia sido gravemente afetado por enchentes apenas seis meses antes do evento. A segunda refere-se à ampla visibilidade tanto do palestrante quanto da anfitriã, ambos com significativo alcance dentro e fora das redes sociais, sendo a organizadora uma figura influente no movimento de negacionismo climático na Serra Gaúcha. Por fim, optou-se por analisar essa apresentação porque compreender as estratégias comunicacionais empregadas por esses atores é essencial para que profissionais da área, como as Relações Públicas, desenvolvam abordagens capazes de enfrentar e mitigar discursos negacionistas, especialmente diante do crescimento desse fenômeno.

## 2 DESINFORMAÇÃO: CONCEITOS, DINÂMICAS E PROCESSOS

Este capítulo tem como objetivo, por meio de revisão bibliográfica, analisar e entender os principais conceitos relacionados à desinformação. Essa base será essencial para os próximos capítulos, que buscam entender como os discursos negacionistas se estruturam e se disseminam nas redes sociais, impactando a esfera pública.

A fim de compreender melhor como são construídas as narrativas negacionistas, será realizado primeiramente uma contextualização conceitual de termos que são frequentemente utilizados nas mídias sociais, como: *Fake News*, Desinformação, Pós-Verdade e Teoria da Conspiração. Após, será abordado como esses conceitos operam no mundo contemporâneo.

### 2.1 DEFINIÇÕES E ABORDAGENS SOBRE DESINFORMAÇÃO

Nos últimos anos, os termos “*Fake News*” e “Desinformação” têm ganhado relevância, principalmente em assuntos relacionados à política ou à ciência. Apesar desta popularização recente, estes não são fenômenos novos na história da sociedade. Entretanto, a utilização desses termos tem aparecido de forma equivocada, inclusive, muitas vezes de forma proposital, como uma cortina de fumaça para esconder a real intenção de ações e estratégias. Para Macedo (2019), as *fake news* são fabricadas com o intuito de enganar a sociedade, com intenção de obter “algum tipo de vantagem econômica ou política indevida.” (Macedo, 2019, p.55).

Mas afinal, o que significa essa expressão *fake news*? De acordo com Theodoro (s.d), o conceito em seu sentido literal significa “Notícias falsas” e, geralmente, imitam o formato de textos jornalísticos, trazendo informações ilusórias, criadas ou distorcidas, com o objetivo de gerar insegurança e medo, além de incentivar discursos de ódio. Em 2017, o dicionário britânico *Collins* definiu *Fake News* como a palavra do ano, inclusive, segundo eles, no ano anterior, a expressão teve uma crescente de menções de 365% nas mídias sociais. A chefe de conteúdos

do dicionário, Helen Newstead, explicou que o termo ajudou a minar ainda mais a confiança da população em relação às notícias.

Para Santaella (2018), o termo *Fake News* costuma se referir a notícias, boatos, histórias ou rumores que têm a intenção de enganar o leitor, manipulando as suas crenças, opiniões e ações sobre um determinado assunto, principalmente quando este está ligado a interesses políticos. Além disso, a autora reflete que os meios digitais são o principal fator para que ocorra a circulação de notícias falsas, fortalecendo ainda mais a confusão e a falta de confiança em fontes de informação, favorecendo assim a proliferação de desinformação. Santaella (2018) complementa que a maioria dos conteúdos produzidos nem sempre podem ser verificados pois muitas vezes a “notícia” se mistura com a opinião, que se sobressai do fato, por isso é importante haver uma classificação mais aprofundada.

Wardle e Derakhshan (2017) são dois estudiosos que abordam uma nova conceitualização do termo *Fake News*, a fim de compreender melhor um fenômeno denominado por eles de “poluição informacional”, que possui muitas camadas e está gerando um impacto considerável no mundo. Os autores relatam que, apesar de existir um grande número de produções acadêmicas, livros, conferências e eventos, nos últimos anos, ainda se tem pouco investimento para desenvolver ferramentas que sejam capaz de combater este fenômeno, isso porque a poluição informacional não é simples de classificar, por ter diversas camadas e formatos.

Outro ponto destacado por eles é que a expressão está sendo utilizada de forma incorreta por diversos políticos como forma de atacar a imprensa por matérias jornalísticas que expõem algo que prejudique a imagem deles, mesmo que os fatos divulgados sejam verdadeiros. Para os autores, “o recurso à expressão ‘*fake news*’ está se tornando um mecanismo pelo qual os poderosos podem reprimir, restringir, minar e contornar a imprensa livre.” (Wardle e Derakhshan, 2017, p.29). Para substituir o termo, Wardle e Derakhshan (2017), propõe três classificações base que serão apresentadas na tabela abaixo.

Quadro 1 – Classificação da Poluição Informacional com base em Wardle e Derakhshan

Tipo	Classificação
Informação falsa ( <i>mis-information</i> )	Acontece quando informações falsas são disseminadas sem a intenção de causar prejuízo
Desinformação ( <i>dis-information</i> )	Acontece quando informações falsas são produzidas intencionalmente com o objetivo de causar prejuízos.
Informação maliciosa ( <i>mal-information</i> )	Acontece quando informações verdadeiras são divulgadas com a intenção de causar prejuízos, frequentemente expondo dados que deveriam permanecer privados.

Fonte: elaborado pela a autora (2025), com base nos estudos de Wardle e Derakhshan (2017)

Para explicar melhor como funciona essa classificação, a autora Wardle (2019), expõe três motivos para que ocorra a desinformação. Para ela, existem três justificativas principais: “ganhar dinheiro; ter influência política, internacional ou nacional; ou causar problemas por causa disso.” (Wardle, 2019, p.10). Para complementar, Wardle (2020) descreve que:

Quando a desinformação é compartilhada, muitas vezes se transforma em *mesinformação*. *Mesinformação* também descreve conteúdos falsos, mas a pessoa que compartilha não percebe que é falso ou enganoso. Muitas vezes, uma desinformação é vista por alguém que não percebe que é falsa e compartilha com suas redes, acreditando que estão ajudando. (Wardle, 2020, p.10)

Já em relação ao *malinformação*, Wardle (2020) descreve a terminologia como informações verdadeiras que são compartilhadas com o propósito de causar prejuízos. Citando como exemplo, o caso dos espiões russos, que na campanha de Hillary Clinton, invadiram alguns emails privados, e tornaram essas informações públicas com o objetivo de prejudicar sua reputação.

Outro ponto que Wardle (2020, p.11) destaca é que os métodos para criar e divulgar desinformação estão evoluindo de forma muito rápida no contexto digital, principalmente porque os responsáveis por esse conteúdo distorcido, utilizam como ferramentas o contexto de desconfianças e um pouco da informação correta para criar um conteúdo engano, pois “qualquer coisa com um núcleo de verdade é muito mais bem-sucedida em termos de persuadir e envolver pessoas”.

Além desses conceitos, a autora Wardle, em parceria com a *First Draft* em 2020, realizou um estudo que aprofunda e categoriza outros elementos da poluição

informativa, pois, como mencionado anteriormente, para a autora a expressão *Fake News* é superficial, e os nomes adequados a toda essa manifestação de conteúdos seriam: “propaganda, mentiras, conspirações, rumores, fraudes, conteúdo hiperpartidário, falsidades ou mídia manipuladora” (Wardle, 2020. p.9).

Para abordar de maneira adequada e de forma clara, a autora junta as três classificações anteriores com todas essas nomenclaturas, e as nomeia como “Desordem Informativa”. Podendo assim, classificar esses conteúdos em 7 esferas com dois níveis: Dano Baixo (Sátira ou Paródia; Conexão Falsa; Conteúdo Enganoso) e Dano Alto (Contexto Falso; Conteúdo Impostor; Conteúdo Manipulado e Conteúdo Fabricado). Os tópicos a seguir explicam como cada uma dessas categorias se apresenta, com o objetivo de tornar mais claros os termos, começando pelos de Dano Baixo.

### 2.1.1 Sátira ou Paródia

Wardle (2020) aborda que a utilização desse termo é uma estratégia que os produtores de rumores utilizam para contornar as agências de checagem de fatos, já que costumam afirmar que seus conteúdos são somente uma forma de ironizar a realidade, fugindo de qualquer responsabilidade.

A autora traz que o motivo pelo qual a sátira ou paródia tem um potencial enorme de causar danos é porque conforme ela vai sendo compartilhada nas redes sociais, vai perdendo o sentido porque perde conexão com o mensageiro original. Uma comparação que Wardle (2020) faz é com o jornal impresso e com as mídias, onde no jornal é possível entender quando é uma sátira porque é possível localizar nas páginas que está na seção de opinião, já as mídias não vem com essa nomenclatura.

Já as pessoas que possuem a intenção de utilizar da sátira como recurso de enganar a sociedade, fazem isso, segundo Sénecat *apud* Wardle (2020), em três passos.

- a) **Primeiro passo:** Um site satírico utiliza da imagem pública de alguém, principalmente da área política, para criar uma “denúncia”. No exemplo é utilizado o presidente francês Macron. No site satírico, eles abordam que

Macron sente-se sujo ao tocar na mão de pessoas da classe trabalhadora. O tom é irônico porque o presidente tem a imagem de alguém elitizado e que não seria de fácil acesso.

- b) **Segundo passo:** Um site ou página hiperpartidária de uma rede social pega essa sátira e transforma em uma “notícia”, adicionando imagens de Macron em uma indústria, e outra dele limpando as mãos.
- c) **Terceiro passo:** Essas imagens caem nas redes sociais e se espelham em uma escala absurda como se fossem de uma notícia real. Além disso, é produzido mais conteúdos em cima desse, criando um ciclo sem fim.

Para evidenciar o poder da sátira, a página no Facebook criada por Christopher Blair, denominada *Washington Post* ganhou uma enorme notoriedade nos últimos anos. Inicialmente a página foi criada para satirizar discursos extremistas da direita em 2016, porém mesmo sendo pontuado diversas vezes que não era para ser levado a sério aquele conteúdo, as pessoas sempre voltavam e realmente consideravam como fato o que era escrito. O autor escreveu em sua própria página: “cada vez mais, o que é rotulado como ‘sátira’ é odioso, polarizador e desagregador” (Blair, 2016, s.d *apud* Wardle, 2020, p.20).

Para pontuar, Wardle (2020, p.20.) descreve que nem toda sátira é para enganar, principalmente se o conteúdo for produzido com a intenção de ironizar a realidade, porque isso seria uma manifestação de arte, porém ela a classifica como uma categoria da desordem informacional porque “[...] há muitas maneiras pelas quais a sátira se tornou parte da conversa sobre como as informações podem ser distorcidas e reformuladas e o possível impacto sobre o público”.

### 2.1.2 Conexão Falsa

A autora descreve essa categoria como “quando manchetes, imagens ou legendas não dão suporte ao conteúdo” (Wardle, 2020. p.21). Em síntese, é quando a imprensa produz um conteúdo com linguagem sensacionalista para atrair cliques.

Segundo Wardle (2020), essa prática faz com que os jornalistas percam sua credibilidade junto aos seus públicos. Embora a autora reconheça que vivemos em uma era marcada por disputas pela atenção das pessoas no meio digital, e que a imprensa também está lutando pelo seu espaço, ainda sim essa prática trará mais danos ao longo prazo. Para ela: “Embora seja possível usar esses tipos de técnicas para direcionar tráfego a curto prazo, sem dúvidas haverá um impacto a longo prazo no relacionamento das pessoas com as notícias” (Wardle, 2020. p.23).

Um exemplo trabalhado neste tópico pela autora foi como a plataforma do Facebook, em 2014, classificava as páginas que tinham essa característica como inferiores às outras. Entretanto houve uma mudança em 2019, em que o algoritmo do Facebook entregava aos usuários justamente esses conteúdos polêmicos.

Em 2025, também houve uma mudança significativa em relação a isso. Mark Zuckerberg, dono da Meta (empresa que engloba Facebook, Instagram e Threads), fez um vídeo no início do ano para falar sobre a nova política adotada pela empresa. Foi anunciado no vídeo que Meta irá substituir as *fact-checking* (empresas de checagem de fatos ou notícias), por *Community Notes* (notas da comunidade, em tradução livre). Dessa forma, quem determina se o conteúdo é falso ou tendencioso são os próprios usuários. E a plataforma começará entregar novamente e sem restrições conteúdos voltados à política e outros assuntos são polêmicos como imigração ou questões de gêneros, evitando assim, segundo Zuckerberg, a censura (Castro, 2025, s.p).

Porém, sabe-se que esses assuntos, apesar de importantes para a discussão da opinião pública, são os que mais sofrem com a propagação de conteúdos que geram polarização ou que são submetidos às técnicas de cliques para prender a atenção dos usuários, e que estão longes de acabar, pois:

A necessidade de tráfego e cliques significa que é improvável que as técnicas de armadilha de cliques desapareçam, mas o uso de uma linguagem emotiva e polarizadora para direcionar o tráfego está relacionado aos problemas mais amplos [...] (Wardle, 2020, p.23).

A próxima categoria a ser abordada é a de Conteúdo Enganoso.

### 2.1.3 Conteúdo enganoso

Ocorre quando são utilizados trechos de uma informação verdadeira para prejudicar alguém ou aumentar a visibilidade negativa sobre um determinado assunto. Para Wardle (2020), definir o que é conteúdo enganoso é difícil, pois tudo depende do contexto e do que está sendo omitido, posto que, neste tópico, os indivíduos costumam citar dados que ajudem na sua argumentação, mas que não necessariamente estão coerentes com a sua afirmação. Essa não é uma técnica nova, e já é usada há muito tempo, seja para “reformular matérias nas manchetes, usar fragmentos de citações para apoiar um argumento mais amplo, citar estatísticas de uma maneira que se alinha com uma posição ou decidir não cobrir alguma coisa” (Wardle, 2020, p.28).

Wardle (2020) reforça que existe uma diferença entre conteúdos hiperpartidários sensacionalistas e conteúdos levemente enganosos, que modificam um pouco o jeito de noticiar um fato, e influenciam a forma como o leitor vai interpretar aquele fato. Segundo a autora, essa produção alta de conteúdos tendenciosos ou hiperpartidários sensacionalistas, estão fazendo com que as pessoas percam a confiança na imprensa. Para corroborar com a sua afirmação, Wardle (2020) destaca uma pesquisa feita em 2018 pela Fundação Knight e Gallup, que apontou que a sociedade estadunidense está com a confiança abalada em relação à imprensa por conta de fatores como precisão ou tendenciosidade, onde 69% dos adultos perderam a confiança na mídia na última década. O instituto também apontou dados entre lados políticos, revelando que 94% dos republicanos não acreditam na imprensa, em contrapartida, somente 42% dos democratas desconfiam das mídias tradicionais.

O Brasil apresenta atualmente um contexto parecido com os EUA em relação à confiança na imprensa. Em 2024, o Instituto Reuters publicou um relatório<sup>1</sup> onde procurava saber sobre o consumo de notícias onlines da população. A pesquisa abrangeu mais de 95.000 pessoas em 47 países. No Brasil, o nível de confiança na imprensa é de 43%. Entretanto, a comparação dos dois países no mesmo período

---

<sup>1</sup>Reports disponíveis em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024/brazil> e <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024> . Acesso em: 06 set 2025

mostra um cenário bem diferente, em 2018 a porcentagem da confiança dos brasileiros na imprensa era de 59%.

Outro dado relevante apontado pelo estudo foi que, em 2024, teve-se um aumento na porcentagem de pessoas que estão evitando consumir conteúdos jornalísticos chegando a 47%, no ano anterior a estimativa era de 41%.

Os subtópicos acima detalharam o funcionamento e manifestação das três categorias da Desordem Informacional que apresentam baixo dano para sociedade. Os subtópicos a seguir abordam as outras quatro esferas da Desordem Informacional, as quais têm potencial de infligir alto dano para a sociedade.

#### 2.1.4 Contexto Falso

Segundo Wardle (2020) essa categoria ocorre quando o conteúdo é verdadeiro, porém é compartilhado com contexto falso. Como exemplo nacional tem-se uma situação que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva passou nesse ano, onde começou a circular nas redes um vídeo onde diversas falas relacionadas aos negros e aos pobres foram tiradas de contexto dando entender que o presidente Lula teria visões preconceituosas e racistas. O Estadão Verifica, equipe de *fact-checking* do Jornal Estadão, fez uma checagem de todas essas falas, e constatou que são verdadeiras, mas foram cortadas e retiradas de contexto. Abaixo a imagem do vídeo em questão.

Figura 1 – Exemplo de Contexto Falso - Pronunciamento Lula



Fonte: Estadão Verifica (2025)

A imagem acima mostra um print de como o vídeo estava circulando no Instagram. No vídeo foi adicionado a foto do Lula com o cantor Gilberto Gil, com a legenda: “Escute bem à fala de Lula e tire suas conclusões!”. Segundo Burbulhan (2025), redatora da matéria, em menos de 24h, o vídeo foi reproduzido mais de 330 mil vezes.

Uma das frases que apareceu no vídeo foi: “O pobre não tem que aprender. Pobre tem que trabalhar. ‘Negro’ não tem que aprender. ‘Negro tem que trabalhar”. Burbulhan (2025) aponta que nessa frase o presidente estava fazendo uma crítica a visão elitista que tem-se na sociedade brasileira sobre o direito da população pobre à educação. Essa fala ocorreu em um discurso no evento promovido pelo Partido dos Trabalhadores (PT), que se denominava “Ato em defesa da democracia e do Brasil com Lula e Haddad”, que ocorreu no dia 24 de outubro de 2022, em São Paulo. Porém, essa fala destacada no vídeo foi um exemplo citado por Lula que, na frase completa, possui um sentido totalmente diferente, como destacado por Burbulhan (2025).

Abaixo na íntegra o que Lula realmente discursou:

Em 1920 foi ter a primeira universidade nossa, uma demonstração de que a elite política do Brasil nunca teve interesse que o povo pobre chegasse à universidade. E por quê? Porque permanecia e prevalecia uma mentalidade escravista: ‘pobre não tem que aprender, pobre tem que trabalhar. Negro não tem que aprender, negro tem que trabalhar’. E nós precisamos provar: pobre, negro e nordestino é gente, e todo mundo quer ter o direito de se desenvolver e quer ter oportunidade. É isso, nada mais do que isso. Nós queremos apenas oportunidade, que as pessoas tenham a chance de disputar a mesma vaga, o mesmo emprego. (Lula, 2022, s.p)

Outras frases que apareceram no vídeo, foram as seguintes: “O pobre é um número”. “Eu, há vinte anos atrás, dizia ‘Pobre é utilizado como se fosse papel higiênico” “Tem uma baita utilidade na época da eleição, depois joga ele fora e esquece”. A redatora Burbulhan (2025) aponta que esse compilado de frases realmente foram ditas, mas foram apresentadas de forma incompleta. As mesmas foram discursadas no Encontro dos Movimentos Sociais do Campo, das Florestas e das Águas, que ocorreu em 2021, em São Paulo. Burbulhan (2025) sinaliza que Lula, nessas frases, estava se referindo à outros políticos que utilizam da porcentagem da população pobre para promover campanhas.

Como mencionado anteriormente, a técnica de criar um contexto falso é utilizado em diversos formatos, e em muitos lugares do mundo, trazendo danos grandes a quem interpreta se não tiver o cuidado de conferir todas as informações.

### 2.1.5 Conteúdo Impostor

A autora Wardle (2020) aponta que o nosso cérebro tem a tendência de simplificar o entendimento associando alguns elementos a algo que conhecemos, em um processo que se denomina como heurística. “Heurística são atalhos mentais que nos ajudam a entender o mundo. Ver uma marca que já conhecemos é uma heurística muito poderosa”. (Wardle, 2020, p.36). Esses atalhos facilitam o processo da técnica de criar conteúdo impostor, já que muitos conteúdos tendenciosos e desinformativos utilizam de logos, cores e formato de escritas jornalísticas de veículos tradicionais para enganar as pessoas. E muitos indivíduos caem nessa técnica por justamente achar que são notícias confiáveis e ligarem as mídias tradicionais.

No Brasil, uma das áreas mais afetadas em relação a conteúdos impostores, é à saúde. Um estudo produzido em 2024 pelo Aos Fatos<sup>2</sup>, com o apoio do edital Codesinfo, organizado pelo Projor e patrocinado pela *Google News Initiative*, analisou como anúncios utilizam sites jornalísticos para espalhar desinformação relacionadas à saúde.

O estudo apontou que as principais ferramentas utilizadas para divulgação das mesmas era a utilização de Anúncios Nativos e Algoritmos de Recomendação de Conteúdo. IAB (*International Advertising Bureau*) *apud* Bortolon; Fávero; Mangabeira; Bartels e Souza (2024) definem como Anúncios Nativos publicidade que se adapta, tanto no *layout* quanto no comportamento da plataforma em que se está inserido. “Um anúncio nativo num buscador como o Google, por exemplo, se parece com um resultado de busca. No Instagram, com um *post* orgânico no *feed*. Num site jornalístico, ele emula o visual e a linguagem de uma notícia”. (Bortolon; Fávero; Mangabeira; Bartels e Souza, 2024, s.p). Tudo isso gera uma confusão em

---

<sup>2</sup>Estudo disponível em:

<https://www.aosfatos.org/noticias/anuncios-sites-jornalisticos-desinformacao-saude-curas-falsas>

Acesso em: 7 set. 2025.

quem está lendo, pois como Wardle (2020) já apontou, o cérebro humano utiliza de atalhos mentais para decifrar a mensagem de forma rápida.

Já em relação aos Algoritmos de Recomendação de Conteúdo, os autores Bortolon; Fávero; Mangabeira; Bartels e Souza (2024) apontam que são caixas que possuem diversas seções, que geralmente aparecem no final das reportagens e recomendam diversos conteúdos relacionados ou que chamem a atenção, podendo ser links para outras notícias ou anúncios de produtos. Além disso, os autores enfatizam que grande parte dos principais veículos tradicionais de comunicação, como Folha de S.Paulo, O Globo e Estadão, utilizam nas suas plataformas essas caixas de recomendações.

Na figura abaixo, tem-se exemplos da caixa de recomendações para ilustrar melhor o exemplo citado:

Figura 2 – Exemplo de Caixas de Recomendação de Conteúdo

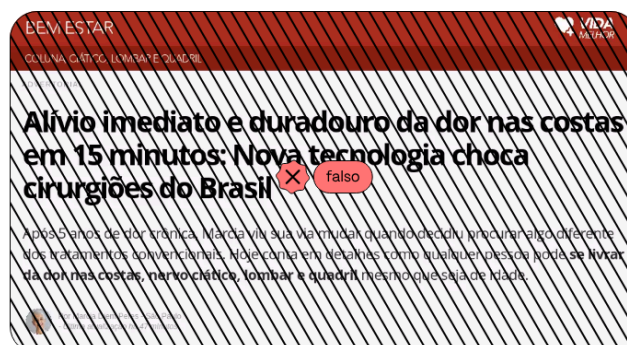


Fonte: Aos Fatos (2024).

Para os autores, “todo anúncio nativo em site jornalístico tenta, por definição, imitar o formato de uma notícia”. (Bortolon; Fávero; Mangabeira; Bartels e Souza, 2024, s.p). Indo além, os autores complementam que grande parte dos anúncios desinformativos imitam *layout* e o estilo de escrita de portais como o G1, UOL e R7, para passar a imagem de que aquela informação é verdadeira, por dar a entender que aquele conteúdo foi produzido pelos portais.

Na figura abaixo será apresentado um exemplo de páginas imitadoras.

Figura 3 – Exemplo de página imitadora do G1



Fonte: Aos Fatos (2024). Na imagem é possível ver um anúncio sobre um remédio que alivia dores em uma página que imita o Portal G1.

Outra observação importante, destacada por Bortolon; Fávero; Mangabeira; Bartels e Souza (2024), é sobre quando os anúncios desinformativos aparecem relacionados a notícia nas caixas de recomendação de conteúdos. Para ilustrar esse tópico, os autores trazem como exemplo o que aconteceu com o Jornal Estadão, que produziu uma matéria, que era tradução de um texto jornalístico do jornal *The New York Times*, que abordava como a ingestão de fibras poderia ajudar na redução do risco de contrair diabetes ou outras doenças. No final da matéria aparecia um anúncio falso de um remédio que prometia curar a diabetes.

Abaixo imagens da matéria produzida pelo Estadão e do anúncio do remédio.

Figura 4 – Matéria produzida pelo Estadão e anúncio falso de remédio para cura de diabetes



Fonte: Aos Fatos (2024). À esquerda é possível ver uma reportagem feita pelo jornal Estadão sobre como fibras ajudam na prevenção contra diabetes e outras doenças, e à direita 2 o anúncio falso sobre o remédio milagroso.

Essa técnica se fortalece porque explora heurísticas cognitivas, levando as pessoas a confiarem em conteúdos que apenas parecem vir de fontes legítimas. Isso ocorre tanto em discursos políticos que usam supostas notícias para validar argumentos quanto em anúncios enganosos, como os de remédios para emagrecer. Ao reproduzir logos, cores e formatos jornalísticos, esses conteúdos impostores acionam a sensação de familiaridade e acabam sendo percebidos como verdadeiros.

### **2.1.6 Conteúdo Manipulado**

Wardle (2020), afirma que esse tópico ocorre quando uma imagem ou vídeo original é alterado. Um exemplo recente que aconteceu em solo brasileiro sobre conteúdo manipulado foi referente aos últimos acontecimentos nos Estados Unidos, onde a foto do suspeito de matar o ativista estadunidense Charlie Kirk, foi divulgada nas redes sociais, mais especificamente no X (antigo Twitter), ganhando repercussão porque supostamente encontraram uma foto atual do jovem utilizando uma camiseta com o rosto e com o nome do presidente Lula estampado. Porém, a equipe de checagem de fatos do G1 verificou e constatou que a imagem foi manipulada. A imagem circulava também com a seguinte legenda: “O cara que matou Charlie Kirk em uma foto recente. Ninguém sabe de qual lado político ele era, porém ele sempre admirou a gestão política do Brasil”. (Domingos, 2025, s.p).

Segundo Domingos (2025), autor da matéria de checagem, “trata-se de uma manipulação digital criada a partir de uma foto real extraída do perfil de Tyler Robinson no Facebook e reproduzida em veículos de imprensa americanos”. (Domingos, 2025, s.p).

Figura 5 - Exemplo de Conteúdo Manipulado - foto Tyler Robinson



Fonte: G1 (2025). A primeira imagem é a foto original, onde é possível visualizar que a camiseta de Tyler não possui estampa. Já na segunda foto é a imagem manipulada com o rosto e o nome de Lula.

A última esfera trabalhada por Wardle (2020) é "Conteúdo Fabricado", que será abordado a seguir.

### 2.1.7 Conteúdo Fabricado

Segundo Wardle (2020), nessa categoria o conteúdo é 100% falso. A mesma aborda diversos exemplos, mas o que ela mais frisa é em relação ao uso da tecnologia, mas especificamente a IA (Inteligência Artificial) para criar imagens e vídeos totalmente falsos, conhecidos como *Deepfakes*.

O exemplo pontuado por Wardle (2020) foi um vídeo produzido com o rosto e voz de Mark Zuckerberg, fundador da Meta. O conteúdo em questão não foi usado para desinformação, mas sim como teste para observar se a plataforma do Instagram derrubaria. Entretanto, Wardle (2020, p.57.) aponta que "ironicamente, [...] o Instagram disse que o vídeo não violava suas políticas". A autora destaca que o jornal CBS, que teve seu logo utilizado no vídeo também, descreveu o vídeo como conteúdo impostor.

Figura 6 – Exemplo de Conteúdo Fabricado - *Deepfake* de Mark Zuckerberg



Fonte: Wardle (2020). O print acima mostra um vídeo *Fake* produzido por IA, que utiliza a imagem de Zuckerberg e a logotipia do jornal CBS.

Um exemplo recente que aconteceu no Brasil relacionado a *Deepfake*, foi com o influenciador Felca. Porém, diferentemente do case apresentado pela autora Wardle (2020), que tinha como objetivo utilizar o vídeo manipulado como estudo para testar a política de uma mídia social, como o caso de Zuckerberg. O *deepfake* de Felca tinha a intenção de prejudicar a sua imagem pública. Segundo Trench (2025), membro da equipe de checagem de fatos do G1, o vídeo adulterado teria utilizado imagens da entrevista do influenciador no programa “Conversa com Bial”.

O *deepfake* circulou por diversas plataformas como TikTok, Facebook, e Youtube no início de setembro. A entrevista verdadeira foi ao ar na TV Globo e no canal GNT no final de agosto. E segundo Trench (2025), não teve nenhuma menção à política na entrevista. Felca foi convidado para falar sobre o caso que o mesmo estava investigando sobre adultização de crianças e adolescentes na internet.

No vídeo adulterado, eles utilizaram um trecho da entrevista, e gravaram por cima com IA a seguinte frase: "O único presidente que já teve coragem de peitar o império, de mandar recado duro para quem sempre humilhou o Brasil, hoje é tratado como inimigo por brasileiros". (Trench, 2025, s.p). Outro trecho pontuado pelo G1 foi o seguinte: "Quando o gringo meteu 50% de tarifa no agro, teve gente daqui que bateu palma". (Trench, 2025, s.p). Ambos são totalmente falsos.

Abaixo será apresentado um print de como o vídeo circulava nas redes sociais.

Figura 7 – Exemplo de Conteúdo Fabricado - *Deepfake* de Felca



Fonte: G1(2025). O print acima mostra como o *deepfake* estava sendo divulgado nas redes sociais. Em cima aparecia o vídeo adulterado de Felca, e embaixo uma imagem de Lula.

Por fim, a autora Wardle (2020, p.59.) salienta que o fenômeno da poluição informacional é algo complexo, e para compreender e encontrar soluções para enfrentar esses desafios é necessário entender “a linguagem que usamos [...]. A terminologia e as definições são importantes”. Principalmente porque separar em categorias facilita na hora de explicar para a população como essas técnicas estão sendo aplicadas.

Para resumir todas as categorias abordadas por Wardle (2020), será apresentado abaixo as definições de cada etapa, em seus níveis: baixo ou alto dano.

Figura 8 - Classificação de conteúdos com baixo dano



Fonte: Elaborado pela a autora (2025), conteúdo adaptado dos estudos de Wardle (2020), em parceria com *First Draft*.

Figura 9 – Classificação de conteúdos com alto dano



Fonte: Elaborado pela a autora (2025), conteúdo adaptado dos estudos de Wardle (2020), em parceria com *First Draft*.

Por fim, essas foram as definições e abordagens sobre desinformação escolhidas para esse estudo. Como o assunto é bem atual, existem diversas percepções sobre o tema. Entretanto, o estudo de Wardle (2020), é um dos mais citados por diversos autores, por essa razão, este trabalho irá levar em consideração o estudo da autora.

Agora que já foi abordado a conceituação dos principais conceitos sobre desinformação, o próximo subcapítulo irá focar em como a desinformação ganha dinâmica no meio digital, e como está conectado com outros conceitos como: Pós-verdade, Teoria da Conspiração e Negacionismo.

## 2.2 A DESINFORMAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Embora, no tópico anterior, os termos “*Fake News*” e “Desinformação” tenham sido detalhados em diferentes categorias, neste subtópico as expressões serão utilizadas de forma mais ampla, tanto para facilitar a leitura quanto para manter a coerência com a maneira como os autores citados as empregam em seus estudos.

Apesar de ambas as expressões serem consideravelmente recentes, suas práticas já estavam registradas nos livros de História. Os autores Forster; Carvalho; Figueiras e Avila (2021), trazem que as práticas de desinformação já eram muito

utilizadas, principalmente para manchar a reputação de um oponente, como foi o caso do Imperador Augusto, na década de 30 a.c, que realizou atos de calúnia contra seu principal rival, Marco Antônio, pelo poder de Roma. Para isso, utilizou poesias declamadas em público para representar Marco como um bêbado, irresponsável e adúltero.

Pinheiro (2019) também aborda situações de *Fake News* no passado. Segundo o autor, no século XIX e início do XX, notícias falsas eram mais frequentes do que era possível imaginar, já que diversos panfletos e jornais disputavam a atenção da sociedade, ainda mais que a maioria adaptava sua linguagem e ordem dos fatos ao seu favor para garantir espaço na opinião pública. Além disso, Pinheiro (2019) ressalta que a *fake news* mais famosa da história, e que até na atualidade muitas pessoas ainda acreditam, foi produzida pela polícia czarista no século XX, onde os mesmos afirmavam que a comunidade judaica estava planejando governar o mundo. Essa desinformação ficou conhecida como “Os protocolos dos sábios de Sião”. Ademais, o autor pontua que os meios de comunicação de massa foram um grande divisor de águas naquele momento, já que reduziam o número de fontes desconhecidas, e centralizava a opinião pública. Entretanto, com o advento da internet, as pessoas voltaram a produzir conteúdos, descentralizando os meios de comunicação de massa novamente.

Abordando essa descentralização dos meios de comunicação de massa, tem-se o exemplo da campanha de Trump em 2016, que fez com que o termo *fake news* se popularizasse nas mídias sociais. Entretanto, não de forma positiva, já que segundo Forster, Carvalho, Figueiras e Avila (2021), a expressão é frequentemente utilizada por Trump para definir informações que mexem negativamente com a sua reputação, mesmo que as mesmas sejam verdadeiras.

Utilizando dessa forma a expressão como uma estratégia para atacar seus opositores e a imprensa tradicional, como a *The New York Times* e a CNN. Para corroborar com os autores sobre os ataques aos jornais tradicionais, Schwartz (2018) abordou em seu texto a premiação intitulada “*Fake News Awards*” realizada por Trump e sua equipe, no site do Comitê Nacional Republicano. Nessa premiação foram escolhidas 10 notícias de diversos jornais tradicionais estadunidenses, onde

os veículos de comunicação admitiram terem errado, e logo após consertaram a informação.

Outra figura pública que utiliza dos mesmos mecanismos que Trump, é o ex-presidente Bolsonaro, os autores Pisa e Quessada (2024) mencionam que tanto Trump quanto Bolsonaro, são ótimos exemplos de líderes políticos que utilizam de discursos de ódio contra a imprensa, para se promoverem na esfera pública. Viscardi (2020), em seu artigo, aponta que Bolsonaro além de descredibilizar a imprensa, cria uma nova realidade, onde tenta relacionar “mentira e *fake news*” com seus rivais (partidos com ideias contrárias e veículos informativos tradicionais), e “verdade” com ele e seus aliados. Além de que, utiliza da estratégia de populismo digital, para criar conexão com o público através das redes sociais, criando elos com a comunidade, através da ilusão de um inimigo em comum, e com a identificação de uma figura política mais acessível.

Pinheiro (2019, p.63.) aponta que a estratégia de campanhas desinformativas para descredibilizar a imprensa no geral é “uma peça central na promoção de *fake news*.”. E é a partir desse momento que as pessoas começam a se questionar sobre o quão verdadeiros são os veículos de comunicação, pois a desinformação tenta a todo custo questionar a realidade, e por muitas vezes, os jornais não conseguem trazer todos os argumentos plausíveis a tempo ou alcançar grande parte da população. Inclusive, o autor destaca que a crença que a mídia engana é antiga e saturada. Antigamente “podíamos nos dar ao luxo de repeti-lo sabendo que não existia alternativa; a crítica era sem custo. Não mais.” (Pinheiro, 2019, p.63).

Outra fala comum ressaltada por Pinheiro (2019) é em relação ao viés político da mídia (se é de direita ou esquerda), segundo o autor esse apontamento não tem tanta relevância quando se considera as mídias tradicionais, pois nenhuma publicação vai ser totalmente imparcial, porém as mesmas pessoas que reclamam disso, são aquelas que buscam se informar em sites extremistas ou através das mídias, como WhatsApp, que diga-se de passagem, geralmente não estão relacionadas a jornalistas sérios ou fontes confiáveis.

A desinformação traz inúmeros malefícios, principalmente porque é usada como estratégia para descredibilizar a imprensa ou promover discursos de ódio, por

exemplo, mas porque as pessoas acreditam e compartilham conteúdos desinformativos? No próximo subtópico será explorada essa questão.

### **2.2.1 Por que as pessoas acreditam e compartilham *fake news*?**

Com a popularização dos termos desinformação e *fake news*, surge o seguinte questionamento: Por que as pessoas acreditam e repassam conteúdos desinformativos? E para responder, os autores Bruno e Roque (2019, p.9) argumentam que a hipótese de que as pessoas repassam desinformação porque não sabem identificar ou por serem manipuláveis, é totalmente equivocada, pois para eles existem outros elementos que as influenciam e essa teoria só reforçaria o estereótipo de que boa parte da população teria “déficit cognitivo e intelectual”. . Inclusive, os autores destacam que algumas análises políticas apontam que o fator essencial que motiva as pessoas a acreditarem e compartilharem *fake news* tem relação direta com uma fonte que passa credibilidade e confiança. E “uma notícia que gera confiança não precisa ser necessariamente verdadeira.” (Bruno e Roque, 2019, p.9).

Os autores buscaram entender a psicologia por trás de como os receptores dessas informações entendiam e lidavam com a veracidade dessas mensagens. O documento que os mesmos citam é o da *Rand Corporation*, que destacou a técnica de *firehosing*, que significa “apontar para o receptor uma mangueira com grande intensidade de água, como a que é usada para apagar incêndios.” (Bruno e Roque, 2019, p.10), só que no lugar da água seriam informações. Essa técnica foi estudada pela área de psicologia para entender a eficiência da “propaganda russa”, que usa desse mecanismo para distribuir desinformação. Essa técnica só funciona porque ela dá credibilidade aos conteúdos. Já a agilidade é um ponto crucial para causar a primeira impressão e convencer os leitores, e esse é um grande desafio para a imprensa que não consegue apurar os fatos com tanta rapidez quanto é compartilhado um conteúdo desinformativo. (Bruno e Roque, 2019, p.10).

Outro estudo citado pelos autores foi de Stephan Lewandowsky, que corrobora com a afirmação que a agilidade da mensagem influencia na percepção das pessoas, mesmo após a mesma ser comprovada falsa. O estudo de

Lewandowsky também afirma que a variedade de mídias também fortalece o senso de credibilidade. “Quando submetidas a um grande volume de informação, as pessoas usam heurísticas variadas para determinar se uma informação é digna de crédito, e a multiplicidade das fontes é um fator decisivo.” (Bruno e Roque, 2019, p.10).

Os autores Farias, Cardoso e Oliveira (2020) também corroboram com Bruno e Roque (2019) apontando que o excesso de informação em diferentes canais faz com que as pessoas não consigam processar e focar direito nos conteúdos, abrindo margens para a desinformação, já que “o excesso de informação e a dinâmica de fluidez frenética da vida em rede atordoa o cidadão e é justamente esse excesso que atinge a capacidade analítica”(Ferrari e Boarini, 2020, p.40).

A autora Barbosa (2019) traz um outro *insight* sobre o motivo das pessoas compartilharem *fake news*. Ela realizou uma entrevista com Peter Warren Singer, cientista político norte-americano especializado em guerras no século XXI, em que o mesmo aborda que atualmente vivemos em uma “Guerra de *Likes*”, que afeta todas as camadas da sociedade, desde governos até os indivíduos. Onde a busca por aprovação, através de *likes*, nos coloca na bolha da “negação ativa”. E esse fenômeno está tão presente que se tornou um tipo de “campanha para manipular desde os nossos pensamentos até as nossas ações: o ato de escolher qual filme assistir ou em quem votar e até os nossos pensamentos em relação à ciência e à verdade.” (Barbosa, 2019, p.66).

Scofield (2019, p.45) destaca que boa parte da desinformação compartilhada nos meios de comunicação, sejam as redes sociais ou na grande mídia, tem como propósito enganar e manipular as pessoas seja para “desconstruir a reputação de uma pessoa, de uma marca, de um partido, de um ideal”. O autor destaca também um curso criado pela jornalista e pesquisadora Claire Wardle, que é diretora de pesquisa do instituto *First Draft*, intitulado “como identificar e verificar o que você vê na rede”. De acordo com Scofield (2019), Wardle aponta que as pessoas possuem uma maneira emocional para processar informações, porém não é relacionado com o bem e o mal ou o certo e o errado, mas tem conexão com

[...] o que se acredita, aquilo que se teme e o ambiente ao redor. Diz ela que os altos níveis de incerteza, de mudanças e de medo que nos cercam

acabam criando uma necessidade de pertencimento jamais vista: a velha “bolha” que criamos para nos confortar. (Scofield, 2019, p.45).

Complementando, Scofield (2019) aponta que essa “bolha de conforto” altera nossa percepção e nos mantém em estado de alerta sobre diversas questões, como os avanços tecnológicos que substituem a mão de obra humana; a intensificação dos movimentos migratórios em escala global, fenômeno que evidencia o tensionamento entre a defesa da dignidade de populações que fogem de guerras e misérias e o fortalecimento de discursos nacionalistas manipulados; o aquecimento global impondo transformações cujos impactos ainda não são plenamente relacionados, de forma clara, aos efeitos climáticos vivenciados no presente e às dificuldades que serão enfrentadas pelas gerações futuras; e por fim, destaca-se o crescimento do fundamentalismo religioso, em suas múltiplas manifestações, que ameaça o bem-estar de determinados grupos sociais ao instrumentalizar vulnerabilidades em nome de crenças religiosas.

Após compreender os principais aspectos dos conceitos de desinformação e *fake news*, ou melhor da Desordem Informacional, é importante considerar outros termos bem importantes, que estão sempre atrelados a desinformação, que são os conceitos Pós-verdade e Teorias da Conspiração. O termo Negacionismo também é associado tanto com os próximos tópicos que serão abordados quanto com a Desordem Informacional, porém será explorado somente no próximo capítulo.

### 2.3 CONSEQUÊNCIAS DA DESINFORMAÇÃO

Como mencionado anteriormente, a Desordem Informacional abrange diferentes camadas e conceitos que buscam compreender o funcionamento do mundo após a integração das redes sociais e da internet nas dinâmicas sociais. Inicialmente, será abordado o termo “Pós-verdade”, por sua relação direta com a desinformação. Em seguida, será apresentado o conceito de “Teorias da Conspiração”, que frequentemente servem como base para a produção e disseminação de conteúdos desinformativos.

### 2.3.1 Pós-verdade

O fenômeno da Pós-verdade ganhou força juntamente com as *fake news*. Porém, assim como a desinformação e as *fake news*, o fenômeno da pós-verdade, segundo os autores Thiollent e Lima (2020), também não é algo recente, pois já vem sendo discutido desde os anos 2000. Entretanto ganhou mais notoriedade com as mídias sociais, pois os indivíduos não estão conseguindo distinguir informações verdadeiras das falsas, ou vice-versa. Os autores apontam que a pós-verdade:

[...] é usado para se referir a uma situação de comunicação social, na qual alguns interlocutores, especialmente aqueles ligados ao poder, ou buscando obter poder, não atribuem importância especial à verdade do que eles dizem para os outros. Além disso, esses interlocutores não mostram as evidências e outras formas de verificar a verdade de suas palavras e utilizam uma linguagem que impõe aos outros uma visão de mundo, política ou religiosa, que justifique suas posições ou decisões. Suas interpretações e convicções aparentes são mais importantes que os fatos. (Thiollent e Lima, 2020, p.58)

A Academia Brasileira de Letras (s.d) aborda a conceituação de pós-verdade como:

Informação ou asserção que distorce deliberadamente a verdade, ou algo real, caracterizada pelo forte apelo à emoção, e que, tomando como base crenças difundidas, em detrimento de fatos apurados, tende a ser aceita como verdadeira, influenciando a opinião pública e comportamentos sociais. (Academia Brasileira de Letras, S.D, N.P)

Os autores Vaquero, Birochi e Fiates (2020) apontam que o fenômeno da pós-verdade é complexo, e abrange diversas camadas. O principal meio, segundo os autores, é a internet, pois é através dela que as pessoas possuem acesso a informações que confirmam suas crenças, pois ela:

[...] pressupõe que, por exemplo, se perca a necessidade de estabelecer vínculo e coerência com o real, com o factual e com o objetivo e se passe a acreditar e propagar aquilo que foi escolhido numa seleção afetiva de dados, e que possivelmente seria restrito a um universo particular. (Vaquero, Birochi e Fiates, 2020, p.59)

Para os autores, a pós-verdade só evidencia como as pessoas querem provar as suas crenças a todo custo, mesmo que elas não tenham conexão com a realidade ou comprovações científicas. Inclusive, esse fenômeno é visto bastante na esfera política. A autora Barbosa (2020) comenta sobre os questionamentos estranhos que estão movimentando a esfera pública, principalmente no meio digital.

Ela cita um termo que o presidente Trump costuma declamar para seus eleitores que é “fatos alternativos”, onde o mesmo sugere que cada um tem a sua verdade. A autora ainda destaca que cada vez mais será possível que as pessoas tenham essa percepção, pois apesar de todos estarem no mesmo mundo, a maneira como cada indivíduo interpreta uma situação, irá depender do seu *feed* nas mídias sociais. “Mesmo com evidências e documentos, as pessoas vão vivenciar acontecimentos de formas distintas e escolher as suas verdades. Isso é apavorante”. (Barbosa, 2020, p.69).

Vaquero, Birochi e Fiates (2020, p.61) à medida que a internet passou a ocupar um espaço cada vez maior na vida das pessoas, ela ajudou a florescer a pós-verdade, que passou de ser “uma característica mais isolada de afirmações particulares a uma propensão generalizada de nossa época”.

Além disso, os autores trazem a resenha de Keyes (2019), que destaca que nessa era de pós-verdade, os casos extremos se misturam e se confundem, por exemplo: a verdade e a mentira, a honestidade e desonestidade, o real e o fictício. “Quando muitos de nós vendemos fantasias como fato, a sociedade perde o seu fundamento, que é ancorado na realidade”. (Vaquero, Birochi e Fiates, 2020, p.61).

Outro estudo importante que os autores ressaltam é de Parker e Racz (2019), que compararam defensores da pós-verdade, principalmente os negacionistas climáticos e os terraplanistas (indivíduos que acreditam que a terra é plana), com as estratégias utilizadas em 1960 por profissionais de relações públicas das empresas que vendiam tabaco.

Inclusive, Vaquero, Birochi e Fiates (2020) apontam que os estudiosos encontraram muitas semelhanças entre esses objetos de estudo. Pois as táticas utilizadas pelos profissionais em 1960 consistiam em questionar os estudos médicos sobre os malefícios do tabaco, o que gerou “um conflito direto com a ciência normal daquele período, colocando à prova a comunidade científica, os seus paradigmas e, em última instância, a própria ciência”. (Parker e Racz, 2019, s.p *apud* Vaquero, Birochi e Fiates, 2020, p.61).

Ainda sobre o estudo, os autores destacam que essas táticas são muitas utilizadas na atualidade pelos negacionistas climáticos, e que os mesmos são

financiados pela ultradireita e empresas de petróleo e agro, e o motivo seria para causar um distanciamento do estado em relação ao mercado.

Esse último estudo traz muitas reflexões sobre como pautas importantes são enfraquecidas por causa de interesses de alguns grupos específicos. Conectando com o próximo subtópico, temos uma outra tática bastante utilizada e que está sempre na discussão da opinião pública, que são as Teorias da Conspiração.

### 2.3.2 Teorias Conspiratórias

Para compreender o impacto das Teorias Conspiratórias, faz-se necessário entender o que são Teorias Conspiratórias, e para isso Carvalho (2021) traz duas abordagens. A primeira é dos autores Medeiros e Azevedo (2020), que apontam que:

Teorias conspiratórias são crenças explicativas de eventos de grande impacto social que tomam esses eventos como efeitos da atividade de grupos ou organizações, que, não obstante, mantém o seu papel causal escondido da opinião pública. (Medeiros; Azevedo, 2020, s.p *apud* Carvalho, 2021, p.4)

Já a segunda abordagem é do autor Keeley (1990), que de acordo com Carvalho (2021), descrevia o termo como:

Uma teoria conspiratória é uma explicação proposta para algum(s) evento(s) histórico(s) em termos de uma agência causal significativa de um grupo pequeno de pessoas, os conspiradores, agindo em segredo (Keeley, 1999, p. 116, *apud* Carvalho, 2021, p.4)

Considerando estas definições, Carvalho (2021) destaca que as teorias conspiratórias que mais chamam a atenção geralmente são as mais improváveis de acontecer, pois as pessoas estão interessadas em explicações para problemas que afetam a vida de muitos. Inclusive, o autor destaca que as teorias mais famosas são aquelas que sugerem explicações alternativas, mesmo que existam explicações claras com comprovações científicas, as pessoas preferem acreditar em um fato absurdo, sem precisar de comprovações para essa explicação alternativa. E os estudiosos e documentos oficiais são acusados de participarem da conspiração, ou porque distorcem a realidade ou porque as fontes são fracas.

Carvalho (2021) aborda outra explicação sobre as teorias conspiratórias que explica melhor o motivo pelo qual as pessoas criam conteúdos conspiratórios.

Segundo Carvalho (2021) para Cassam (2019) as “Teorias da Conspiração são primeiro e antes de tudo formas de propaganda política. Elas são estratégias políticas cuja função real é promover uma agenda política”. Para o autor, a principal característica entre as teorias conspiratórias improváveis é que elas são utilizadas como uma estratégia política, assim como afirma Cassam (2019). Como exemplos, Carvalho (2021) cita a teoria de que o Holocausto teria sido uma invenção dos Judeus para dominar o mundo, o que seria uma pauta para promover a agenda antissemita.

Outra teoria apontada era de que o governo estadunidense que teria derrubado as torres gêmeas, isso teria surgido para gerar uma apatia pelo governo daquela época. E por último a mais conhecida, que a família real britânica era a responsável pela morte da princesa Diana, essa teoria tinha como objetivo prejudicar a imagem da família real.

Outro ponto destacado por Carvalho (2021) é em relação aos problemas gerados pelas pessoas que acreditam nas teorias da conspiração, porque as consequências afetam terceiros. O autor cita como exemplo a teoria de que as empresas farmacêuticas escondem segredos em relação às vacinas, e que a vacina da meningite gera autismo, o que deixa muitas pessoas assustadas, e conseqüentemente faz com que muitos pais não vacinem seus filhos, trazendo consequências negativas tanto para os seus filhos quanto para as outras crianças com quem convivem. O autor também menciona a teoria de que o aquecimento global seria uma invenção dos cientistas, tema que será aprofundado no próximo capítulo. Tal perspectiva representa um entrave à adoção de medidas capazes de mitigar os impactos para as futuras gerações.

Além disso, Carvalho (2021, p.13.) também expõe que a crença nas teorias conspiratórias é um problema para a difusão do conhecimento, pois “A teoria conspiratória se radicaliza na medida em que cada vez mais pessoas e instituições são envolvidas na conspiração”. Isso eleva o nível de desconfiança dos indivíduos, e tudo que especialistas falam sobre o tema, passa a ser ignorado impedindo assim, que as pessoas tenham acesso ao conhecimento.

Stert e Grisotto (2021, p.5) apontam que “quão mais baixos são os índices de pensamento analítico de uma pessoa, maiores são as chances de que ela adira a

alguma teoria de conspiração”. Para compreender melhor como funciona o nível de aceitação das pessoas acerca das teorias, os autores destacam que a ideia de uma sociedade iluminista que tem como base a razão, não passa de uma crença ilusória. Pois assim como os indivíduos que viviam na idade média não tinham um conhecimento aprofundado na religião, “o cidadão comum contemporâneo não é um conhecedor dos paradigmas científicos vigentes” (Stert e Grisotto, 2021, p.6).

Olhando para a evolução humana, os autores destacam ainda que o cérebro humano foi adaptado para simplificar as informações, por isso muitas vezes as teorias conspiratórias são mais atrativas do que a ciência, mas Stert e Grisotto (2021, p.7.) afirmam que “ainda assim, a adesão a uma teoria de conspiração é processual, paulatina. Em outras palavras, a endoutrinação de indivíduos não acontece de forma imediata”.

Outro ponto de vista ressaltado pelos autores, é a visão de Goertzel (1994), que expõe que existe uma “mentalidade” que explicaria o motivo das pessoas terem crenças baseadas na desconfiança em relação a órgãos oficiais, e que isso seria o principal motivo das teorias conspiratórias e do extremismo político darem tão certo e terem diversos adeptos. Stert e Grisotto (2021) também mencionam Karl Popper (1957), que interpretava as teorias da conspiração de forma unilateral, entendendo-as apenas como a transposição da superstição religiosa para manifestações laicas. “Como tal, determinados grupos considerados simpatizantes dessa “mentalidade” são naturalizados como mais propícios a esse tipo de pensamento”. (Stert e Grisotto, 2021, p.7).

Por fim, Stert e Grisotto (2021, p.7.) evidenciam que o entendimento e adesão dos indivíduos em relação às teorias conspiratórias se dá pelo “processo de endoutrinação e os graus de aceitação [...] são variados, ocorrendo em momentos e níveis específicos para cada indivíduo”.

Entender esses tópicos é importante para identificar e classificar melhor conteúdos desinformativos, além de compreender com clareza como ocorre o processo que faz alguns membros da sociedade acreditarem nessas narrativas falsas.

O próximo capítulo tratará dos conceitos de sustentabilidade e negacionismo, com foco nas discussões sobre o negacionismo climático. Serão abordadas as

transformações em torno da sustentabilidade ao longo dos anos e as implicações sociais e políticas desse fenômeno, destacando como determinados discursos têm influenciado a percepção pública sobre as mudanças climáticas. Além disso, será discutido o papel das empresas e dos profissionais de Relações Públicas na promoção de práticas sustentáveis alinhadas à Agenda 2030.

### 3 SUSTENTABILIDADE E NEGACIONISMO

Após a análise dos conceitos de desinformação, pós-verdade e teorias conspiratórias, bem como de seus impactos na esfera pública, realizada no capítulo anterior, esta parte tem como objetivo compreender e aprofundar os conceitos de sustentabilidade e negacionismo climático. Assim como na seção anterior, que apresentou uma linha do tempo da desinformação, aqui será adotada uma abordagem semelhante, buscando compreender o papel e a relevância da sustentabilidade enquanto eixo central da discussão, além de analisar como o negacionismo climático influencia a percepção da sociedade sobre a importância da preservação ambiental e conseqüentemente sobre a pauta do aquecimento global.

Inicialmente será abordado a conceitualização do termo sustentabilidade, bem como a sua evolução ao longo do tempo, e como as empresas privadas e comunidades tratam o tema. Após será abordado a conceituação do termo negacionismo e seu derivante, negacionismo climático. Por fim, será explorado como os fenômenos ganham espaço nas mídias e na esfera pública.

#### 3.1 CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE

O termo sustentabilidade, segundo os autores Paz e Kipper (2016, p.6.), tem origem do latim “*sustentare*”, que significa “sustentar, suportar, conservar em bom estado, manter, resistir”. Para complementar, os autores trazem o ponto de vista de Lange, Busch e Delgado (2012), que definem a sustentabilidade da seguinte forma:

[...] pode ser definida como uma abordagem de negócio que considera de forma equilibrada e holística os aspectos econômicos, sociais e ambientais gerando em longo prazo benefícios a gerações futuras e as partes interessadas ‘stakeholders’. (Lange, Busch e Delgado, 2012, s.p *apud* Paz e Kipper, 2016, p.2).

Segundo os autores Baldissera e Mourão (2015) o termo sustentabilidade foi utilizado pela primeira vez por Lester Brown na expressão “sociedade sustentável”. Além disso, os autores pontuam que a expressão utilizada por Brown foi associada ao termo “desenvolvimento sustentável”, principalmente porque a sociedade naquela época precisava mudar os seus modos de produção e consumo.

Entretanto, o termo ficou mais conhecido por conta do relatório da ONU (Organização das Nações Unidas) denominado “*Our Common Future*” (Nosso Futuro Comum, em tradução livre), que foi publicado em 1987 pela Comissão Brundtland (National Geographic, 2023, s.p). No relatório eles trabalham com o termo definindo-o como “aquilo que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades”. (ONU, 1991, p.2).

De acordo com Lobato e Neiva (2022, p. 74), a preocupação com o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável emergiu em decorrência de uma “crise de valores e paradigmas, marcante nas sociedades impactadas pelas revoluções sociais do século XX, e dos dados alarmantes sobre riscos climáticos e ambientais”. Os autores ressaltam que apesar do termo ter sido simplificado, as organizações privadas e públicas, juntamente com os governos conseguiram absorver rapidamente o conceito em suas vivências. Os autores ainda abordam que a ONU foi a grande responsável por fazer com que as discussões sobre desenvolvimento sustentável ganhassem cada vez mais relevância no mundo, principalmente em áreas como administração, estratégia e governança. Utilizando como tática “uma abordagem de especial apelo para estimular um comportamento revisionista em corporações e seus planos de negócios”. (Lobato e Neiva, 2022, p.74).

Para entender como o desenvolvimento sustentável ganhou relevância no mundo é válido destacar como foi o processo das primeiras discussões sobre o tema. No próximo tópico será realizada uma linha do tempo desde o primeiro documento que ganhou relevância até os dias atuais.

### 3.2 EVOLUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Inicialmente a primeira discussão sobre o meio ambiente e como os meios de produção precisavam serem revistos para diminuir os impactos negativos na natureza começou na década de 1960, através da escritora, cientista e ecologista Rachel Carsol, que publicou o livro “Primavera Silenciosa”, em que abordava os efeitos negativo dos pesticidas DDT (diclorodifeniltricloroetano) (Baldissera e Mourão, 2015, p.4). O autor Dias (2017) aponta que esse livro causou uma intensa

revolta entre os agricultores, que destacavam que as colheitas iriam ser prejudicadas em 90% caso não fizessem uso dos pesticidas. Porém, Carrol ressaltou o uso de controles biológicos como solução para acabar com as pragas. A repercussão do livro, segundo Dias (2017), fez com o Senado dos EUA criassem leis que proibissem o uso de pesticidas DDT nas plantações. Inclusive o autor destaca que o livro despertou uma atenção especial para as causas ambientais, tanto que nos anos seguintes essa preocupação resultou em campanhas de “intensa inspeção das terras, rios, mares e ares por parte de muitos países, preocupados com danos causados ao meio ambiente”. (Dias, 2017, p.38).

Essa intensa preocupação fez com que ocorresse três reuniões importantes para o desenvolvimento de estratégias para resolver os problemas ambientais. O primeiro encontro, segundo Dias (2017), ocorreu em abril de 1968, quando um grupo de representantes de 10 países encontraram-se em Roma para discutir sobre os principais problemas daquela época, relacionados ao meio ambiente, e quais seriam as estratégias para o futuro. “Deste encontro nasceu o Clube de Roma, uma organização informal descrita, com muita propriedade, como um ‘colégio invisível’”. (Dias, 2017, p.39). O objetivo desse grupo era promover a compreensão das diversas esferas (econômicas, políticas, naturais e sociais) que, embora distintas, são interdependentes e compõem o sistema global. Além disso, buscava sensibilizar tanto os responsáveis por decisões de grande impacto, quanto o público em geral para essa nova forma de entendimento, estimulando assim, a criação de novas iniciativas e planos de ação.

Outro encontro destacado por Dias (2017) foi a Assembleia das Nações Unidas, que ocorreu em 1968 também, e definiu que a primeira Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente Humano iria ocorrer em 1972, na cidade de Estocolmo, na Suécia.

Já o terceiro encontro ocorreu em setembro de 1968, e foi promovido pela UNESCO em Paris. Foi uma “Conferência sobre a conservação e o uso racional dos recursos da biosfera que estabelece as bases para o lançamento, em 1971, do Programa Homem e a Biosfera (MAB)”. (Dias, 2017, p.39).

Segundo o autor, essas reuniões foram o marco nas discussões sobre sustentabilidade. E a partir desses encontros, os países começaram a organizar-se

criando diversos programas, organizações, conferências, projetos e ações que ajudassem a diminuir os impactos negativos decorrentes das revoluções industriais e outras mudanças que o planeta passou.

Abaixo será apresentado uma linha do tempo com os principais acontecimentos que ajudaram a promover as discussões sobre o desenvolvimento sustentável ao longo dos anos, de acordo com Dias (2017).

Quadro 2 – Principais acontecimentos relacionado ao Desenvolvimento Sustentável

Ano	Acontecimento	Observação
1962	Publicação do livro Primavera Silenciosa (Silent Spring)	Livro publicado por Rachel Carson que teve grande repercussão na opinião pública e expunha os perigos do inseticida DDT (diclorodifeniltricloroetano).
1968	Criação do Clube de Roma	Organização informal cujo objetivo era promover o entendimento dos componentes variados, mas interdependentes - econômicos, políticos, naturais e sociais -, que formam o sistema global.
1968	Conferência da UNESCO sobre a conservação e o uso racional dos recursos da biosfera	Nessa reunião, em Paris, foram lançadas as bases para a criação do Programa: Homem e a Biosfera (MAB).
1971	Criação do Programa MAB da UNESCO	Programa de pesquisa no campo das Ciências Naturais e sociais para a conservação da biodiversidade e para a melhoria das relações entre o homem e o meio ambiente
1972	Publicação do livro Os limites do crescimento	Informe apresentado pelo Clube de Roma no qual previa que as tendências que imperavam até então conduziram a uma escassez catastrófica dos recursos naturais e a níveis perigosos de contaminação num prazo de 100 anos.
1972	Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano em Estocolmo, Suécia	A primeira manifestação dos governos de todo o mundo com as consequências da economia sobre o meio ambiente. Participaram 113 Estados-membros da ONU. Um dos resultados do evento foi a criação do Programa das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (PNUMA).
1980	Estratégia Mundial para a Conservação	A IUCN, com a colaboração do PNUMA e do World Wildlife Fund (WWF), adota um plano de longo prazo para conservar os recursos biológicos do planeta. No documento aparece pela primeira vez o

		conceito de "desenvolvimento sustentável".
1983	É formada pela ONU a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CMMAD)	Presidida pela Primeira-Ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, tinha como objetivo examinar as relações entre o meio ambiente e o desenvolvimento e apresentar propostas viáveis.
1987	É publicado o informe Brundtland, da CMMAD, o "Nosso Futuro Comum"	Um dos mais importantes sobre a questão ambiental e o desenvolvimento. Vincula estreitamente economia e ecologia e estabelece o eixo em torno do qual se deve discutir o desenvolvimento, formalizando o conceito de desenvolvimento sustentável.
1991	II Estratégia Mundial para a Conservação: "Cuidando da Terra"	Documento conjunto do IUCN, PNUMA e WWF, mais abrangente que o formulado anteriormente; baseado no Informe Brundtland, preconiza o reforço dos níveis políticos e sociais para a construção de uma sociedade mais sustentável.
1992	Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, ou Cúpula da Terra	Realizada no Rio de Janeiro, constitui-se no mais importante foro mundial já realizado. Abordou novas perspectivas globais e de integração da questão ambiental planetária e definiu mais concretamente o modelo de desenvolvimento sustentável. Participaram 170 Estados, que aprovaram a Declaração do Rio e mais quatro documentos, entre os quais a Agenda 21.
1997	Rio+5	Realizado em New York, teve como objetivo analisar a implementação do Programa da Agenda 21.
2000	I Foro Mundial de âmbito Ministerial - Malmö (Suécia)	Teve como resultado a aprovação da Declaração de Malmö, que examina as novas questões ambientais para o século XXI e adota compromissos no sentido de contribuir mais efetivamente para o desenvolvimento sustentável.
2002	Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável - Rio+10	Realizada em Johannesburgo, nos meses de agosto e setembro, procurou examinar se foram alcançadas as metas estabelecidas pela Conferência do Rio-92 e serviu para que os Estados reiterassem seu compromisso com os princípios do Desenvolvimento Sustentável.
2005	Protocolo de Kyoto	O Protocolo de Kyoto entra em vigor, obrigando países desenvolvidos a reduzir os gases que provocam o efeito estufa e estabelecendo o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo para os países em desenvolvimento.

2007	Relatório do Painel das Mudanças Climáticas	O Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC) divulga seu mais bombástico relatório, apontando as consequências do aquecimento global até 2100, caso os seres humanos nada façam para impedi-lo.
2010	ISO 26000 - Responsabilidade Social	No dia 1ª de novembro, a International Organization for Standardization (ISO) divulga a norma ISO 26000 para a responsabilidade social e que terá grande impacto nas organizações, tornando-as mais sensíveis ao engajamento em projetos visando o desenvolvimento sustentável.
2011	Rumo à economia verde	Em fevereiro, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) divulga o documento "Rumo à economia verde: caminhos para o desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza - síntese para tomadores de decisão", considerado como uma das contribuições-chave ao processo Rio +20 e ao objetivo geral de luta contra a pobreza e promoção de um século XXI sustentável.
2012	Rio +20 - Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável	De 13 a 22 de junho ocorre a nova Conferência da ONU sobre DS no Rio de Janeiro. O encontro gerou um documento final: "O futuro que queremos" e tomou-se a decisão de formar um grupo de trabalho aberto que elaborasse os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável que teriam como meta o ano de 2030
2014	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	A Assembleia da ONU recebe o relatório do grupo de trabalho que ficou encarregado de estabelecer os ODS em substituição aos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (ODM).

Fonte: Dias, 2017, p.69-72. Livro Gestão Ambiental.

Os anos 2012 e 2014 foram fundamentais para nortear a sociedade em relação a práticas sustentáveis, pois foi nesse período que foi desenvolvido a Agenda 2030 e os ODS. (Dias, 2017). Ambos serão abordados no tópico a seguir.

### 3.2.1 Agenda 2030 e os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

De acordo com a ONU Brasil, a Agenda 2030 estabelece um conjunto de metas universais destinadas a promover o desenvolvimento econômico, social e

ambiental de forma equilibrada e integrada. A agenda possui 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), com um total de 169 metas, que abordam questões como erradicação da pobreza, igualdade de gênero, educação de qualidade, saúde, justiça social, proteção ambiental e ação climática. Os ODS representam um compromisso global de governos, empresas e sociedade civil em trabalhar de forma conjunta para alcançar um futuro sustentável até o ano de 2030, estimulando a implementação de políticas, práticas e iniciativas que conciliem crescimento econômico com responsabilidade social e preservação do meio ambiente. Segundo a ONU, os ODS foram baseados nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, que não foram alcançados.

Na imagem abaixo estão ilustrados os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Figura 10 – Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)



Fonte: ONU BRASIL (s.d)

Cada ODS possui metas e indicadores próprios voltados ao seu cumprimento. A seguir o conteúdo de cada objetivo será sintetizado em formato de tabela, com base nas informações disponibilizadas pela ONU Brasil.

Quadro 3 – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

ODS	Título	Definição
1	Erradicação da pobreza	Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares

2	Fome zero e agricultura sustentável	Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável
3	Saúde e bem-estar	Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades
4	Educação de qualidade	Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos
5	Igualdade de gênero	Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas
6	Água limpa e saneamento	Garantir disponibilidade e manejo sustentável da água e saneamento para todos
7	Energia limpa e acessível	Garantir acesso à energia barata, confiável, sustentável e renovável para todos
8	Trabalho decente e crescimento econômico	Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos
9	Inovação infraestrutura	Construir infraestrutura resiliente, promover a industrialização inclusiva e sustentável, e fomentar a inovação
10	Redução das desigualdades	Reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles
11	Cidades e comunidades sustentáveis	Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis
12	Consumo e produção responsáveis	Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis
13	Ação contra a mudança global do clima	Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos
14	Vida na água	Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares, e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável
15	Vida terrestre	Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da Terra e deter a perda da biodiversidade
16	Paz, justiça e instituições eficazes	Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e

		construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis
17	Parcerias e meios de implementação	Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável

Fonte: produzido pela autora com base no site da ONU Brasil (s.d)

No contexto deste estudo, o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 13, “Ação Contra as Mudanças Climáticas”, mostra-se especialmente pertinente, por estabelecer uma conexão direta com a proposta desta pesquisa e por tratar da questão do aquecimento global.

Os autores Liszbinski; Patias; Lago (2025) destacam que o ODS 13, dentre os outros 16 objetivos, é o que se sobressai porque tem um papel fundamental na promoção de ações urgentes contra as mudanças climáticas e seus impactos, principalmente se levar em consideração o cenário atual, onde o planeta está cada vez mais sendo afetado por eventos climáticos extremos e degradação ambiental. Um exemplo de catástrofe ambiental destacado pelos autores foram as enchentes no estado do Rio Grande do Sul, que ocorreram em 2024. Diante desse evento extremo, Liszbinski; Patias; Lago (2025) reforçam que as organizações públicas e privadas se tornam peças fundamentais para que se possa reduzir os efeitos das mudanças climáticas. E em relação ao RS, os setores mais fortes são o agronegócio e as indústrias, que segundo os autores, possuem um papel essencial na economia do estado, porém os seus serviços estão relacionados a exploração de recursos naturais, aumentando assim a emissão de gases do efeito estufa (Liszbinski; Patias; Lago, 2025; Leusin Júnior, 2024). “A integração de práticas sustentáveis que atendam aos princípios do ODS 13 é essencial para garantir a sustentabilidade a longo prazo desse setor, reduzindo impactos ambientais e promovendo a resiliência climática” (Liszbinski; Patias; Lago, 2025, p.1).

Um apontamento importante revelado pelo estudo dos autores Liszbinski, Patias e Lago (2025), que buscavam identificar práticas sustentáveis por parte das organizações dos setores do agro e das indústrias, que possuíssem relação com o ODS 13, revelou que a adoção de práticas sustentáveis era relativamente boa, com uma porcentagem de 75,86%. Esse resultado demonstra que as agroindústrias

contribuem de forma significativa para diversos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável interligados, como o ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável), ODS 6 (Água Potável e Saneamento), ODS 7 (Energia Limpa e Acessível), ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis), ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima), ODS 14 (Vida na Água) e ODS 15 (Vida Terrestre).

No âmbito da ODS 13, destaca-se a criação de um projeto brasileiro em parceria com a ONU e a UNESCO, derivado do compromisso do Pacto Digital Global, para avaliar o impacto da desinformação e seu efeito sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. A iniciativa promove cooperação internacional e prevê a criação de um fundo, administrado pela UNESCO, com meta de arrecadar entre US\$10 e 15 milhões nos próximos três anos, destinado exclusivamente a pesquisas sobre integridade e qualidade da informação relacionada às mudanças climáticas. Segundo o governo brasileiro (2025), a discussão sobre o projeto começou na reunião do G20 realizada no Brasil em 2024, a partir de um apelo do presidente Lula.

A ação climática também é profundamente afetada pelo negacionismo e pela desinformação. Os países não podem resolver esse problema sozinhos. Essa iniciativa reunirá esforços globais para garantir o acesso à informação confiável e promover ações concretas rumo à COP30. (Lula, 2024, s.p).

A fala do presidente reforça o período crítico que a sociedade do planeta inteiro está passando com relação a conteúdos desinformativos, principalmente quando estes estão ligados às mudanças climáticas. Inclusive, o site do governo brasileiro, destaca que o primeiro Relatório Global de Riscos da ONU, divulgado em julho de 2025, ressaltou a falta de informação e a desinformação como a principal vulnerabilidade mundial, que “já em curso e subestimada globalmente, enquanto os riscos ambientais ocupam cinco das dez primeiras posições entre os mais relevantes em todas as regiões” (Gov, 2025, s.p). Além disso, o site destaca também, o risco que a desinformação representa para que se alcance todas as metas estabelecidas pela agenda 2030, que foi reconhecido em 2022 pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), segundo eles:

[...] o enfraquecimento deliberado da ciência contribui para a distorção da percepção sobre o consenso científico, gerando incerteza, negligência em relação aos riscos e à urgência do problema, além de fomentar a dissidência. (Gov, 2025, s.p).

Todas essas discussões são fundamentais para que a Agenda 2030 avance no cumprimento dos objetivos estabelecidos. O negacionismo climático, aliado à disseminação de conteúdos desinformativos, impacta diretamente a percepção da sociedade em relação a temas cruciais, como as mudanças climáticas. No entanto, antes de abordar seus impactos, é necessário compreender os conceitos de aquecimento global e de negacionismo climático, que serão discutidos a seguir.

### 3.3 AQUECIMENTO GLOBAL E NEGACIONISMO CLIMÁTICO

Após a contextualização dos termos sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável no tópico anterior, este irá focar no crescente aumento do negacionismo climático nos últimos anos. Esse fenômeno pode ser visto principalmente em discursos de representantes de nações, como ocorreu esse ano (2025) na Assembleia Geral da ONU, onde o presidente dos EUA, Donald Trump, em seu discurso abordou diversas questões desde a guerra em Gaza até a sustentabilidade, inclusive afirmou que as energias renováveis irão quebrar as nações. “Se você não se livrar do golpe da energia verde, seu país vai fracassar” (Trump, 2025, s.p tradução UOL, 2025, s.p). Essa fala aparece diversas vezes em seu discurso, pois segundo o presidente estadunidense, as energias renováveis são apenas uma estratégia para que a China aumente sua economia, pois segundo ele, a mesma só produz formas de energia renovável, mas não tem uma utilização em grande escala em seu território. Além disso, Trump argumenta que o aquecimento global é uma invenção de alguns cientistas da ONU. Segundo ele:

Em 1982, o diretor executivo do Programa Ambiental das Nações Unidas previu que, até o ano 2000, a mudança climática causaria uma catástrofe global. Ele disse que seria irreversível, como qualquer holocausto nuclear. Foi isso que disseram nas Nações Unidas. O que aconteceu? Aqui estamos. Outro funcionário da ONU declarou em 1989 que, dentro de uma década, nações inteiras poderiam ser varridas do mapa pelo aquecimento global. Não vai acontecer. (Trump, 2025, s.p., tradução UOL, 2025, s.p).

Continuando com seu discurso, o presidente estadunidense aborda que os estudos realizados estão errados, e que as mudanças de temperatura no planeta são naturais. De acordo com ele:

Se você olhar para trás, anos atrás, nas décadas de 1920 e 1930, eles disseram que o resfriamento global mataria o mundo. Temos que fazer alguma coisa. Então eles disseram que o aquecimento global mataria o

mundo. Mas então começou a esfriar. Então agora eles poderiam simplesmente chamar isso de mudança climática porque dessa forma eles não podem deixar de notar a mudança climática porque se ela aumentar ou diminuir, aconteça o que acontecer, é mudança climática. É a maior fraude já perpetrada no mundo, na minha opinião. Mudança climática, não importa o que aconteça, você está envolvido nisso. Chega de aquecimento global, chega de resfriamento, todas essas previsões feitas pelas Nações Unidas e muitos outros, muitas vezes por motivos ruins, estavam erradas. Elas foram feitas por pessoas estúpidas que, é claro, cuidaram da sorte de seus países e não deram a esses mesmos países nenhuma chance de sucesso. Se você não se livrar desse golpe verde, seu país vai fracassar. (Trump, 2025, s.p., tradução UOL, 2025, s.p).

Discursos como esse acabam por invalidar o propósito da ONU e os objetivos da Agenda 2030, além de incentivarem muitas pessoas a adotarem o mesmo tipo de pensamento.

Após essa contextualização é importante entender os principais conceitos desse tópico, que são: Mudanças Climáticas, Aquecimento Global, e Negacionismo climático. Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), o termo “mudanças climáticas” refere-se às transformações gerais nas temperaturas médias e nos padrões de clima ao redor do mundo. Esse fenômeno pode acontecer por conta de processos naturais como as alterações na atividade solar ou por conta das erupções vulcânicas. Entretanto, a organização destaca que as atividades humanas, principalmente decorrentes das revoluções industriais, e da queima de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás), está sendo o principal fator que está acelerando esse processo que deveria ser natural, pois com a queima desses produtos naturais aumentam as emissões de gases que causam o efeito estufa, que age “como um cobertor envolvendo a Terra, retendo o calor do sol e aumentando as temperaturas”. (ONU, s.d, s.p).

A ONU ainda destaca que os principais gases do efeito estufa que causam as mudanças climáticas são o dióxido de carbono e o metano. Como exemplos de CO<sub>2</sub> (dióxido de carbono) está o uso da gasolina em automóveis, o carvão utilizado em lareiras para aquecer prédios e o desmatamento. Já em relação ao gás metano, o mesmo pode ser encontrado na agricultura, em operações de petróleo e gás. Segundo a ONU, “energia, indústria, transporte, construção, agricultura e uso do solo estão entre os principais setores causadores de gases de efeito estufa”. (ONU, s.d, s.p).

Em relação às consequências advindas das mudanças climáticas estão os eventos extremos como: secas intensas, escassez de água, incêndios, aumento do nível do mar, inundações, tempestades, entre outros. A organização ressalta que as emissões dos gases do efeito estufa não possuem um único culpado, mas todas as nações contribuíram, principalmente as que mais produzem. Além disso, a ONU selecionou os seis países mais poluentes, que são: China, Estados Unidos, Índia, União Europeia, Rússia e Brasil. Juntos os países produziram mais da metade das emissões dos gases do efeito estufa. Como mensagem em seu site, a organização ressalta que “Todos devem tomar medidas climáticas, mas as pessoas e os países que causam mais problemas têm uma responsabilidade maior de agir primeiro”. (ONU, s.d, s.p).

Apesar da ONU deixar bem definido o que são as mudanças climáticas, tem-se um problema com os termos apresentados na mídia, isso porque geralmente utilizam aquecimento global e mudanças climáticas como sinônimos, porém de acordo com Pinotti (2025) ambos são fenômenos parecidos, mas com um significado um pouco diferente. Inclusive, se observar o discurso de Trump no início deste tópico, é possível observar que o mesmo também busca diferenciar os dois termos, e utiliza o conceito de “aquecimento global” para se referir a um fenômeno climático inventado.

Será apresentado a seguir a diferenciação dos termos segundo a autora Pinotti (2025) e o IPCC (Painel Intergovernamental Sobre as Mudanças Climáticas).

Quadro 4 – Diferenciação dos termos “Aquecimento Global” e “Mudanças Climáticas”

Conceito	Significado
Aquecimento Global	O aquecimento global diz respeito ao aumento gradual das temperaturas da Terra, provocado por ações humanas, e tem sido observado e registrado desde o período pré-industrial, no final do século XIX
Mudanças Climáticas	O termo abrange um conjunto mais amplo de alterações na temperatura e no clima, incluindo, mas não se limitando ao aquecimento global. Ele também envolve a elevação do nível do mar, a redução de geleiras nas montanhas, o derretimento acelerado das calotas polares e alterações no comportamento da flora e da fauna. Além de que persiste por um período prolongado, normalmente décadas ou mais.

Fonte: elaborado pela autora (2025) com base nas definições de Pinotti (2025) e IPCC (s.d).

Para entender o que é Negacionismo Climático é válido conceitualizar primeiramente o que é “Negacionismo”. De acordo com a Academia Brasileira de Letras (s.d), o termo significa: “Atitude tendenciosa que consiste na recusa a aceitar a existência, a validade ou a verdade de algo, como eventos históricos ou fatos científicos, apesar das evidências ou argumentos que o comprovam”. (Academia de Letras, s.d, s.p).

O autor Cardoso (2021) destaca que o “negar” faz parte da evolução humana, pois é uma maneira que o cérebro encontrou de lidar de forma racional com os problemas, e essa característica é muito válida principalmente para um julgamento mais crítico frente às informações que circulam nos meios digitais ou nos veículos de massa. O autor ressalta que questionar a veracidade desses conteúdos, atualmente, tornou-se essencial, visto que a sociedade está passando por uma enxurrada de conteúdos desinformativos, citando como exemplo a própria ciência, que tinha uma reputação quase inquestionável, mas hoje, recebe diversas críticas feitas principalmente por grupos políticos ou líderes religiosos, que tem como objetivo desacreditar estudos científicos através de suas próprias crenças e interpretações sobre o que são fatos verdadeiros.

Inclusive, Cardoso (2021) destaca que existem negacionistas de diferentes tipos e que possuem propósitos distintos, mas que utilizam da mesma estratégia que é divulgar conteúdos desinformativos. Outro ponto ressaltado pelo autor é que os negacionistas só aceitam evidências que reforcem suas crenças. Além disso, Cardoso (2021) reforça que:

No fundo, o negacionismo, a negação irracional, o revisionismo e o obscurantismo são simplesmente um subconjunto das muitas maneiras que os humanos desenvolveram para usar a linguagem para enganar os outros e a si próprios. (Cardoso, 2021, s.p).

Cardoso (2021) aponta que desde há antiguidade a sociedade já enfrentava o dilema sobre o que é “verdade”, mas que atualmente as discussões que envolve o termo são bem alarmantes, isso porque o negacionismo é utilizado como estratégia de manipulação visando sempre alguma vantagem seja ela de caráter religioso, político ou econômico. Segundo o autor, “os negacionistas dizem que os fatos e as verdades são menos importantes do que os anseios e sentimentos de qualquer indivíduo que deseja negá-los” (Cardoso, 2021, s.p).

Ainda sobre as proposições negacionistas, Cardoso (2021, s.p) reforça que as crenças utilizam princípios semelhantes aos fatos científicos, pois “uma crença geralmente requer alguma evidência em um nível individual”. Porém, diferentemente das proposições científicas, a base para confirmar a veracidade dessa crença são os sentimentos e a intuição. Inclusive são mais fáceis de serem aceitas no lugar de comprovações científicas pelo simples fato de que “uma crença pode anular as evidências precisamente obtidas por outros meios porque é subjetiva e, em certo sentido, mais humanista do que o método científico imparcial”. (Cardoso, 2021, s.p).

Os autores Aguiar; Monteiro; Batista (2022) também comentam sobre a manipulação feita pelos negacionistas, onde a sua principal estratégia é interpretar dados científicos propositadamente de forma equivocada, omitindo algumas informações, com o objetivo de manchar a reputação de estudiosos da área da ciência. Atualmente especialistas em mudanças climáticas estão sendo um dos principais alvos dessa estratégia, sofrendo diversos ataques e sendo descredibilizados constantemente por líderes políticos. O exemplo apresentado pelos autores é o de Donald Trump, que geralmente faz comentários e interpretações erradas quando o assunto é o Aquecimento Global ou soluções propostas para diminuir os impactos causados pelas ações humanas no meio ambiente.

Para Aguiar, Monteiro e Batista (2022), os termos “negacionismo climático” e “desinformação” estão interligados, uma vez que ambos se relacionam à negação das consequências das mudanças climáticas. No entanto, os autores destacam que a estrutura do movimento negacionista vai além da simples negação dos efeitos climáticos, envolvendo diversos atores e interesses que apresentam diferentes pontos de vista, “sejam essas perspectivas econômicas, políticas, ambientais ou mesmo de ordem ético-moral”. (Aguiar; Monteiro; Batista, 2022, p. 60).

Em relação ao âmbito político, os autores destacam o quão perceptível são as técnicas utilizadas por políticos que tem como objetivo comprometer, enfraquecer e deslegitimar o debate sobre as mudanças climáticas, utilizando táticas como, por exemplo, “*distract and delay*”. Essa estratégia, que pode ser traduzida como “distrair e atrasar”, visa atrasar projetos ou ações positivas que buscam retardar as consequências do aquecimento global, através de discursos extremistas onde

pautas ambientalistas ou a ciência são questionados, considerados pelos autores negacionistas, como “alarmistas e exageradas” (Washington; Cook, 2011 *apud* Aguiar; Monteiro; Batista, 2022, p.60).

Como mencionado anteriormente existem diversas estratégias utilizadas pelos negacionistas climáticos, que vão desde interpretar dados científicos propositalmente errado, enfatizando uma informação específica para manipular a opinião pública ou a combinação dessa estratégia com a do “*distract and delay*”, onde o objetivo é manchar a imagem dos cientistas climáticos, através de conteúdos desinformativos. Os autores ainda destacam que tudo isso é agravado pelas plataformas de mídias sociais, pois os mesmos possuem uma função essencial na amplificação de informações, principalmente quando o assunto é desinformação climática ou conteúdos extremistas. Além disso, Aguiar; Monteiro e Batista (2022) destacam a falta de responsabilização das *big techs* em relação a desinformação, principalmente por causa de seu mecanismo, que trabalha com algoritmos e bolhas digitais, que reforçam ainda mais a crença de indivíduos que consomem conteúdos de negacionistas climáticos, já que as redes sociais retroalimentam os feeds desses indivíduos com conteúdos que apresentem a mesma visão de mundo, distanciando essas pessoas de informações científicas sem manipulação.

Nesse contexto, os autores destacam que é notório o impacto que especialistas na área ambientalista sofrem. Pois como mencionado anteriormente, não são somente as plataformas digitais que contribuem para o aumento do negacionismo climático, existe uma rede de indivíduos que fortalecem essa visão. Geralmente possuem figuras bem representativas e influentes no mundo, como é o caso de líderes políticos ou indivíduos que são especialistas na área ambientalista, que incentivam a participação da população em grupos extremistas, que por mais que essas tenham acesso a informações científicas ou possam visualizar as catástrofes climáticas, ainda assim, tentam contornar a realidade, buscando outros motivos para explicar as mudanças climáticas.

Em consonância com as reflexões de Aguiar, Monteiro e Batista (2022) e de Cardoso (2021), diversos autores buscam compreender as razões que explicam a expansão do Movimento Negacionista e o modo como ele consegue mobilizar e

influenciar um grande grupo de indivíduos. O próximo tópico abordará essa questão com mais detalhe.

### 3.3.1 Como o Negacionismo Climático se manifesta

Os autores Aguiar, Monteiro e Batista (2022) destacam dois conceitos discutidos na psicologia que auxiliam na compreensão das razões que levam as pessoas a aderirem ao negacionismo climático: o viés de confirmação e o efeito *backfire*. Em síntese, o viés de confirmação descreve a tendência de um indivíduo a buscar, interpretar e valorizar apenas informações que reforcem suas crenças pré-existentes, ignorando ou rejeitando aquelas que as contradizem. Mesmo diante de evidências mais consistentes e fundamentadas, tais informações costumam ser desconsideradas, negadas ou reinterpretadas de forma a manter a coerência em suas próprias convicções.

Em relação ao segundo conceito, os autores destacam o estudo relacionado a esse termo que foi desenvolvido por Brendan Nyhan e Jason Reifles, em 2010. O seu significado, segundo os autores, é “tiro pela culatra”. O termo busca explicar os debates que ocorre em ambientes digitais, onde quando uma das partes começa a expor informações científicas, como dados, imagens, gráficos ou citações para comprovar o seu ponto de vista, faz com que o seu oponente intérprete de forma equivocada, fornecendo-lhe mais confiança em opor-se aos fatos exposto pelo outro. Segundo os autores,

[...] o efeito de tiro pela culatra significa que mostrar às pessoas evidências que provam que elas estão erradas, geralmente é ineficaz e pode realmente acabar tendo o efeito contrário do desejado, fazendo com que elas rejeitem informações que contradizem suas crenças ou interpretem informações de maneira a terem suas crenças confirmadas. (Aguiar; Monteiro; Batista, 2022, p. 65).

Os autores Castelfranchi, Mendes, Fagundes, Massarani, Moreira e Polino (2024) enfatizam que diversos fatores influenciam a percepção das pessoas e as levam a aderir ao movimento negacionista. Segundo os autores, isso ocorre devido “às características pessoais do observador, à característica do alvo da observação e também a fatores envolvidos no contexto dentro do qual percebemos as pessoas, objetos ou eventos” (Castelfranchi; Mendes; Fagundes; Massarani, Moreira e Polino,

2024, p.15). Para corroborar com suas percepções, os autores trazem o estudioso Chauí (2000), que aborda que a percepção está conectada com a experiência vivenciada por cada indivíduo. Em síntese, o que notamos possui um significado e relaciona-se com a história de vida de cada pessoa. Assim, a percepção representa a relação entre o sujeito e o mundo ao seu redor, envolvendo pontos importantes como a personalidade, a trajetória pessoal, afetividade, desejos e paixões. Resumidamente, a percepção é como cada pessoa se projeta e se reconhece no mundo.

Outro estudo, embora não tão recente, mostra-se relevante para este trabalho: o de Capstick e Pidgeon (2014), que propõem uma classificação dos diferentes tipos de negacionismo climático, referindo-se ao fenômeno como “ceticismo”. Os autores destacam, inicialmente, a dificuldade em definir o termo no âmbito do debate público, uma vez que, por se tratar de um tema complexo, o “ceticismo” era frequentemente utilizado como sinônimo de descrença ou desinteresse em relação às questões ambientais. De modo geral, segundo os autores, o conceito estava sendo empregado para expressar dúvidas e incertezas acerca dos aspectos físicos e científicos das mudanças climáticas.

Um exemplo que os autores citam são os estudos de Rahmstorf (2004), que categorizava as dúvidas sobre as Mudanças Climáticas em Ceticismo de Tendência, Atribuição e Impacto. Essas categorias envolvem as incertezas quanto à ocorrência do aquecimento global, à influência das atividades humanas nesse processo e à gravidade dos impactos decorrentes das mudanças climáticas. Entretanto, Capstick e Pidgeon (2014) apontam que na literatura o conceito de “ceticismo” não restringe-se apenas nessas categorias, mas que vão além e buscam conceitualizar dúvidas mais amplas que envolvam as três esferas: Sociais, Políticas e Pessoais frente às Mudanças Climáticas.

Outro estudo importante citado pelos autores foi o de Smith e Leiserowitz (2012) que classificavam o “ceticismo” de acordo com as imagens afetivas associadas pelos entrevistados às Mudanças Climáticas, identificando dimensões que envolvem dúvidas quanto à confiabilidade da ciência climática e à influência humana no fenômeno. Além disso, os autores observaram manifestações de

ceticismo relacionadas a associações com teorias da conspiração, negações absolutas e percepções de que o tema seria resultado de um exagero midiático.

No estudo desenvolvido por Capstick e Pidgeon (2014), os dados foram coletados por meio de entrevistas em grupos focais realizadas entre março e abril de 2010, na cidade de Bristol, Reino Unido. Participaram da pesquisa 47 indivíduos com diferentes faixas etárias, gêneros e níveis socioeconômicos. Os participantes foram divididos em cinco grupos, onde cada equipe passou por duas reuniões em diferentes dias. O primeiro encontro concentrou-se em explorar pontos de vista em relação às mudanças climáticas, à responsabilização para o enfrentamento das alterações climáticas e o papel de cada indivíduo na mitigação desses impactos.

Já o segundo encontro focou mais nas percepções de cada entrevistado em relação à Conferência COP 15 de Copenhague, nas avaliações sobre a cobertura midiática e as reações às propostas de políticas públicas relacionadas ao clima. O objetivo geral do estudo foi aprimorar a classificação das diferentes perspectivas de ceticismo em relação às Mudanças Climáticas.

Como mencionado anteriormente, diversos pesquisadores buscaram conceituar o ceticismo climático, porém cada estudo acabou identificando novas dimensões e abordagens distintas. Para sistematizar esse conjunto de pesquisas e evitar a dispersão conceitual, Capstick e Pidgeon (2014) propuseram a organização dessas perspectivas em duas categorias principais: Ceticismo Científico/Físico e Ceticismo Social/Comportamental. O primeiro tópico agrupa as principais dúvidas relacionadas aos estudos científicos e as consequências físicas das Mudanças Climáticas, como: a base de evidências, a realidade física e a contribuição das ações humanas para o efeito estufa. A segunda categoria incorpora as dúvidas sobre as respostas às Mudanças Climáticas no nível individual e coletivo, a comunicação e como é representado o tema central.

É importante ressaltar que os autores utilizam essas duas categorias a priori, mas após a análise, Capstick e Pidgeon (2014) propõem uma renomeação delas com base em suas conclusões. Além disso, os autores enfatizam a importância de olhar com atenção para todos os propósitos que manifestam os diferentes tipos de ceticismo, pois estes geralmente geram insights que podem ajudar a compreender melhor a visão da sociedade sobre as Mudanças Climáticas.

Abaixo será mostrado o quadro referencial utilizado pelos autores Capstick e Pidgeon (2014) para aplicar a sua pesquisa. Nele estão incluídos todos os estudos elencados pelos autores em duas categorias principais a priori estabelecidas: Ceticismo Científico/ Físico e Ceticismo Social/Comportamental.

Quadro 5 – Temas de ceticismo identificados por Capstick e Pidgeon

<b>Categoria de ceticismo</b>	<b>Temas englobados/objeto de ceticismo</b>
Ceticismo Científico/Físico	Base de evidências
	Consenso científico
	Conhecimento científico
	Conduta da ciência / (im)propriedade
	Atribuição (causalidade humana)
	Impacto (gravidade das mudanças climáticas)
Ceticismo Social/Comportamental	Respostas em nível individual e social
	Respostas a nível político
	Psicologia popular (motivações dos outros)
	Representação e comunicação
	Fadiga das mudanças climáticas

Fonte: elaborado pela autora com base em Capstick e Pidgeon (2014).

Os autores destacam que, durante as entrevistas, foi possível identificar manifestações dos participantes em relação a cada um dos temas apresentados na tabela anterior. No que se refere à Base de Evidências sobre as Mudanças Climáticas, alguns entrevistados relataram que as informações disponíveis eram frequentemente conflitantes ou até mesmo contraditórias. Capstick e Pidgeon (2014, s.p.) observaram que expressões como “muitas informações conflitantes”, “estatísticas contraditórias” e “muitas teorias diferentes por aí” representam exemplos das percepções identificadas pelos pesquisadores que ilustram essa categoria.

Em relação à confiabilidade das evidências apresentadas pela ciência do clima, os autores apontam que alguns participantes argumentaram que não se tinha dados confiáveis sobre as condições climáticas do passado. A falta de consenso

entre os cientistas climáticos também foi citada pelos participantes. Segundo os autores, expressões de ceticismo são utilizadas pelos participantes para confrontar diretamente a veracidade das mudanças climáticas, ou a influência das ações humanas ou às dúvidas quanto à credibilidade da ciência climática. Em outros casos, tais argumentos foram utilizados como forma de questionar o conhecimento e as afirmações apresentadas por outros participantes.

Já em relação ao Ceticismo de Atribuição, os autores observaram que aparecia nas discussões quando era para tentar contextualizar as mudanças climáticas de longo prazo. A frase destacada por eles foi: "vem acontecendo desde a última era glacial, é a resposta do planeta ao que aconteceu antes" (Capstick e Pidgeon, 2014, s.p). Entretanto, Capstick e Pidgeon (2014) apontam que o Ceticismo de Atribuição não foi utilizado pelos participantes como argumento contra a existência das ações humanas nas mudanças climáticas, mas sim como forma de minimizar a importância da influência humana nesse processo.

O Ceticismo de Impacto, segundo os autores, também foi utilizado pelos participantes como argumento para sugerir que as mudanças climáticas representam um problema menos grave do que é noticiado ou apresentado em estudos científicos. Capstick e Pidgeon (2014) destacam ainda que essa postura era mantida mesmo entre aqueles que reconheciam a veracidade do fenômeno.

Os autores observam que a impropriedade acadêmica, último tópico do Ceticismo Científico/Físico, foi pouco mencionada pelos participantes. Apenas três grupos citaram o caso "*Climategate*", principalmente por sua ampla repercussão na mídia. Para eles, o episódio aumentou a sensação de confusão e reforçou a ideia de dúvida em relação às informações científicas.

A categoria do Ceticismo Social/Comportamental, de acordo com os autores, reúne as dúvidas quanto à efetividade das ações adotadas para enfrentar as mudanças climáticas, às incertezas sobre a natureza e as motivações humanas, além do ceticismo direcionado à forma como o tema é comunicado e representado. Inclusive os autores destacam que essa categoria pode se manifestar no contexto da chamada "fadiga" em relação às mudanças climáticas. Os autores ainda expõem que grande parte do ceticismo que foi exposto pelos participantes era relacionado ao que eles denominam como "Ceticismo de Resposta", que abrange dúvidas

relacionadas a eficácia das ações frente às mudanças climáticas, a capacidade e a vontade de cada indivíduo em se empenhar para ajudar a diminuir as consequências do aquecimento global.

Outro ceticismo exposto nas entrevistas foi o que os autores empregaram como “psicologia popular das mudanças climáticas”, que de acordo com eles, foi empregada pelo autor Fischer em 2011. E refere-se às explicações psicológicas de senso popular que foram manifestadas pelos entrevistados referindo-se a dificuldade de mudar de hábitos, a crença de que os indivíduos são egoístas e preguiçosos.

No que se refere às expectativas culturais, Capstick e Pidgeon (2014) destacam que alguns participantes apontaram a dificuldade de mudar hábitos e estilos de vida consolidados. Mesmo cientes dos impactos ambientais de suas ações, muitos reconhecem não se importar o suficiente para alterar efetivamente seu comportamento.

A Resposta Política, foi manifestada no tópico sobre a COP 15, sobre a qual muitos entrevistados apresentaram estar bem céticos em relação ao desempenho de líderes políticos na promoção de ações para diminuir os impactos das mudanças climáticas. De acordo com os autores, o ceticismo também se manifestou de forma mais ampla em relação à natureza de curto prazo das políticas públicas e às suas limitações para lidar de maneira efetiva com as mudanças climáticas.

Além da percepção de falta de vontade e de capacidade política, os participantes também expressaram a ideia de que a questão climática passou a ser utilizada como um artifício político, ou seja, tratada conforme interesses e conveniências circunstanciais.

Em relação ao ceticismo voltado para o retrato e a comunicação de informações sobre as mudanças climáticas, segundo os autores, os meios de comunicação eram caracterizados como exagerados e sensacionalistas. Além disso, os meios de comunicação, principalmente os jornais, foram caracterizados por alguns participantes como não confiáveis.

Por fim, o último tópico abordado pelos autores é o que denomina-se Fadiga das Mudanças Climáticas, manifestado por diversos participantes ao longo das entrevistas. Segundo Capstick e Pidgeon (2014), alguns entrevistados relataram sentir-se exaustos diante da exposição constante a mensagens sobre o

aquecimento global, veiculadas por diferentes meios de comunicação, como rádio, televisão e jornais, o que contribui para um certo cansaço e desinteresse em relação ao tema.

Outro aspecto relevante no estudo de Capstick e Pidgeon (2014) diz respeito às análises realizadas após os grupos focais, na etapa quantitativa da pesquisa. Essa fase, conduzida em 2011 no Reino Unido, contou com uma amostra representativa de 500 participantes de diferentes faixas etárias, sexos e níveis socioeconômicos que responderam a um questionário online. O objetivo era obter uma visão mais ampla sobre as percepções a respeito das mudanças climáticas, incluindo comparações com outras questões de risco e com temas relacionados à política climática.

Na análise, os autores destacam que o questionário era composto por vinte itens com base nos principais temas identificados na primeira fase. Porém, a análise de componentes principais revelou que a estrutura geral delineada anteriormente não se refletiu diretamente nos fatores latentes obtidos. Entretanto, Capstick e Pidgeon (2014) identificaram dois fatores subjacentes que incorporaram alguns dos itens apresentados na primeira fase dos grupos focais.

O primeiro fator foi denominado como “Ceticismo de Resposta”, por englobar dúvidas quanto à capacidade de resposta frente às Mudanças Climáticas tanto em nível individual como social, além de incluir elementos relacionados à fadiga diante do tema. Já o segundo fator identificado foi denominado como “Ceticismo Epistêmico”, que reúne questionamentos sobre os fundamentos físicos e científicos das Mudanças Climáticas, bem como sobre a maneira como essas são representadas.

Abaixo será apresentado uma tabela como uma síntese das duas novas categorias apontadas pelos autores Capstick e Pidgeon (2014).

Quadro 6 – Tipos de ceticismo identificados por Capstick e Pidgeon

Tipos	Conceitualização
<b>Ceticismo Epistêmico</b>	Caracteriza-se pela dúvida quanto à base factual e à geração de conhecimento sobre as mudanças climáticas como fenômeno físico, refletindo preocupação com sua fundamentação científica e

	realidades objetivas.
<b>Ceticismo de Resposta</b>	Caracteriza-se por dúvidas sobre a eficácia das ações contra as mudanças climáticas e sobre a importância do tema em nível pessoal e social, concentrando-se principalmente nas respostas adotadas, e não na realidade objetiva do fenômeno.

Fonte: elaborado pela autora (2025), adaptado de Capstick e Pidgeon (2014).

As novas categorias propostas, de acordo com Capstick e Pidgeon (2014), buscam abranger todos os estudos a priori apresentados em sua pesquisa. Os autores destacam que não foram os primeiros a utilizar a classificação do “Ceticismo Epistêmico”, mas que a pesquisa deles amplia estudos anteriores ao fornecer evidências de que as dúvidas sobre a realidade e a contribuição humana para as Mudanças Climáticas se enquadram em um tipo amplo de ceticismo, associadas também a questionamentos sobre a base de evidências, o consenso e a prática da ciência climática. Dessa maneira, os autores argumentam que o Ceticismo Epistêmico inclui incertezas sobre a ciência do clima e os cientistas, pois geralmente indivíduos que possuem essa visão costumam negar princípios fundamentais consolidados por órgãos como o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) . Além disso, dúvidas sobre o componente antropogênico da mudança climática podem refletir visões profundas sobre os sistemas naturais, percebidos como cíclicos e autorregulados, em que a noção de mudança climática "natural" oferece uma explicação alternativa para fenômenos como o aumento da temperatura global.

Em relação ao Ceticismo de Resposta, os autores destacam que este refere-se às dúvidas sobre a eficácia das ações e a capacidade de responder às mudanças climáticas em níveis pessoal, político e social, frequentemente associado a uma perspectiva fatalista de que já seria “tarde demais” para agir. Esse tipo de ceticismo forma um conjunto coerente de visões desengajadas, fortemente ligado à falta de preocupação com as mudanças climáticas, refletindo um senso de resignação em relação à possibilidade de mudanças efetivas.

Após essa explanação sobre o Negacionismo Climático em diferentes visões, é válido destacar como esse fenômeno manifesta-se em território nacional. O próximo tópico abordará justamente este tema.

### 3.3.2 Negacionismo Climático no Brasil

Segundo os autores Aguiar; Monteiro e Batista (2022), o Negacionismo Climático no Brasil foi bem marcado pelo governo Bolsonaro, pois de acordo com os autores, a política ambiental, que levou um certo tempo para ser construída e levada à sério em território nacional, foi totalmente desconstruída nessa gestão.

Entretanto, é válido ressaltar que o movimento do Negacionismo Climático teve seu início em 2007. De acordo com Miguel (2022), esse ano foi bem importante para as discussões sobre o Aquecimento Global e o Desenvolvimento Sustentável, isso porque o tema ganhou uma repercussão gigantesca tanto internacionalmente quanto nacionalmente.

Em território nacional, segundo Miguel (2022), o presidente Lula, que estava em seu segundo mandato, foi um dos maiores engajadores das causas ambientais, promovendo diversas ações para ajudar a reduzir as consequências do Aquecimento Global. Além disso, Miguel (2022) destaca três marcos importantes de 2007: o primeiro marco foi a publicação do relatório do IPCC/AR4, que comprovou a existência do Aquecimento Global e destacou de forma enfática a contribuição das atividades humanas para o fenômeno. O segundo foi o documentário “Uma verdade inconveniente” de Al Gore, que alcançou o mundo todo, difundiu os impactos do aquecimento global e ganhou o Oscar de melhor documentário naquele ano.

Por fim, o último marco foi a publicação do primeiro estudo nacional que mostrava os impactos das Mudanças Climáticas para o país através do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). O autor destaca que os resultados da pesquisa foram amplamente divulgados na mídia, entretanto, muitos jornais optaram por dar voz a uma minoria com opiniões contrárias, favorecendo assim que mais pessoas tivessem contato com o fenômeno do negacionismo climático.

Miguel (2022) destaca ainda que um dos primeiros registros do Negacionismo Climático na mídia brasileira foi uma publicação feita em maio de 2007, pelo escritor Olavo de Carvalho, no jornal Diário do Comércio, onde o mesmo criticava o documentário de Al Gore, associando tanto o filme quanto o aquecimento global à uma conspiração comunista promovido pelas organizações internacionais, com o objetivo de infiltrar-se através das políticas públicas ambientais.

No mesmo ano, em novembro, o jornal O Estado de S. Paulo publicou em artigo de opinião do físico e ex-reitor da UnB José Carlos de Almeida Azevedo, que de acordo com Miguel (2022), demonstrava cético às Mudanças Climáticas, apontando que os discursos a favor eram uma “falácia” e que os cientistas que os defendiam eram oportunistas. Um mês depois, o jornal publicou outro artigo de opinião: uma resposta de Carlos Nobre, meteorologista do INPE, a Azevedo. O meteorologista defendia os estudos divulgados pelo IPCC, e destacou que alguns físicos preferiam se iludir do que encarar os fatos.

Retomando o contexto do governo de Jair Bolsonaro, Araújo e Campos (2022) ressaltam que, ainda durante a campanha eleitoral, já era possível identificar em seus discursos uma retórica de caráter antiambientalista, na qual as políticas voltadas à proteção ambiental eram frequentemente apresentadas como obstáculos ao desenvolvimento econômico do país.

Os autores expõem que os objetivos do governo Bolsonaro em desconstruir a agenda ambiental foi intensa desde os primeiros meses do mandato. Isso porque, de acordo com Araújo e Campos (2022), Bolsonaro nomeou Ricardo Salles para o cargo de ministro do Meio Ambiente. Salles não possuía nenhum conhecimento técnico sobre causas ambientais, mas foi indicado por figuras importantes do setor ruralista, que apoiaram a campanha do ex-presidente. Em relação às ações de Salles, os autores apontam que o ministro atuou fortemente em meios para “enfraquecer a fiscalização e deslegitimar os organismos de controle do desmatamento ilegal na Amazônia, como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)”. (Araújo, Campos, 2022, p.142).

Araújo e Campos (2022) destacam outra característica marcante do governo Bolsonaro em relação às pautas ambientais: os ataques constantes a Organizações Não Governamentais (ONGs) e a instituições produtoras de conhecimento, principalmente aquelas ligadas a pautas ambientalistas. Além disso, os autores acrescentam que esse tipo de atitude não acontece somente em território nacional, mas que nos últimos anos tem-se manifestado em diversos líderes populistas autoritários que são,

[...] mobilizadores de discursos de ódio e teorias da conspiração, com base nos quais buscam fabricar inimigos imaginários e deslegitimar as elites,

especialmente aquelas produtoras de conhecimento, como cientistas e jornalistas.(Araújo e Campos, 2022, p.144).

Além disso, os autores observam que líderes populistas de orientação autoritária costumam contestar dados provenientes de órgãos oficiais, construir narrativas que demonizam inimigos internos e externos rotulados como “antipatriotas”, incitar sentimentos de medo e utilizar a exploração de recursos naturais como instrumento de obtenção de apoio político, frequentemente demonstrando desprezo pelos direitos humanos e pelas questões ambientais.

Inclusive, como exemplo de ataques a instituições científicas, os autores destacam uma fala feita por Bolsonaro em 2019, que gerou consequências negativas. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) tornou-se alvo de sucessivos ataques por parte do então presidente Jair Bolsonaro, o que resultou na exoneração de seu diretor, Ricardo Galvão, cientista de reconhecida trajetória internacional.

As críticas surgiram após a divulgação de dados que evidenciaram o aumento do desmatamento na Amazônia. Em resposta, Bolsonaro acusou o órgão de agir com “falta de responsabilidade, respeito e patriotismo” (Lis, 2019, s.p) , além de afirmar que Galvão estaria “a serviço de alguma ONG” (Lis, 2019,s.p), argumentando que sua atuação prejudicava a imagem do Brasil.

Roque (2020) também discute a presença do negacionismo climático no governo Bolsonaro. Segundo a autora, nos últimos anos, a sociedade tem vivenciado um fenômeno de ceticismo generalizado, especialmente marcado pela crescente desconfiança em relação às instituições. Esse cenário tem favorecido a disseminação de discursos negacionistas, muitas vezes impulsionados por governos, geralmente de direita, que adotam políticas explicitamente anticientíficas.

A autora destaca que não seria correto afirmar que os movimentos negacionistas tenham predominância no debate público. Entretanto, Roque (2020) expõe que seria um erro ignorar os impactos causados pelos mesmos na esfera pública, ainda mais porque enfraquecem consensos em torno de agendas e políticas públicas.

Outro ponto frisado por Roque (2020) foi em relação a motivação de figuras públicas em disseminar discursos negacionistas. Enquanto em países como Estados

Unidos, Austrália e Reino Unido o negacionismo climático é financiado pela indústria de combustíveis fósseis, no Brasil, segundo Roque (2020), ele é impulsionado principalmente pelo agronegócio, setor que mais contribui para o aquecimento global, com desmatamento e agropecuária responsáveis por cerca de dois terços das emissões nacionais de gases de efeito estufa.

Roque (2020) também destaca três figuras importantes no cenário brasileiro que geralmente estão propagando discursos negacionistas na mídia. O primeiro exemplo é o agrônomo Evaristo de Miranda, que espalhou a falsa teoria que a extensão da floresta deixava pouco espaço para a agropecuária. Esses espaços a que ele se referia eram as unidades de conservação, áreas indígenas, florestas preservadas, entre outros. De acordo com Roque (2020, s.p.) esse discurso ganhou força porque “a agenda ambiental vigente seria parte de um plano de países desenvolvidos para expandir suas próprias economias agrícolas, bloqueando o potencial competitivo do Brasil nesse setor”.

O segundo exemplo ressaltado por Roque (2020) é o Luiz Carlos Molion, meteorologista aposentado, que é uma das principais figuras negacionistas no Brasil, que de acordo com a autora, realizou diversas palestras em 2019, onde seu principal foco era a Amazônia e o aquecimento global. Além disso, Roque (2020) destaca que a estratégia mais utilizada por Molion é recorrer a argumentos já refutados pela ciência climática, como a ideia de que o aquecimento global resulta de variações naturais, a exemplo dos ciclos solares. Tais afirmações, apresentadas com aparência de legitimidade científica por meio de gráficos e terminologias técnicas, acabam por dificultar que o público leigo reconheça seu caráter falacioso.

O último exemplo destacado por Roque (2020), que já foi mencionado anteriormente, é Ricardo Felício, geógrafo e ex-professor da USP, que ficou conhecido depois de uma entrevista realizada em 2012 no programa do Jô, em que falou sobre as mudanças climáticas. Ricardo Felício, inclusive, utiliza da mesma estratégia de Molion para deslegitimar as questões ambientais.

Por fim, Roque (2020) aponta que o avanço do negacionismo não se deve apenas às estratégias conspiratórias, mas também ao enfraquecimento do tecido social, que amplifica sua eficácia. Apesar da atuação de “cientistas” negacionistas e influenciadores digitais há anos, o impacto só se intensificou quando a extrema

direita se apropriou da desconfiança pública para legitimar governantes anticientíficos e inserir o negacionismo na esfera estatal.

Após a contextualização do negacionismo climático no Brasil, torna-se relevante analisar o papel dos profissionais de comunicação, especialmente o Relações Públicas na promoção da sustentabilidade. O próximo tópico será dedicado a essa discussão.

### 3.4 O PAPEL DAS RELAÇÕES PÚBLICAS NA PROMOÇÃO DA SUSTENTABILIDADE

Considerando a área de formação da autora desta monografia, considera-se importante mencionar a relevância do papel do profissional de Relações Públicas na promoção da sustentabilidade e no enfraquecimento da desinformação. Bonadeo (2021) destaca que a comunicação constitui um processo de conscientização e transformação da realidade, especialmente quando vinculada à sustentabilidade, uma vez que é por meio dela que se promove a sensibilização dos públicos.

Desse modo, a comunicação assume um papel essencial na promoção de transformações sociais, ao sensibilizar indivíduos e exercer uma função pedagógica na construção e no compartilhamento de sentidos, saberes e visões de mundo. É nesse contexto que os profissionais de Relações Públicas tornam-se essenciais, pois é de responsabilidade do RP (Relações Públicas) promover o relacionamento entre os indivíduos, grupos sociais e instituições públicas ou privadas, mediando interesses e necessidades coletivas. Sua prática busca promover o diálogo e o entendimento entre as pessoas, contribuindo para a inclusão, o respeito e o direito a uma vida mais sustentável.

Outro apontamento feito por Bonadeo (2021) foi em relação às plataformas de mídias sociais, que passaram a assumir um papel muito importante na sociedade. Papel esse já defendido por Grunig (2009) “Na atualidade, no entanto, os profissionais mais sofisticados começaram a compreender que as pessoas controlam a forma como usam a mídia, muito mais do que a mídia controla o comportamento das pessoas que a utilizam.” (Grunig, 2009, p.19).

Além disso, segundo Bonadeo (2021), o Relações Públicas desempenha um papel essencial na mediação entre as organizações e a sociedade, utilizando diagnósticos e planejamentos estratégicos como ferramentas de gestão da comunicação. Pensando na área ambiental, a atuação do profissional pode abranger desde o apoio à formulação de políticas ambientais até a implementação de ações voltadas à mobilização comunitária e à conscientização dos diferentes públicos. Além disso, é responsável por acompanhar resultados, elaborar relatórios e avaliar indicadores relacionados às práticas sustentáveis. Dessa forma, o Relações Públicas assume uma função central na promoção da sustentabilidade e na consolidação da responsabilidade pública e socioambiental dentro das instituições.

Em relação à responsabilidade do RP no contexto da promoção da cidadania, a autora Xavier (2022) destaca que a comunicação está sendo percebida como um instrumento de conscientização, organização e mobilização desde os movimentos sindicalistas, que ocorreram na Revolução Industrial. Foi por meio da comunicação que os movimentos populares passaram a fortalecer suas lutas e ampliar conquistas em favor das populações marginalizadas, criando oportunidades para a participação ativa dos cidadãos e sua integração nos processos sociais e políticos. É por meio dessa participação que o indivíduo amplia sua compreensão e seu comprometimento com as transformações da realidade coletiva.

Esse processo, entendido como comunicação popular, desempenha um papel fundamental na democratização da cidadania e atua também como um canal de educação social. Além disso, a autora pontua que a comunicação contribui para democratizar o acesso aos direitos e deveres, funcionando como um instrumento educativo que estimula o diálogo entre os diferentes grupos sociais e entre a sociedade e o Estado. Fundamentada na troca de saberes e na valorização da pluralidade, a comunicação se consolida como um meio de interação e construção conjunta do conhecimento.

Quando aplicada à educação ambiental, Xavier (2022) expõe que a comunicação torna-se um dos pilares fundamentais para o exercício da cidadania. Utilizada de forma estratégica, a educomunicação se mostra um recurso eficaz para promover ações voltadas à comunidade, estimulando o engajamento coletivo e o aprendizado mútuo.

Por fim, Xavier (2022) reforça que papel das Relações Públicas comunitárias é com a comunidade e seus conflitos, atuando como mediador em defesa dos interesses coletivos e promovendo uma comunicação que facilite o diálogo e a cooperação. Mais do que transmitir conhecimento, o RP deve envolver-se de forma genuína com a comunidade, assumindo o papel de articulador e incentivador das ações que fortalecem a participação e o desenvolvimento local.

Dessa forma, a prática das Relações Públicas comunitária fundamenta-se em princípios essenciais para sua efetividade, como o reconhecimento da complexidade social e a adoção de uma visão ampla de mundo. Exige ainda o domínio das teorias, técnicas e ferramentas da área, a orientação por uma educação de caráter libertador e a valorização da cidadania e da solidariedade humana. (Kunsch, 2009 *apud* Xavier, 2022).

Outro papel importante que as Relações Públicas possuem, de acordo com Kunsch (2022), é que o profissional é a chave para um relacionamento entre as organizações públicas e privadas. Pois o profissional pode atuar como representante do terceiro setor, promovendo a mediação entre as partes interessadas, e pensando de forma estratégica quais são os melhores conteúdos, linguagens, públicos e instrumentos para que a mensagem seja absorvida de maneira correta.

Ademais, a autora reforça que a cultura do desenvolvimento sustentável tem que estar presente nas veias das organizações sejam públicas ou privadas, pois elas têm como função diminuir as desigualdades, e promover melhorias na qualidade de vida da população. Segundo a autora, é nesse momento que as Relações Públicas assumem “um papel importante [...]. Só assim elas cumprirão sua função social, ao lado de outras funções estratégicas e administrativas”. (Kunsch, 2022, p.23).

Outro aspecto ressaltado por Kunsch (2022) relacionado a importância da comunicação e das organizações, é o papel essencial que os mesmos possuem no alcance dos objetivos da Agenda 2030. Pois para a autora, para promover o desenvolvimento sustentável de maneira efetiva e abrangente, é fundamental que as organizações, enquanto agentes estratégicos de transformação nos territórios, orientem suas práticas com base em princípios e políticas institucionais de

governança, possibilitando o acompanhamento e a avaliação de seus impactos nas diferentes comunidades em que atuam.

E para isso, é necessário visualizar a Agenda 2030 como um instrumento metodológico, pois a mesma oferece diversas metas e indicadores que ajudam a monitorar e a melhorar a qualidade das ações estratégicas. Os meios de comunicação podem contribuir através do compartilhamento de informações e práticas educativas, que ajudem a mobilizar e sensibilizar a população, para que os ODS sejam atingidos.

Diante do exposto, percebe-se que as Relações Públicas exercem um papel na promoção das causas sociais e na mediação de debates sobre sustentabilidade, especialmente frente ao negacionismo climático. Ao compreender o fenômeno e suas implicações comunicacionais, reforça-se a importância das Relações Públicas como aliadas no enfrentamento da desinformação e na promoção de uma comunicação comprometida com a responsabilidade social e ambiental.

Neste capítulo discutiram-se os conceitos de sustentabilidade e negacionismo, os fundamentos do aquecimento global, o negacionismo climático e o papel das Relações Públicas na promoção da sustentabilidade e na mediação de práticas comunicacionais responsáveis.

Os capítulos seguintes detalham a metodologia adotada e a análise do objeto de estudo, com o objetivo de compreender como narrativas de teor negacionista influenciam a percepção da população em relação à sustentabilidade.

## 4 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, tornou-se necessário, inicialmente, fundamentar teoricamente a análise por meio de uma pesquisa bibliográfica. Esse procedimento permitiu compreender os padrões e as formas contemporâneas de manifestação da desinformação e do negacionismo climático, oferecendo suporte conceitual para a investigação. De acordo com Barros e Duarte (2006), a pesquisa bibliográfica é:

Um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (Barros e Duarte, 2006, p.51).

Essa etapa foi fundamental para a construção da pesquisa de campo, uma vez que o referencial teórico possibilita a compreensão aprofundada dos fenômenos estudados e sustenta a elaboração de um estudo empírico mais consistente e qualificado. Nesse contexto, o segundo capítulo dedicou-se à conceituação da desinformação, apresentando sua definição, suas dinâmicas nos meios digitais, os fatores que levam indivíduos a acreditar e compartilhar conteúdos falsos e suas principais consequências, como a Pós-verdade e as Teorias Conspiratórias.

O terceiro capítulo aprofundou os conceitos de sustentabilidade e negacionismo climático, discutindo definições, distinções entre aquecimento global e mudanças climáticas e as principais formas de negacionismo. Por fim, contextualizou-se o papel das Relações Públicas na promoção da sustentabilidade e na mediação de práticas comunicacionais responsáveis.

Neste trabalho, realizou-se também uma pesquisa de campo de natureza exploratória. Conforme Gil (2002), esse tipo de investigação busca compreender um fenômeno em profundidade por meio da observação direta e do contato do pesquisador com a realidade estudada, permitindo captar interações, comportamentos e significados no próprio contexto em que ocorrem. A pesquisa é classificada como exploratória porque tem como objetivo gerar maior familiaridade com o problema e ampliar a compreensão sobre como a desinformação e o negacionismo climático se manifestam no ambiente analisado. No caso deste estudo, a etapa de campo consistiu na análise de uma transmissão ao vivo e dos

comentários dos usuários, possibilitando identificar como emergem as narrativas de desinformação, o ceticismo climático e as percepções do público em um ambiente real de interação.

Para a análise do objeto de estudo foram utilizados dois métodos: análise de discurso e análise de conteúdo. O primeiro método, segundo Martinho (2018), tem como objetivo “entender como discursos produzem sentidos em um contexto social, refletindo e reelaborando, ao mesmo tempo, concepções em circulação” (MARTINHO, 2018, p. 151). Essa abordagem considera três elementos fundamentais: quem fala, o que é dito e como é dito. Esses elementos se articulam e evidenciam os valores que permeiam qualquer enunciação. Assim, os discursos não apenas expressam visões de mundo, mas também contribuem para a criação e a reafirmação de relações de poder e de sistemas de valores.

A análise de conteúdo, de acordo com Barros e Duarte (2006), dedica-se fundamentalmente à análise de mensagens, tendo sido, por muito tempo, quase sinônimo de exame de conteúdos escritos e impressos, ainda que posteriormente tenha se estendido também às mensagens orais. Além disso, Lozano (1994, *apud* Barros e Duarte, 2006) ressalta que a análise de conteúdo é sistemática e objetiva, uma vez que se baseia em um conjunto de categorias e regras de codificação que, quando aplicadas de forma uniforme, permitem que diferentes pesquisadores obtenham conclusões semelhantes.

A escolha do objeto de estudo, a palestra realizada presencialmente e transmitida online, baseou-se em dois fatores centrais. O primeiro diz respeito ao local do evento: a Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, conhecida como “Casa do Povo”, situada em um município que, seis meses antes, havia sido fortemente afetado pelas enchentes no estado do Rio Grande do Sul. O segundo fator refere-se à alta visibilidade dos envolvidos na palestra, reconhecidos por sua atuação no cenário do negacionismo climático e por sua expressiva audiência nas redes sociais, o que torna o material particularmente relevante para observar a circulação de discursos desse tipo. Para garantir segurança, privacidade e conformidade ética no tratamento de dados de ambientes digitais, os nomes do palestrante, da anfitriã do evento e dos usuários que interagiram nos comentários foram anonimizados.

A transmissão ocorreu em 23 de novembro de 2024 e foi publicada inicialmente no canal da organizadora do evento em uma plataforma de vídeo, com um título relacionado à discussão entre poluição e clima. Posteriormente, foi disponibilizada outra versão com um título ampliado, abordando a relação entre clima, poluição e monitoramento da qualidade do ar. A primeira postagem possui cerca de 1h40min de duração e aproximadamente 4,6 mil visualizações, 968 curtidas e 41 comentários. Uma segunda publicação do mesmo evento, disponibilizada três dias depois no mesmo canal, registrou cerca de 2.958 visualizações, 701 curtidas e 66 comentários. Já uma terceira postagem, publicada no canal do palestrante, contabilizou 705 visualizações, 206 curtidas e 7 comentários.

A análise foi conduzida em duas etapas. Na primeira, a live foi assistida integralmente para a compreensão geral do conteúdo e, posteriormente, revista para a pré-seleção de 15 trechos relevantes das falas do palestrante e 24 comentários presentes nas três postagens.

Na segunda etapa, cada trecho e comentário foi examinado individualmente para verificar a precisão das informações. Após essa avaliação, foram selecionados 10 trechos e 12 comentários, que passaram por um processo de classificação conforme as categorias de ceticismo propostas por Capstick e Pidgeon (2014) e as categorias de desinformação definidas por Wardle (2020). Ao final, procedeu-se à interpretação analítica dos trechos e dos comentários selecionados.

## 5 ANÁLISE

Para a presente análise, serão utilizados dois estudos de autores distintos já apresentados no referencial teórico. O objetivo é examinar trechos selecionados da palestra, assim como os comentários feitos na postagem original e em suas repostagens. Em um segundo momento, serão analisados os comentários da live buscando compreender qual é o impacto causado nos consumidores de conteúdos negacionistas, e quão isso afeta a suas percepções sobre as mudanças climáticas.

### 5.1 ANÁLISE DA PALESTRA

Em um primeiro momento, busca-se concentrar-se na classificação do tipo de ceticismo manifestado, com base nas categorias a priori trabalhadas por Capstick e Pidgeon (2014). Em seguida, identificar o tipo de desinformação presente, conforme a tipologia proposta por Wardle (2020).

Abaixo, apresentam-se as duas tabelas de classificação que serão utilizadas como referência. Começando pela categorização do Ceticismo.

Quadro 7 – Categorias e tipos de ceticismo sobre as mudanças climáticas

<b>Tipo de Ceticismo</b>	<b>Temas englobados / Objeto de Ceticismo</b>	<b>Conceitualização</b>
<b>Ceticismo Epistêmico</b>	Base de evidências	Dúvida quanto à base factual e à geração de conhecimento sobre as mudanças climáticas, refletindo preocupação com a fundamentação científica e as realidades objetivas.
<b>Ceticismo Epistêmico</b>	Consenso científico	Questiona a credibilidade e a concordância entre especialistas sobre a existência e causas das mudanças climáticas.
<b>Ceticismo Epistêmico</b>	Conhecimento científico	Relaciona-se à incerteza sobre métodos, resultados e interpretações científicas.
<b>Ceticismo Epistêmico</b>	Conduta da ciência / (im)propriedade	Aponta suspeitas sobre manipulação ou interesses por parte da comunidade científica.
<b>Ceticismo Epistêmico</b>	Atribuição (causalidade humana)	Contesta o papel das atividades humanas como causa das

		mudanças climáticas.
<b>Ceticismo Epistêmico</b>	Impacto (gravidade das mudanças climáticas)	Minimiza os efeitos previstos ou acredita que os impactos são naturais e não alarmantes.
<b>Ceticismo de Resposta</b>	Respostas em nível individual e social	Dúvidas sobre a eficácia e relevância das ações contra as mudanças climáticas no cotidiano das pessoas.
<b>Ceticismo de Resposta</b>	Respostas a nível político	Questiona políticas públicas, acordos internacionais e compromissos governamentais sobre o tema.
<b>Ceticismo de Resposta</b>	Psicologia popular (motivações dos outros)	Relaciona-se à percepção de que o engajamento ambiental é movido por interesses pessoais ou ideológicos.
<b>Ceticismo de Resposta</b>	Representação e comunicação	Ceticismo frente à forma como o problema é representado pela mídia e instituições.
<b>Ceticismo de Resposta</b>	Fadiga das mudanças climáticas	Refere-se à desmotivação e cansaço diante da repetição de mensagens alarmistas sobre o clima.

Fonte: elaborado pela autora (2025), adaptado de Capstick e Pidgeon (2014).

Abaixo apresenta-se a categorização da desinformação com base nos estudos de Wardle (2020).

Quadro 8 – Classificação dos tipos de desordem informacional segundo Wardle

<b>Conceito</b>	<b>Significado</b>
Sátira ou Paródia	Conteúdos criados com humor ou ironia, sem intenção direta de causar dano, mas que podem enganar quando descontextualizados nas redes sociais.
Conexão Falsa	Quando manchetes, imagens ou legendas não correspondem ao conteúdo, sendo usadas para atrair cliques ou gerar engajamento.
Conteúdo Enganoso	Ocorre quando trechos de uma informação verdadeira são usados de forma distorcida para prejudicar alguém ou reforçar um argumento, mesmo que o uso desses dados não seja coerente com a afirmação.
Contexto Falso	Ocorre quando o conteúdo é verdadeiro, mas é compartilhado com um contexto incorreto, levando o público a interpretar de forma errada.
Conteúdo Impostor	Quando fontes genuínas são imitadas por meio de logotipos, cores ou

	formatos de veículos reconhecidos, simulando credibilidade.
Conteúdo Manipulado	Quando informações, imagens ou vídeos originais são alterados digitalmente para enganar.
Conteúdo Fabricado	Novo conteúdo totalmente falso, criado intencionalmente para enganar e causar danos.

Fonte: elaborado pela autora (2025), adaptado de Wardle (2020)

Para a presente análise, foram selecionados dez trechos de diferentes momentos da palestra, na qual o palestrante abordou assuntos relacionados às Mudanças Climáticas. Seu foco principal concentrou-se no papel da poluição do ar no aquecimento global, tópico que, segundo ele, seria exagerado ou até mesmo inventado por instituições oficiais como a ONU e o IPCC, e apoiados por políticos, que segundo o mesmo, teriam motivos ocultos para concordar com as estratégias de Desenvolvimento Sustentável.

Ao longo de toda a palestra, o enunciador expressou reiteradamente aquilo que Capstick e Pidgeon (2014) definem como Ceticismo Epistêmico, caracterizado pela descrença nas mudanças climáticas. Como estratégia argumentativa, o palestrante questiona pontos como: o conhecimento científico dos pesquisadores, a condução dos estudos, o papel da ação humana no aquecimento global e o próprio consenso científico.

Além da manifestação do negacionismo climático, o palestrante recorre também a estratégias de desinformação para sustentar seus argumentos. Entre essas estratégias, destacam-se, conforme a classificação de Wardle (2020), principalmente o Conteúdo Enganoso e o Contexto Falso, que foram os tipos mais recorrentes em suas manifestações.

A seguir, apresenta-se o quadro com os dez trechos selecionados, bem como suas minutagens e tema em que o mesmo aparece.

Quadro 9 – Seleção de trechos da palestra

	Trechos	Minutagem	Tema do trecho
I	“No século XX, causa cada vez mais surpresa a força dos discursos em exaltar a irracionalidade. Há uma evidente quebra de lógica na	1:24 - 2:25	Apresentação da discordância com os dados e métodos científicos

	<p>promoção do raciocínio circular, onde causas e consequências são propositalmente invertidas, permitindo um giro contínuo para que falsos argumentos apoiem a necessidade da ocasião. Qualquer pessoa, com mínimo de bom senso, rapidamente conseguiria perceber o comprometimento total da racionalidade que nós estamos a viver nos tempos atuais, ao ponto de que a gente vê coisas absurdas”.</p>		
II	<p>“[...] exemplos de adaptação: queimadas fazem mudanças climáticas ou mudanças climáticas fazem queimadas, né? Então, o discurso até 2018 era de que as queimadas na Amazônia causavam, né, as mudanças climáticas pelo planeta. E, a partir de 2024, pela ilustre ministra que faz parte do quadro desse governo, as mudanças climáticas causam os incêndios na Amazônia, Pantanal e restante do Brasil, né? As coisas vão simplesmente se adaptando conforme a necessidade. Quando, na verdade, a gente sabe muito bem que são as estiagens sazonais, né, que aumentam aí, que indicam um aumento da probabilidade de incêndios”.</p>	3:07 - 3:45	Crítica a mudança de narrativa sobre a relação entre queimadas e mudanças climáticas
III	<p>“Discurso da saúde pública nos anos 90: As pessoas não devem praticar atividades físicas (andar, correr, usar bicicletas) próximas das avenidas por causa dos automóveis. [...] Século XXI com a ODS aí, ciclofaixas incentiva o uso de bicicletas ao lado do tráfego com carros e caminhões. Uma coisa bem surpreendente né, porque eh as ciclofaixas então além de diminuir a fluidez no tráfego tirando uma faixa de rolagem, ainda aumenta o consumo de combustível. Eles ganham duas vezes e aí fica a pergunta: isto não lançaria mais poluentes no ar para os ciclistas que estão ali para respirar? Discurso da saúde pública no século XX, na ODS, é simplesmente um silêncio sepulcral né ninguém fala absolutamente nada. Só podemos concluir então ou que mentem ou que a poluição urbana diminuiu. Só pode ser um desses dois casos”.</p>	3:51 - 5:10	Questionar a coerência das políticas de saúde pública relacionadas ao uso de bicicletas nas cidades
IV	<p>“Nós estamos com trocas de</p>	9:58 - 10:25	Desconfiança frente ao

	<p>paradigmas e poluição tá sendo associada com outra coisa. A poluição pode ser sólida, pode ser no líquido, pode ser no ar, nós vamos abordar muito mais a do ar, mas veja só que a poluição para eles é qualquer coisa. Se você usa plástico, você muda o clima porque o lixo muda o clima da terra. Chegamos a esses absurdos”.</p>		<p>conhecimento científico das instituições como a ONU acerca do que é poluição.</p>
V	<p>“Segundo a OMS, mostram que cerca de 7 milhões de mortes prematuras em todo o mundo são causadas pela poluição do ar dentro e fora de casa né. Sendo um importante fator de risco que afeta a população. Também provoca alterações climáticas como a intensificação do efeito estufa e do aquecimento global. Ali vocês já estão vendo que estão colocando dentro do mesmo cesto coisas que são diferenciadas, mas a própria OMS não diz quem são/ aonde são as 7 milhões de mortes né. Nós podemos responder pra OMS porque ela quer esconder aqui das pessoas. China e Índia especialmente. Este último país porque as mulheres precisam cozinhar queimando esterco de gado, cuja fumaça é altamente cancerígena”.</p>	15:27 - 16:12	<p>Crítica a generalização e a falta de precisão nos dados divulgados pela OMS sobre mortes por poluição</p>
VI	<p>“O ranking dos países mais poluidores do mundo: vejam lá né, o Brasil ocupa a sexta posição emitindo sobretudo gás de efeito estufa. Então gás de efeito estufa, que eles estão considerando aqui não são poluentes. Eles fazem de propósito de colocar no mesmo cesto para colocar o Brasil nesse Balaio né. A maioria das emissões está associada ao desmatamento e à degradação do solo. Ou seja, em razão da poluição atmosférica e do solo né. Poluição atmosférica porque pega fogo no matinho e porque as pessoas usam o solo para a agricultura. [...] E Por que que o Brasil ocupa essa posição? Porque simplesmente eles colocam lá, passam pano né, passam pano para os países como a Europa né”.</p>	16:43 - 17:46	<p>Crítica ao ranking feito pela ONU para classificar os países que mais emitem gases do efeito estufa.</p>
VII	<p>“Vamos direto na bobagem: falando que destrói uma coisa que não existe que é a camada de ozônio. Ela se recompõe o tempo todo. E para quem não sabe né, desde que nós temos aí</p>	39:58 - 40:30	<p>Contesta a narrativa científica sobre a camada de ozônio</p>

	<p>o Protocolo de Montreal que extinguiu com o cfcs ou a anomalia do ozônio continua a existir, e continuará a existir quando o homem não existir mais no planeta. Existia antes do homem estar no planeta certo? Sempre existiu e os caras querem dizer que aquele fenômeno natural, lembrando que eu falei do pânico né, no pânico moral que eles falam, pegam um fenômeno natural e transformam num grande problema”.</p>		
VIII	<p>“E o que o ipcc prega que 66% das emissões globais são ocasionadas pela agropecuária. Olha o absurdo. Já ressaltado aqui esse 66% né, nós vamos ver como esses valores são totalmente chutados, todo momento eles são alterados por qualquer coisa. O importante aí é o discurso não são os valores. O que o IPCC esconde das pessoas? Que a maior fonte de óxido nitroso são as bactérias presentes no solo. São chamados os ciclos biogeoquímicos do solo, que o próprio IPCC elenca como a sua principal incerteza. O IPCC não sabe menor ideia do que está a falar e ele admite isso no relatório. Então ele esconde o negócio que ele não sabe, mas ele fala que é a emissão da agricultura e pelos oceanos, quase não tem oceano no nosso mundo né pessoal, claro outra incerteza central. Então são só as duas maiores superfícies que dominam o extrato geográfico terrestre que o ipcc não sabe falar nada sobre isso”.</p>	40:38 - 41:39	Desacreditar as estimativas do IPCC sobre emissões relacionadas à agropecuária
IX	<p>“O metano não entra no grupo de poluentes. Então ele não é poluente! Eles admitem que servem como indicadores da qualidade do ar tá aqui ó. Então se não tem uma estação que tá medindo metano para falar de qualidade do ar. Sinto muito, a própria Academia da ciência chinesa e outras academias, com muitas aspas, dizem isso. Porém entra no grupo dos poluentes climáticos. Olha o absurdo que nós estamos a chegar! Poluentes climáticos de vida curta. E quanto às possíveis alterações climáticas impacta 21 vezes mais que o dióxido de carbono, que você já vê né é qualquer coisa, chuta qualquer número, qualquer coisa e tá valendo o</p>	43:34 - 44:10	Contesta a classificação do metano como “poluente climático”

	importante é o discurso né”.		
X	<p>“Só que o CO<sub>2</sub> que vocês estão emitindo, ajuda a fazer a própria comida de vocês, como todas as outras emissões. Só que para o IPCC, não né. O CO<sub>2</sub> só pode ser um problema pelos devaneios do IPCC. E a gente traz também essa informação que continua na agricultura, não só a vegetação natural, mas também né a agricultura, e o a artificial né, como eles gostam de chamar, o artificial tá, o suposto aquecimento de 0,8° c dos últimos 70/80 anos e o enriquecimento por carbono fizeram Maravilhas e não catástrofes nas últimas quatro décadas. Por que eles não gostam de ver isso né? As terras agrícolas globais estão esverdeadas e a tendência são o dobro da vegetação natural. Nós estamos falando de alimentos cada vez mais fáceis de se produzir e mais baratos porque a fertilização por carbono também faz com que a imunidade das plantas seja mais forte e portanto uso menos pesticidas que são os raps que eles estavam lá querendo falar”.</p>	1:11:43 - 1:12:45	Defende que o CO <sub>2</sub> e o aquecimento recente têm efeitos positivos sobre a agricultura, contestando a interpretação do IPCC de que o CO <sub>2</sub> seria um problema climático.

Fonte: Elaborado pela autora (2025), adaptação palestra Felício (2024)

No trecho I, observa-se a manifestação do ceticismo epistêmico diante das bases científicas, pois o orador questiona a lógica, a racionalidade e a forma como os argumentos são construídos no debate público. O mesmo destaca que, atualmente, há diversas manifestações de especialistas que buscam “exaltar a irracionalidade” (2024, s.p.). Além disso, afirma que esses discursos apresentam dados falsos com o propósito de inverter causas e consequências, comprometendo, segundo ele, a verdadeira lógica do debate. Acusações desse tipo direcionadas a estudiosos apareceram com frequência ao longo da palestra.

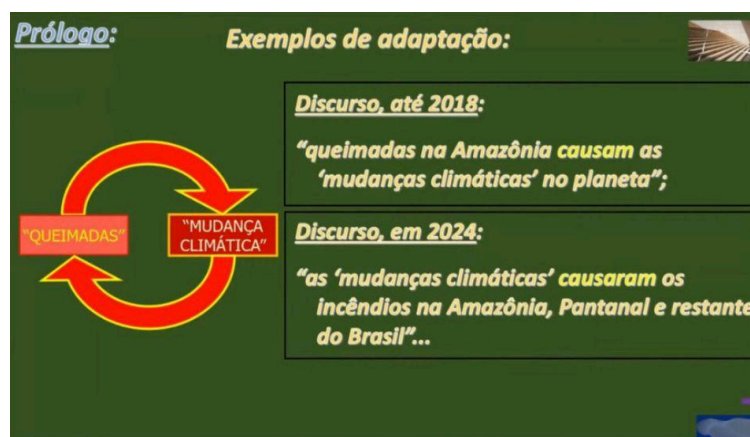
No trecho II, observa-se a manifestação do Ceticismo Epistêmico em duas categorias: atribuição e base de evidências. Em relação à primeira, o palestrante afirma que os discursos de pesquisadores da área e da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, ao indicarem que as queimadas na Amazônia contribuem para as

mudanças climáticas e influenciam o aumento dos focos de incêndio, estariam equivocados. Segundo o expositor, o avanço dos incêndios na Amazônia, no Pantanal e no restante do Brasil não teria relação com ações humanas, mas seria resultado de fenômenos naturais, como as estiagens sazonais, o que evidencia o ceticismo de atribuição.

Quanto à segunda categoria, observa-se a manifestação de ceticismo em relação às bases científicas quando o palestrante compara o que foi noticiado sobre as queimadas no Brasil entre 2018 e 2024 e afirma que “as coisas vão se adaptando conforme a necessidade” (2024, s.p.). Com esse comentário, o expositor questiona a base factual dos discursos que circulam na opinião pública.

Neste mesmo trecho é possível identificar a presença de desinformação, mais especificamente, conforme a classificação de Wardle (2020), a ocorrência de conteúdo enganoso. A seguir, apresenta-se a imagem do slide exibido pelo orador, que ilustra esse tipo de manifestação.

Figura 11 – Imagem 1 palestra



Fonte: palestrante (2024)

Na figura acima, é possível observar dois trechos destacados que, segundo o palestrante, representariam discursos proferidos por autoridades nos dois diferentes anos mencionados. No entanto, o autor não apresenta nenhuma fonte que comprove essas afirmações.

Ao analisar notícias de 2018, observa-se que o autor (2024) distorce as informações, pois, de acordo com a revista UOL (2018), em entrevista com Carlos

Nobre, pesquisador colaborador do Instituto de Estudos Avançados da USP, os períodos de seca sempre existiram, mas a intensificação das queimadas era motivo de preocupação. A reportagem destaca que diversos fatores contribuem para os incêndios, sendo o efeito estufa o principal causador.

O pesquisador Carlos Nobre (2018) confirma a relação entre as queimadas e as mudanças climáticas, afirmando: “Hoje o planeta em geral está 1°C mais quente do que há cem anos. Isso é mudança climática.” Em outro trecho, ele complementa: “Isso é causado pela emissão de gases de efeito estufa que nossa sociedade moderna colocou na atmosfera, que por sua vez não conseguiu se livrar do excesso de poluentes.”

Quando Carlos Nobre (2018) aborda a relação entre as queimadas no Brasil e as mudanças climáticas, o especialista enfatiza que a ação humana exerce um papel decisivo na ocorrência dos incêndios florestais. Segundo ele, “a floresta Amazônica e a Mata Atlântica são biomas que evoluíram durante dezenas de milhões de anos com pouca influência do fogo”. Nobre (2018) explica ainda que:

Em uma parte densa da floresta, com dosséis altos e grande densidade de folhas, no máximo 4% dos raios solares chegam à superfície. No entanto, hoje, o uso do fogo na agricultura e a retirada de árvores tornam o sistema mais inflamável e vulnerável. (NOBRE, 2018, s.p).

No site do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) foi publicada, em 2018, uma matéria que apresentava um estudo sobre as emissões de carbono resultantes de incêndios florestais. O artigo, divulgado pela revista *Nature Communications* em 13 de fevereiro de 2018, discutia como essas emissões já estavam superando aquelas provenientes do processo de desmatamento na Amazônia.

Luiz Aragão, um dos principais autores do artigo e pesquisador do INPE, destaca que, por meio de dados de satélite e inventários de gases de efeito estufa, foi possível quantificar os impactos das secas amazônicas na ocorrência de queimadas e nas emissões associadas a esse processo entre 2003 e 2015. O pesquisador ressalta que houve uma redução de 76% nas taxas de desmatamento. Apesar disso, a incidência de fogo aumentou 36% durante a seca de 2015, em comparação com a média dos doze anos anteriores ao evento.

Outro ponto relevante destacado na matéria é que, em parceria com o Centro de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN), o INPE constatou que a intensidade e a frequência das secas na Amazônia podem aumentar em decorrência das mudanças climáticas e do desmatamento. Como exemplo, são citadas as três grandes secas ocorridas na região em 2005, 2010 e 2015/2016, associadas ao aquecimento do Oceano Atlântico tropical norte e ao fenômeno El Niño. Segundo os pesquisadores, a intensificação desses eventos contribuiu para o aumento das secas. Eles argumentam que:

[...] se as mudanças do clima em um futuro próximo forem consistentes com os resultados dos modelos e ações políticas não forem implantadas para prever e evitar eficientemente a ocorrência de incêndios, é esperado que as emissões de carbono associadas aos incêndios florestais sejam sustentadas de forma análoga ao que foi demonstrado no estudo. (INPE, 2018, s.p)

Em relação a afirmação de que a Ministra do Meio Ambiente Marina Silva, comentou que “as mudanças climáticas causam os incêndios na Amazônia, Pantanal e restante do Brasil” (2024, s.p) foi analisado uma entrevista do CNN Brasil com a representante, onde a mesma abordava mais sobre as queimadas que estavam ocorrendo em solo nacional no ano de 2024. A entrevista tem duração de 25 minutos. Entretanto, em nenhum momento Marina afirmou que as Mudanças Climáticas eram as responsáveis pelo os incêndios, pelo contrário, a mesma destacou quatro principais causas: a vegetação seca, as temperaturas elevadas, ventos fortes e os incêndios criminosos. Isso pode ser observado na seguinte fala:

A gente tem aí uma série de fatores que se combinam e que agravam essa situação de uma forma bastante difícil de ser enfrentada. Você verifica que essa linha de fogo que tá acontecendo, ela tá acontecendo, que tá aparecendo aí em imagem, numa situação de uma matéria orgânica totalmente ressecada, a ponto de combustão, num ambiente de temperatura alta, com baixa umidade, que em alguns momentos chega a 7% de umidade relativa do ar, bem inferior ao que acontece no deserto de Saara, que a média de umidade relativa do ar é entre 14 a 17%. Além disso, você tem ventos de até 70 a 100 km/h, em alguma situação bem rara de 100, mas de 70, isso é corriqueiro acontecer, e pessoas ateando fogo em várias regiões do país. (Silva, 2024, s.p).

Entretanto, a ministra aborda as Mudanças Climáticas e seus impactos sem afirmar que elas são a causa principal dos incêndios. Ela ressalta, porém, que contribuem para agravar o problema, especialmente porque o desmatamento eleva

as emissões de gases de efeito estufa, conforme já indicado pelos estudos do INPE publicados em 2018. A ministra enfatiza que a redução dos incêndios depende diretamente da diminuição do desmatamento. Isso pode ser observado no seguinte comentário:

O que vai mudar tudo isso que já está acontecendo é diminuir a emissão de CO<sub>2</sub> de carvão, de petróleo e de gás. Esse é um debate que não temos como fugir dele, reduzir cada vez mais desmatamento, desmatamento zero não só no Brasil, mas desmatamento zero no mundo. (Silva, 2024, s.p).

A partir dessa análise, observa-se que o palestrante (2024) utiliza informações verdadeiras, como a relação entre mudanças climáticas e queimadas, mas as distorce para sustentar seus argumentos, alegando que entidades oficiais mudam constantemente seus posicionamentos. Na realidade, o discurso dessas instituições permanece consistente desde 2018: as queimadas contribuem para o desmatamento, que intensifica as mudanças climáticas, agravando o aquecimento global e favorecendo o surgimento de novos focos de incêndio.

No trecho III, observa-se a manifestação do ceticismo epistêmico em relação às bases científicas. O autor estabelece um paralelo entre diferentes períodos, comparando a década de 1990 com o século XXI. Ele afirma que especialistas ajustam seus discursos conforme o contexto. Segundo o palestrante, nos anos 1990 diversos estudos alertavam para os riscos de praticar atividades físicas próximas a avenidas movimentadas devido à inalação de poluentes emitidos pelo trânsito.

Entretanto, atualmente, políticas públicas e a Agenda 2030, embora ele mencione apenas um ODS sem especificá-lo, incentivam a criação de ciclofaixas em vias urbanas, inclusive próximas a ruas de grande fluxo. O palestrante crítica não apenas a prática de atividades físicas nessas áreas, mas também a própria existência das ciclofaixas. Para ele, a ocupação de uma faixa destinada às bicicletas aumentaria o congestionamento e, como consequência, o consumo de combustível. Nesse contexto, ele questiona: “Isto não lançaria mais poluentes no ar para os ciclistas que estão ali para respirar?” (2024, s.p.).

Além desse questionamento, o apresentador reforça seu ceticismo ao afirmar que essas duas situações seriam contraditórias e incoerentes. Ele chega a declarar: “Só podemos concluir então ou que mentem ou que a poluição urbana diminuiu. Só pode ser um desses dois casos” (2024, s.p.). Essa afirmação evidencia sua dúvida

quanto às bases factuais e à fundamentação científica, caracterizando a manifestação do ceticismo epistêmico em relação às bases científicas.

Outro ponto relevante para reflexão diz respeito à classificação da desinformação, pois nesse trecho também é possível identificar manifestações de conteúdo enganoso. O palestrante até apresenta informações verdadeiras, como a recomendação de evitar atividades físicas próximas a avenidas de grande fluxo, porém interpreta esses dados de maneira distorcida. Essa distorção pode ser observada na imagem abaixo.

Figura 12 – Imagem 2 palestra.

**Prólogo: Exemplos de omissão:**

**Discurso da “Saúde Pública”, anos 1990:**  
*As pessoas não devem praticar atividades físicas (andar, correr, uso de bicicleta próximos das avenidas por causa dos automóveis. Os parques públicos das cidades têm alta concentração de poluentes, os quais ficam armazenados por causa das árvores;*

**Século XXI – ODS: CICLOFAIXAS\*:** *Incentivo ao uso de bicicletas ao lado do tráfego, com carros e caminhões!*

**Discurso da “Saúde Pública”, século XXI – ODS:** **SILÊNCIO SEPULCRAL**

**Só podemos concluir que:** **MENTEM** ← OU → **↓ POLUIÇÃO URBANA**

Fonte: palestrante (2024)

A primeira frase que apresenta a manifestação de Conteúdo Enganoso é: “Século XXI com a ODS aí, ciclofaixas incentivam o uso de bicicletas ao lado do tráfego com carros e caminhões” (2024, s.p.). O palestrante não menciona qual ODS estava se referindo, mas pelo contexto do incentivo ao uso de bicicletas, pode-se interpretar que estava fazendo menção a um conjunto de ODSs.

Como mencionado anteriormente, nenhum documento da ONU aborda explicitamente a criação de ciclofaixas ou o uso de bicicletas ao lado do tráfego intenso, embora haja incentivo geral ao transporte sustentável. Quando o palestrante afirma que “a ODS aí, ciclofaixas incentiva o uso de bicicletas ao lado do tráfego com carros e caminhões” (2024, s.p.), está fazendo um apontamento falso que pode ser classificado como Conteúdo Fabricado, pois nenhuma fonte oficial faz tal

recomendação. Dessa forma, o autor cria uma afirmação inexistente para reforçar seus argumentos.

Outra afirmação que merece atenção é a seguinte: “Discurso da saúde pública no século XX, na ODS, é simplesmente um silêncio sepulcral né ninguém fala absolutamente nada” (2024, s.p.). Tal alegação pode ser classificada como Conteúdo Fabricado, uma vez que não corresponde à realidade e carece de qualquer respaldo em fontes oficiais. O Ministério da Saúde, ao contrário do que é afirmado, disponibiliza uma série de materiais informativos sobre o tema. Em 2024, por exemplo, publicou o Guia de Bolso sobre as Mudanças Climáticas, elaborado com foco nos profissionais de saúde. O documento apresenta as principais enfermidades associadas às mudanças climáticas e reúne orientações para mitigação dos riscos. Além disso, contempla recomendações destinadas à população em geral, tais como “usar menos o carro: caminhar, andar de bicicleta ou pegar carona; usar mais o transporte público; evite as ruas com mais tráfego” (Ministério da Saúde, 2024, p. 120 e 123), entre outras dicas.

Castros (s.d.), especialista em Atividade Física Adaptada e Saúde pela FMU, e Guimarães (s.d.), doutor em Ciências pela FMUSP, também discutem os riscos associados à prática de exercícios físicos próximos a ruas e avenidas de grande circulação, em razão da elevada concentração de monóxido de carbono presente nesses ambientes. Para ilustrar essa problemática, os autores afirmam:

Por exemplo, se uma pessoa pratica atividade física mais intensa por 30 minutos em uma via de grande fluxo de veículos, ao final da atividade, o ar que ela respirou equivale a ter fumado 10 cigarros! Isso pode desencadear crises de doenças respiratórias como asma, bronquite e rinite alérgica. A longo prazo, poluentes, como o monóxido de carbono, podem desencadear doenças cardiovasculares como hipertensão, arritmias e até infarto agudo do miocárdio. (Castros e Guimarães, s.d, s.p).

Além desse exemplo, os autores ressaltam que a prática de exercícios físicos não deve ser interrompida, mesmo por indivíduos que residem em grandes metrópoles. As recomendações incluem evitar a realização de atividades físicas entre 7 e 10 horas e entre 17 e 20 horas, bem como evitar locais próximos a ruas e avenidas de grande fluxo, onde a concentração de poluentes é mais elevada. Sempre que possível, recomenda-se manter uma distância mínima de 100 metros

dessas vias, pois essa medida torna a atividade mais agradável e menos desgastante, especialmente quando o ambiente apresenta arborização.

No trecho IV, o autor manifesta o Ceticismo Epistêmico em relação às bases de evidências, pois o mesmo questiona o que está sendo considerado poluição afirmando que os especialistas fazem a associação entre a poluição e o plástico, por exemplo, de forma equivocada e exagerada. Pode ser observado no seguinte trecho: “Se você usa plástico, você muda o clima porque o lixo muda o clima da terra. Chegamos a esses absurdos”. (2024, s.p).

Em relação à categoria de desinformação, este trecho pode ser classificado como Contexto Falso em conjunto com Conteúdo Enganoso. Isso ocorre porque, em um primeiro momento, o palestrante não apresenta dados distorcidos, mas utiliza informações reais inseridas em um enquadramento inadequado, de modo a alterar a interpretação do público. Essa estratégia pode ser observada nas passagens: “A poluição pode ser sólida, pode ser no líquido, pode ser no ar [...] mas veja só que a poluição para eles é qualquer coisa” e “Se você usa plástico, você muda o clima porque o lixo muda o clima da terra. Chegamos a esses absurdos” (2024, s.p.). Embora o autor não declare explicitamente sua discordância, como ocorre em outros trechos, nota-se um tom irônico evidente em expressões como “a poluição para eles é qualquer coisa” e “Chegamos a esses absurdos” (2024, s.p.), o que contribui para reforçar a distorção interpretativa.

Quanto ao papel do plástico nas mudanças climáticas, a ONU (s.d., s.p.) afirma que “a indústria do plástico é a fonte de gases industriais com efeito de estufa que cresce mais rapidamente no mundo”. Um dado relevante destacado pela organização é que 99% dos plásticos utilizados no cotidiano são produzidos a partir de combustíveis fósseis, como petróleo, gás natural ou carvão. Esse fator representa um problema significativo, pois todo o processo de produção libera gases de efeito estufa, contribuindo para a degradação da qualidade do ar e impactando negativamente os ecossistemas. Os prejuízos incluem o emaranhamento ou ingestão de resíduos plásticos por animais, danos químicos associados a aditivos tóxicos e efeitos biológicos decorrentes da presença de partículas de plástico que podem transportar espécies invasoras.

Outra instituição relevante que apresenta dados significativos é o MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts). De acordo com o artigo publicado em

2023, os plásticos são responsáveis por aproximadamente 3,4% das emissões globais de gases de efeito estufa. O MIT (2023) também ressalta que, embora a maior parte dessas emissões seja proveniente do processo de fabricação e da energia necessária para sua produção, a queima de resíduos plásticos constitui uma fonte adicional, ainda que menor, porém crescente, de gases de efeito estufa. O Instituto observa, ainda, que o problema é tão disseminado que não existe uma solução única ou imediata. Dos resíduos plásticos gerados mundialmente, estima-se que 72% sejam destinados a aterros sanitários ou descartados de forma inadequada, 19% sejam incinerados e, desde 2019, apenas 9% sejam efetivamente reciclados.

No trecho V, o autor manifesta o ceticismo epistêmico em relação à base de evidências, pois o mesmo questiona a fundamentação dos dados da OMS, sugerindo que a mesma está escondendo informações da população, isso pode ser visualizado na seguinte frase: “a própria OMS não diz quem são/ aonde são as 7 milhões de mortes né”. (2024, s.p).

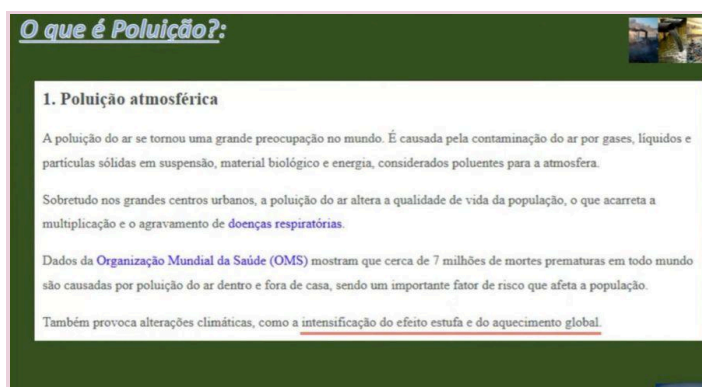
Além disso, o palestrante acusa a organização também de misturar os temas, que segundo ele, não tem relação:

[...] cerca de 7 milhões de mortes prematuras em todo o mundo são causadas pela poluição do ar dentro e fora de casa né. Sendo um importante fator de risco que afeta a população. Também provoca alterações climáticas como a intensificação do efeito estufa e do aquecimento global. Ali vocês já estão vendo que estão colocando dentro do mesmo cesto coisas que são diferenciadas. (2024, s.p).

Por fim, o autor afirma conhecer o motivo pelo qual a OMS (Organização Mundial da Saúde) supostamente procura ocultar os países que enfrentam problemas graves de poluição do ar. O palestrante cita dois países e apresenta uma justificativa para a situação relatada: “Nós podemos responder pra OMS porque ela quer esconder aqui das pessoas. China e Índia especialmente. Este último país porque as mulheres precisam cozinhar queimando esterco de gado, cuja fumaça é altamente cancerígena” (2024, s.p.). Observa-se que, nesse trecho, o autor não questiona o método científico nem o consenso estabelecido na literatura especializada, mas sim a própria base factual apresentada pelas instituições científicas. Dessa forma, a afirmação enquadra-se na categoria de ceticismo epistêmico voltado às bases científicas.

Em relação à categorização da desinformação, observa-se a manifestação de Conteúdo Enganoso, uma vez que o palestrante distorce informações verdadeiras para sustentar seus argumentos. Outro aspecto relevante é que o autor não recorre a dados provenientes de fontes oficiais, mesmo quando afirma estar se referindo a elas.

Figura 13 – Imagem 3 palestra.



Fonte: palestrante (2024)

A primeira afirmação apresentada pelo palestrante sugere que a OMS estaria relacionando de maneira equivocada a poluição do ar com as mortes prematuras e com as mudanças climáticas. Segundo ele, esses elementos não possuem relação entre si. Essa interpretação pode ser observada no trecho:

Segundo a OMS, mostram que cerca de 7 milhões de mortes prematuras em todo o mundo são causadas pela poluição do ar dentro e fora de casa né. Sendo um importante fator de risco que afeta a população. Também provoca alterações climáticas como a intensificação do efeito estufa e do aquecimento global. Ali vocês já estão vendo que estão colocando dentro do mesmo cesto coisas que são diferenciadas. (2024, s.p).

Segundo a tipologia de Wardle, esse comentário se enquadra como Conteúdo Enganoso, uma vez que utiliza informações verdadeiras sobre a relação entre poluição atmosférica, saúde e clima, mas as apresenta de maneira distorcida para sugerir que a OMS estaria misturando fatores sem conexão. Na realidade, a relação entre poluição do ar e impactos na saúde e no clima é amplamente reconhecida pela literatura científica.

Estudos como a pesquisa da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) em parceria com o WWF-Brasil demonstram que o aumento das queimadas, a redução da umidade e a intensificação da poluição atmosférica contribuem diretamente para o

aumento de doenças respiratórias. O estudo destaca inclusive que, em determinados períodos, o número de crianças internadas dobrou devido à piora na qualidade do ar. Esses dados reforçam que poluição atmosférica, saúde pública e mudanças climáticas são fenômenos interligados, o que contradiz a narrativa apresentada pelo palestrante.

Ao analisar a próxima afirmação “a própria OMS não diz quem são ou aonde são as 7 milhões de mortes. Nós podemos responder para a OMS porque ela quer esconder aqui das pessoas. China e Índia especialmente” (2024, s.p.), observa-se, com base nos dados disponibilizados pela OPAS, que essa declaração não procede. O site da OPAS apresenta informações da própria OMS indicando que mais de noventa por cento das mortes relacionadas à poluição do ar ocorrem em países de baixa e média renda, especialmente na Ásia e na África.

Em seguida, aparecem países dessas mesmas faixas econômicas localizados nas regiões do Mediterrâneo Oriental, Europa e Américas. Portanto, verifica-se que a OMS divulga de forma transparente a distribuição geográfica dessas mortes, o que contraria a alegação feita pelo autor. Assim, o trecho pode ser classificado como conteúdo enganoso, pois um dado verdadeiro é utilizado de forma distorcida para sugerir que a OMS oculta informações, quando na realidade a organização publica os dados por regiões de forma acessível e transparente.

A continuação da afirmação feita pelo palestrante é: “Este último país porque as mulheres precisam cozinhar queimando esterco de gado, cuja fumaça é altamente cancerígena” (2024, s.p). Realmente a queima de esterco causa poluição atmosférica. A OMS (2018) apontou que houve aproximadamente 3,8 milhões de mortes em 2016 atribuídas à poluição do ar doméstico decorrente do uso de combustíveis ou tecnologias poluentes para cozinhar. Entretanto, a própria organização reconhece que mais de quarenta por cento da população mundial ainda não tem acesso a combustíveis e tecnologias limpas em suas casas.

Sobre a queima de esterco nas cozinhas da Índia, Brown (2024) apresenta uma pesquisa realizada pelo Instituto Indiano de Educação e Pesquisa Científica de Mohali que aponta que os fogões movidos a esterco de vaca são altamente poluentes, pois liberam quantidades desproporcionalmente grandes de poluentes atmosféricos. Essa prática ocorre principalmente em regiões mais pobres da Índia. Outros dados importantes destacados pelo autor indicam que os combustíveis

utilizados no cozimento liberam partículas com diâmetro inferior a 2,5 micrômetros (PM 2,5), cuja exposição prolongada está associada a maiores taxas de doenças respiratórias, asma e outras doenças cardiovasculares, especialmente em crianças pequenas, além de mortalidade prematura. A poluição do ar causou 1,67 milhão de mortes, representando 17,8 por cento do total de óbitos na Índia em 2019, das quais 610 mil foram atribuídas à poluição do ar em ambientes domésticos.

Outra informação relevante encontrada no estudo, segundo Brown (2024), é que os fogões a esterco emitiram cerca de 1.600 gigagramas de PM 2,5 em 2020, aproximadamente metade de todas as emissões do setor residencial e dezessete por cento a mais do que as emitidas por fogões a lenha, que totalizaram cerca de 1.370 gigagramas. No entanto, menos de dez por cento dos domicílios indianos utilizavam fogões a esterco naquele ano, enquanto mais de quarenta por cento usavam fogões a lenha.

Dado esse contexto, a afirmação pelo autor sobre a utilização de esterco em cozinhas na Índia não está incorreta, pois se baseia em um dado verdadeiro. Contudo, sua interpretação anterior de que a OMS esconde informações sobre os países mais afetados constitui uma distorção. Dessa forma, a estratégia utilizada caracteriza conteúdo enganoso, uma vez que elementos reais são mobilizados para sustentar uma narrativa que não corresponde às evidências divulgadas pela OMS.

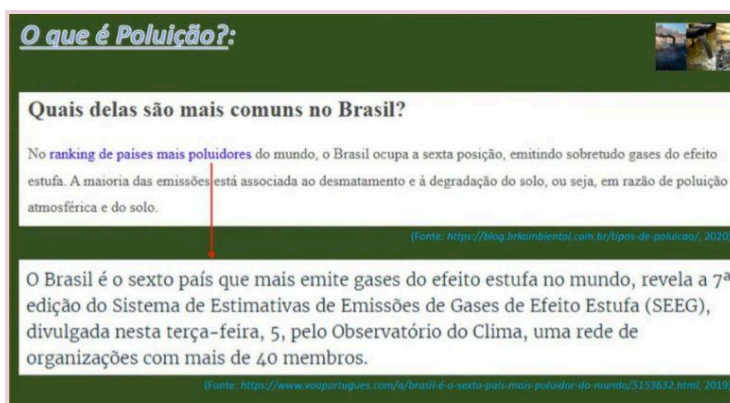
No trecho VI, observa-se a manifestação de diversas categorias do Ceticismo Epistêmico. As afirmações “Eles fazem de propósito de colocar no mesmo cesto para colocar o Brasil nesse balaio” e “Por que o Brasil ocupa essa posição? Porque simplesmente eles colocam lá, passam pano, passam pano para os países como a Europa” (2024, s.p.) podem ser classificadas em duas categorias: Ceticismo Epistêmico em relação à conduta da ciência e Ceticismo Epistêmico em relação às bases científicas.

Nota-se que o autor acusa as organizações que produzem dados sobre as Mudanças Climáticas de manipulação intencional, sugerindo suspeitas de má conduta, viés ou interesses políticos na construção dos rankings e nos métodos utilizados. Dessa forma, manifesta o Ceticismo Epistêmico em relação à conduta da ciência. Além disso, ao questionar os métodos de classificação de poluentes e a elaboração dos rankings, ele demonstra Ceticismo Epistêmico em relação às bases científicas.

A última categoria manifestada é em relação a atribuição das ações humanas nas emissões de gases do efeito estufa, pode-se notar o desdém do mesmo na seguinte frase: “Poluição atmosférica porque pega fogo no matinho e porque as pessoas usam o solo para a agricultura” (2024, s.p). Essa afirmação do mesmo demonstra que ele não acredita que a agricultura e o desmatamento realmente afetam o planeta.

Em relação às categorias de desinformação, observa-se que o palestrante recorre novamente a dados oficiais que foram reproduzidos em blogs sem vínculo institucional com as organizações responsáveis pelas informações originais. Embora esses blogs apresentem dados corretos, ele os utiliza como fonte para reforçar seus argumentos, sem recorrer diretamente aos materiais oficiais. Na imagem abaixo, é possível visualizar esse procedimento.

Figura 14 – Imagem 4 palestra.



Fonte: palestrante (2024)

O autor utiliza como estratégia a categoria de conteúdo enganoso, pois apresenta algumas afirmações verdadeiras em sua explicação, como “o Brasil ocupa a sexta posição emitindo sobretudo gases de efeito estufa” e “a maioria das emissões está associada ao desmatamento e à degradação do solo” (2024, s.p). Essas informações são confirmadas pelo relatório do SEEG (Sistema de Estimativas de Emissões de Gases de Efeito Estufa) do Observatório do Clima. No entanto, a primeira distorção surge quando afirma que “gases de efeito estufa, que eles estão considerando aqui, não são poluentes” (2024, s.p). Organizações como a ONU, o IPCC, o Observatório do Clima e diversas instituições científicas reconhecem que

tanto o desmatamento quanto a degradação do solo produzem gases de efeito estufa. Os dados do SEEG e do WRI Brasil mostram que as maiores emissões brasileiras provêm da agropecuária e do desmatamento, e que o Brasil é o sexto maior emissor global, com cerca de três por cento das emissões mundiais. Essa informação o palestrante mencionou, mas logo em seguida a reduz com tom de deboche ao afirmar: “Poluição atmosférica porque pega fogo no matinho e porque as pessoas usam o solo para a agricultura” (2024, s.p).

Outra distorção ocorre quando o mesmo comenta que as organizações responsáveis pelos estudos sobre emissões “passam pano para países como a Europa” (2024, s.p). Essa afirmação cria a impressão de que existe uma conspiração internacional para prejudicar países como o Brasil, algo que não encontra respaldo nos dados. Tanto o SEEG quanto o WRI destacam que China, Estados Unidos e nações europeias emitem muito mais gases de efeito estufa do que o Brasil.

Se a União Europeia fosse considerada como uma única nação, ocuparia a sexta posição global, deslocando o Brasil para o sétimo lugar. Em termos proporcionais, segundo o WRI, a China representa 32,08% das emissões globais, os Estados Unidos 13,69%, a União Europeia 7,55% e o Brasil 1,33%, quando não se considera a mudança no uso da terra e florestas. Quando esse fator é incluído, o Brasil sobe para a sétima posição, com aproximadamente 3% das emissões globais, segundo o SEEG (2023).

No trecho VII pode ser observado a manifestação do Ceticismo Epistêmico em relação ao conhecimento científico, pois o autor afirma que a Camada de Ozônio, como é comentado por especialistas, não existe, pois é um fenômeno que regenera-se naturalmente. Nesse mesmo trecho fica notório o quanto o mesmo contesta as interpretações científicas e as soluções apresentadas por especialistas na seguinte fala: “temos aí o Protocolo de Montreal que extinguiu com o cfcs ou a anomalia do ozônio continua a existir, e continuará a existir quando o homem não existir mais no planeta” (2024, s.p).

Pode ser observado também a manifestação do ceticismo de atribuição, pois o mesmo tira a responsabilidade das ações humanas na destruição da camada de ozônio, e isso pode ser observado na frase mencionada anteriormente quanto nesse próximo apontamento: “lembrando que eu falei do pânico né, no pânico moral que

eles falam, pegam um fenômeno natural e transformam num grande problema” (2024, s.p).

Em relação à categorização de desinformação pode-se notar a manifestação da categoria Conteúdo Enganoso. Começando pela frase: “nós temos aí o Protocolo de Montreal que extinguiu com o CFCs ou a anomalia do ozônio continua a existir, e continuará a existir quando o homem não existir mais no planeta.”. ( 2024, s.p). De fato a anomalia, segundo a publicação feita em 2023/2025 pela NASA (National Aeronautics and Space Administration) aponta que a camada de ozônio ainda está passando pelo processo de recuperação. A estimativa, segundo a NASA (2023), é que a mesma volte ao seu estado normal (antes de ter sido prejudicada no 1980) até 2066, se as leis promovidas pelo Protocolo de Montreal permanecerem em vigor.

Porém, ao contrário do que o palestrante afirmou, o documento assinado em 1987 por diversos países, foi o grande responsável por ajudar na regeneração da camada de ozônio, pois o Protocolo de Montreal decretou que fosse eliminado gradualmente os produtos e processos à base de CFCs, e substituídos por alternativas mais ecológicas até 2010. Segundo a NASA (2024), os compostos de CFCs diminuíram drasticamente, mas os compostos que já estavam presentes na atmosfera levará décadas para se decompor completamente. “À medida que os níveis de CFC existentes diminuírem gradualmente , o ozônio na alta atmosfera se recuperará globalmente e os buracos na camada de ozônio diminuirão”. (NASA, 2024, s.p).

Outra afirmação apresentada pelo o mesmo e que revela-se inteiramente equivocada e exemplifica o ceticismo epistêmico por atribuição aparece na seguinte citação: “os caras querem dizer que aquele fenômeno natural, lembrando que eu falei do pânico né, no pânico moral que eles falam, pegam um fenômeno natural e transformam num grande problema” (2024, s.p.). Contudo, tanto a NASA (2024) quanto a National Geographic (2025) explicam que a formação dos buracos na camada de ozônio não é um fenômeno natural, mas sim resultado direto de atividades humanas.

As principais fontes de CFCs incluem fluidos refrigerantes utilizados em sistemas de refrigeração e ar-condicionado, aerossóis presentes em sprays cosméticos e produtos domésticos, inaladores antigos para tratamento de asma, além de compostos liberados na fabricação de espumas isolantes e empregados em

sistemas industriais de supressão de incêndios. Essas substâncias químicas, ao alcançarem a estratosfera, desencadeiam reações que degradam o ozônio, confirmando a origem antropogênica do problema.

No trecho VIII observa-se a manifestação do Ceticismo Epistêmico em duas categorias: Base de Evidências e Conhecimento Científico. Em todo o trecho, o palestrante coloca ambas as dimensões em dúvida, ao argumentar que os dados científicos produzidos e divulgados pelo IPCC estariam equivocados ou serviriam para manipular a população. Isso é evidenciado quando afirma: “[...] o que o IPCC prega que 66% das emissões globais são ocasionadas pela agropecuária. Olha o absurdo” e “ressalto aqui esse 66% né, nós vamos ver como esses valores são totalmente chutados, todo momento eles são alterados por qualquer coisa”. (2024,s.p).

Essas frases ilustram diretamente o questionamento da base de evidências, pois indicam que, para o palestrante, os valores seriam imprecisos, arbitrários e pouco confiáveis. Ao mesmo tempo, também expressam Ceticismo em relação ao Conhecimento Científico, já que o mesmo desacredita a capacidade do IPCC de produzir dados consistentes e metodologicamente sólidos.

Outro ponto levantado no trecho refere-se à acusação de que o IPCC esconderia informações sobre o que o autor considera serem as principais fontes de emissões de óxido nítrico. Esse argumento reforça o Ceticismo em relação à Base de Evidências, pois sugere que os dados disponíveis seriam incompletos ou ocultados. Além disso, ao afirmar que as maiores fontes seriam os oceanos e o solo, e não a agricultura, o mesmo contesta as interpretações científicas estabelecidas, o que se enquadra na categoria Conhecimento Científico.

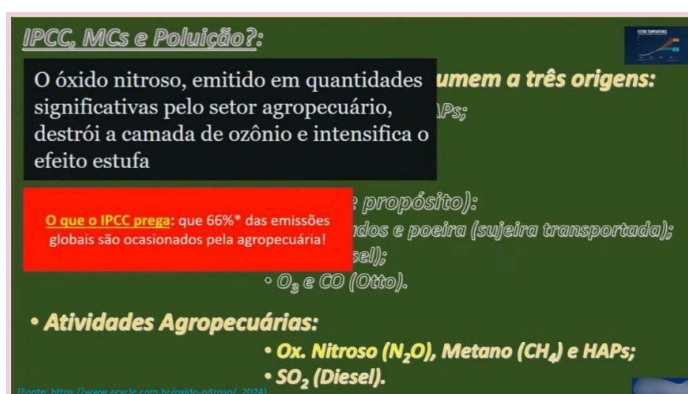
O questionamento da competência metodológica do IPCC torna-se ainda mais explícito quando o palestrante afirma: “O IPCC não sabe menor ideia do que está a falar e ele admite isso no relatório” e “Então ele esconde o negócio que ele não sabe, mas ele fala que é a emissão da agricultura e pelos oceanos, quase não tem oceano no nosso mundo né pessoal, claro outra incerteza central” ( 2024, s.p.). Ao acusar o IPCC de desconhecimento e insegurança científica, o trecho reforça ambas as categorias escolhidas. Dessa forma, a combinação de ataques aos dados, às interpretações e aos métodos torna adequado classificar o conteúdo como

manifestação simultânea de Ceticismo Epistêmico em relação à Base de Evidências e ao Conhecimento Científico.

Em relação à classificação da desinformação, identifica-se neste trecho a presença das categorias Conteúdo Impostor e Conteúdo Enganoso. A primeira categoria, segundo Wardle (2020), refere-se a informações que são atribuídas a uma fonte confiável ou autoridade quando, na realidade, essa fonte nunca produziu tal conteúdo. Wardle utiliza como exemplo a cópia de logos, cores ou estilo gráfico de jornais para dar credibilidade a conteúdos falsos, porém o princípio central é a falsa atribuição de autoridade.

Esse mecanismo é observado na seguinte afirmação: “o que o IPCC prega que 66% das emissões globais são ocasionadas pela agropecuária”. (2024, s.p) Esse dado nunca foi divulgado pelo IPCC. Mesmo assim, o palestrante insiste em associá-lo à instituição para validar seu argumento. Dessa forma, ele emprega a estratégia típica de Conteúdo Impostor ao atribuir falsamente ao IPCC um valor inexistente, reforçando a credibilidade de sua narrativa por meio de uma autoridade científica. Ressalta-se ainda que, em seu slide de apresentação, não há qualquer referência ao IPCC como fonte desse número, sendo apresentada apenas a referência relativa ao conteúdo sobre Óxido Nitroso. O slide pode ser visualizado abaixo.

Figura 15 – Imagem 5 palestra.



Fonte: palestrante (2024)

O dado apresentado pelo IPCC (2021) em relação às emissões globais do setor AFOLU, que engloba agricultura, florestas e uso da terra, varia entre 21 e 37 por cento, valor significativamente diferente dos 66 por cento mencionados pelo

mesmo. Sobre a afirmação de que “esses valores são totalmente chutados, todo momento eles são alterados por qualquer coisa” (2024, s.p), o SEEG (2016) explica que as variações ocorrem devido às metodologias empregadas pelo IPCC, que contabilizam algumas emissões indiretas em outros setores. Portanto, a variação não é arbitrária como o palestrante sugere, mas decorrente de critérios científicos de classificação de fontes emissoras.

Em relação à categoria de Conteúdo Enganoso, identificam-se as seguintes afirmações do palestrante: “O que o IPCC esconde das pessoas? Que a maior fonte de óxido nitroso são as bactérias presentes no solo” e “[...] ele esconde o negócio que ele não sabe, mas ele fala que é a emissão da agricultura e pelos oceanos”. (2024, s.p). Essas declarações são parcialmente incorretas. O IPCC reconhece que existe uma parte do óxido nitroso produzido naturalmente pelas bactérias presentes no solo e nos oceanos, dentro do que denomina-se como Ciclo do Nitrogênio, definido como a circulação natural do nitrogênio entre a atmosfera, a água, o solo, as plantas e os microrganismos. Entretanto, o IPCC enfatiza que as emissões antropogênicas mais preocupantes são provenientes da agricultura, da combustão de combustíveis e de processos industriais.

Dessa forma, a organização não esconde, nem classifica como incerteza, as emissões naturais de óxido nitroso, que estão amplamente documentadas nos relatórios oficiais. A afirmação do mesmo distorce essas informações para criar a impressão de omissão ou desconhecimento por parte do IPCC, caracterizando assim a categoria de Conteúdo Enganoso.

No trecho IX observa-se a presença do Ceticismo Epistêmico em duas categorias: Base de Evidências e Conhecimento Científico. A manifestação da primeira categoria torna-se evidente quando o autor afirma: “O metano não entra no grupo de poluentes. Então ele não é poluente!”; “Porém entra no grupo dos poluentes climáticos. Olha o absurdo que nós estamos a chegar!”; “E quanto às possíveis alterações climáticas impacta 21 vezes mais que o dióxido de carbono, que você já vê né é qualquer coisa, chuta qualquer número, qualquer coisa [...]”; “Então se não tem uma estação que tá medindo metano para falar de qualidade do ar, sinto muito” e “a própria Academia da ciência chinesa e outras academias, com muitas aspas, dizem isso.” (2024, s.p.).

Nessas afirmações, o palestrante questiona a classificação científica do metano, tenta invalidar a categoria de poluente climático de vida curta, coloca em dúvida os critérios utilizados na produção dos dados e sugere falta de confiabilidade nas medições, além de deslegitimar a credibilidade das instituições científicas. Esses elementos demonstram o ceticismo dirigido às bases científicas que sustentam o conhecimento sobre emissões e impactos climáticos.

Em relação à categoria do Ceticismo Epistêmico voltada ao Conhecimento Científico, esse aspecto manifesta-se quando o palestrante passa a questionar não apenas os dados, mas o próprio arcabouço conceitual utilizado pela ciência para classificar o metano. Isso ocorre, por exemplo, quando ele critica a definição de “poluentes climáticos de vida curta” e a lógica científica de empregar o metano como indicador da qualidade do ar. Essa contestação pode ser observada nas afirmações: “Eles admitem que servem como indicadores da qualidade do ar [...]” e “Poluentes climáticos de vida curta.” (2024, s.p.). Nesse caso, o objetivo das críticas não é somente rejeitar os números apresentados, mas questionar a estrutura interpretativa e conceitual da ciência, o que caracteriza claramente o ceticismo em relação ao conhecimento científico.

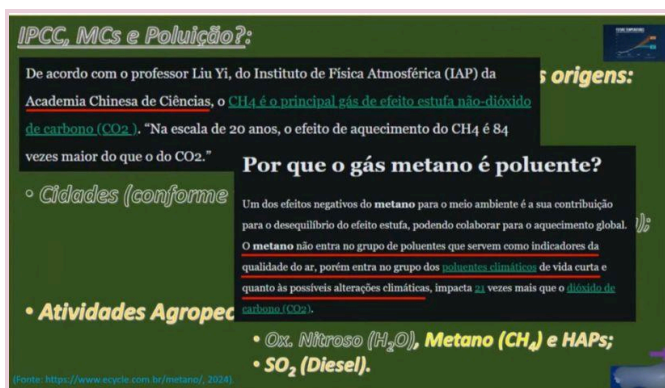
A categoria que mais se manifesta nesse trecho é a de Conteúdo Enganoso, pois o mesmo utiliza alguns dados verdadeiros, mas faz uma interpretação indevida para sugerir que as instituições científicas classificam o metano de forma equivocada, além de adotar um tom de deboche em sua argumentação. No início do trecho analisado, o palestrante afirma: “O metano não entra no grupo de poluentes. Então ele não é poluente! Eles admitem que servem como indicadores da qualidade do ar” (2024, s.p).

Essa declaração está incorreta, já que o IPCC utiliza a categoria “poluentes climáticos de vida curta” para diferenciar gases como o dióxido de carbono, que permanece na atmosfera por séculos, de outros compostos como o metano e o ozônio, que têm permanência de dias a anos (Observatório do Clima, 2017, s.p). Apesar disso, segundo a ONU, o metano (CH<sub>4</sub>) é reconhecido como um poluente poderoso, contribuindo para o aquecimento global cerca de 80 vezes mais que o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) nos 20 anos seguintes à sua emissão, sendo responsável por mais de 25% do aquecimento global atual.

O tom de deboche também aparece em comentários como: “a própria Academia da ciência chinesa e outras academias, com muitas aspas, dizem isso”, “Olha o absurdo que nós estamos a chegar!” e “Você já vê né é qualquer coisa, chuta qualquer número, qualquer coisa e tá valendo o importante é o discurso né” (2024, s.p).

Outro ponto que reforça a classificação como Conteúdo Enganoso são os dados apresentados pelo mesmo em seu slide. Embora utilize dois valores para sustentar seu argumento, ele adiciona apenas uma fonte para justificar a afirmação de que “E quanto às possíveis alterações climáticas impacta 21 vezes mais que o dióxido de carbono” (2024, s.p), informação retirada do site Ecycle, conforme pode ser observado na imagem abaixo.

Figura 16 – Imagem 6 palestra.



Fonte: palestrante(2024)

Como mencionado anteriormente, o autor utiliza dois dados para tentar comprovar que o IPCC modifica os números sem embasamento científico algum. Entretanto, novamente não utiliza fontes oficiais para trazer essas informações, pois o que interessa a ele é comprovar essa afirmação: “[...] você já vê né é qualquer coisa, chuta qualquer número, qualquer coisa e tá valendo o importante é o discurso né”. (2024, s.p).

Por fim, o trecho X manifesta o Ceticismo Epistêmico em duas categorias: Consenso Científico e Conhecimento Científico. Nesse trecho, o palestrante apresenta ataques explícitos ao IPCC, questionando a credibilidade dos dados sobre as causas das mudanças climáticas apresentados pela organização e a

concordância entre os especialistas da área, especialmente ao afirmar que o dióxido de carbono estaria trazendo benefícios ao planeta. A manifestação do ceticismo em relação ao Consenso Científico pode ser observada nas seguintes frases: “O CO<sub>2</sub> só pode ser um problema pelos devaneios do IPCC”; “o suposto aquecimento de 0,8° C dos últimos 70/80 anos” e “Por que eles não gostam de ver isso né? As terras agrícolas globais estão esverdeadas e a tendência são o dobro da vegetação natural” (2024, s.p).

Quanto à categoria de Conhecimento Científico, o mesmo distorce conceitos científicos relativos ao CO<sub>2</sub>, ao Aquecimento Global e à Fertilização por Carbono, entre outros já amplamente discutidos pelo IPCC e por instituições científicas. Ao reinterpretar esses elementos de forma equivocada, ele coloca em dúvida os métodos, os resultados e as interpretações que essas organizações utilizam. Isso pode ser observado nas seguintes afirmações: “o CO<sub>2</sub> que vocês estão emitindo, ajuda a fazer a própria comida de vocês, como todas as outras emissões”; “o enriquecimento por carbono fizeram Maravilhas e não catástrofes nas últimas quatro décadas” e “a fertilização por carbono também faz com que a imunidade das plantas seja mais forte e portanto uso menos pesticidas que são os raps que eles estavam lá querendo falar” (2024, s.p).

Em relação à categorização da desinformação, observa-se a manifestação de Conteúdo Enganoso, uma vez que o enunciador utiliza informações verdadeiras sobre o dióxido de carbono, mas as apresenta de forma distorcida. Essa interpretação corresponde ao que a tabela define como Conteúdo Enganoso, categoria caracterizada pelo uso indevido de dados reais para enquadrar um problema de maneira incorreta.

Começando pela primeira afirmação: “Só que o CO<sub>2</sub> que vocês estão emitindo, ajuda a fazer a própria comida de vocês [...]” (2024, s.p) Essa afirmação sobre o dióxido de carbono está correta, pois de acordo com a NASA (2016) e com a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2023) as plantas utilizam esse gás em seu processo de fotossíntese. Inclusive, segundo as organizações, a alta concentração de dióxido de carbono nos últimos anos está atuando como fertilizante. Esse processo está sendo observado tanto em plantas do hemisfério norte, quanto no hemisfério sul, principalmente em árvores e plantas herbáceas brasileiras.

A FAPESP (2023) destaca que às árvores jovens estão crescendo duas vezes mais rápido, dobraram o peso das folhas, troncos e raízes (esse processo é denominado como biomassa). Além de que estão produzindo mais açúcar em seu processo de fotossíntese, aumentando o estoque de amido em 61%.

Entretanto, temos a seguinte afirmação que distorce todos os estudos produzidos pelas instituições científicas: “o enriquecimento por carbono fizeram Maravilhas e não catástrofes nas últimas quatro décadas” (2024, s.p), essa afirmação está totalmente equivocada. A NASA (2016) destaca que apesar do dióxido de carbono estar atuando como fertilizante para as plantas, ainda assim, a alta concentração desse gás traz malefícios para o planeta porque este é o principal responsável pelas Mudanças Climáticas. Os impactos incluem o aquecimento global, a elevação do nível do mar, o derretimento de geleiras e gelo marinho, além de eventos climáticos mais severos, que afetam a vegetação (plantas e árvores). A NASA (2016) ainda reforça que a alta concentração de dióxido de carbono tem o potencial de afetar o ciclo da água e do carbono no sistema climático.

Em pesquisas mais recentes, a FAPESP (2023) constatou que a fertilização por carbono apesar de aumentar a produtividade de plantas cultivadas como a cana-de-açúcar, a soja e o café, ainda sim depende de outros fatores como água e nutrientes em abundância e temperatura adequada. Recursos que dependem muito de como está a temperatura do planeta. Outro ponto ressaltado pela instituição é que a fertilização por carbono ajuda no crescimento até certo ponto. “Se passar muito do dobro da concentração atual, o CO<sub>2</sub> passa a ter efeito tóxico” (Buckeridge, 2023, s.p). Logo a seguinte afirmação feita pelo palestrante também estaria em partes errada:

As terras agrícolas globais estão esverdeadas e a tendência são o dobro da vegetação natural. Nós estamos falando de alimentos cada vez mais fáceis de se produzir e mais baratos porque a fertilização por carbono também faz com que a imunidade das plantas seja mais forte e portanto uso menos pesticidas [...]. (2024, s.p).

Outro ponto importante é que em sua fala inteira o mesmo dá a entender que o único responsável pelo crescimento das plantas é o dióxido de carbono, entretanto, a NASA (2016, s.p.) deixa claro que outros fatores estavam influenciando como: “o nitrogênio, a mudança na cobertura do solo e as mudanças climáticas, por

meio de alterações na temperatura global, precipitação e luz solar, também contribuem para o efeito de aumento da vegetação”.

A partir da análise dos dez trechos selecionados, observa-se que o palestrante manifesta predominantemente formas de Ceticismo Epistêmico, sobretudo nas categorias Base de Evidências, Conhecimento Científico e Atribuição (causalidade humana). No âmbito da Base de Evidências, identificam-se questionamentos sobre a solidez factual e a confiabilidade dos dados que sustentam o conhecimento acerca das mudanças climáticas, indicando dúvidas quanto à legitimidade das informações utilizadas pela comunidade científica.

Em relação ao Conhecimento Científico, o mesmo expressa incertezas sobre métodos, resultados e interpretações produzidos pelos especialistas, sugerindo uma desconfiança ampliada sobre os processos de construção e validação do conhecimento no campo da climatologia. Na categoria Atribuição, o autor contesta o papel das atividades humanas como causa das mudanças climáticas, minimizando ou rejeitando o consenso científico consolidado a respeito da influência antrópica no aquecimento global.

No conjunto do material analisado, também se evidenciou o uso recorrente de diferentes categorias de desinformação, conforme classificadas por Wardle (2020). Uma das estratégias mais presentes é o conteúdo enganoso, caracterizado pela apresentação de informações verdadeiras, porém deslocadas, descontextualizadas ou distorcidas de modo a alterar seu sentido original. Esse mecanismo é observado quando o palestrante utiliza dados reais ou fragmentos de informações e os reorganiza seletivamente para sustentar a alegação de que organizações científicas produziram estudos desconectados da “realidade”. Tal prática confere aparência de legitimidade ao discurso, ao mesmo tempo em que conduz o público a interpretações equivocadas.

Outra categoria identificada é o Conteúdo Fabricado, definido por Wardle (2020) como informações totalmente inventadas, sem qualquer base factual. Ao longo da palestra, embora o mesmo frequentemente recorra a blogs e fontes de baixa confiabilidade para reforçar seus argumentos, ele também apresenta dados que não encontram respaldo em nenhuma fonte verificável. A introdução desse tipo de informação intensifica o caráter manipulativo do discurso, uma vez que elementos fictícios são apresentados como fatos estabelecidos.

Também se verifica a presença de conteúdo impostor, que ocorre quando informações falsas são atribuídas a instituições reconhecidas, criando uma falsa aparência de autoridade. Esse fenômeno é evidenciado, por exemplo, quando o palestrante atribui ao IPCC declarações inexistentes em seus relatórios oficiais, como no caso dos percentuais de emissões relacionados à agropecuária. Ao vincular dados inexistentes a uma organização científica de prestígio, o mesmo reforça a credibilidade de suas afirmações, mesmo sem respaldo documental.

De modo geral, a análise revela que o discurso do palestrante opera de maneira articulada entre diferentes tipos de desinformação, que não se manifestam de forma isolada, mas se combinam para construir uma narrativa que questiona a legitimidade da produção científica e apresenta os estudos sobre mudanças climáticas como incoerentes, manipulados ou desconectados da realidade. Esse conjunto de estratégias amplifica o impacto desinformativo sobre o público. Além disso, o Ceticismo Epistêmico expresso pelo palestrante contribui para que essas afirmações sejam mais facilmente aceitas, favorecendo a construção de uma percepção distorcida sobre o fenômeno climático.

Por fim, será apresentada uma tabela sintetizando a análise dos dez trechos selecionados, incluindo sua classificação quanto às manifestações de Ceticismo com base nos estudos a priori de Capstick e Pidgeon (2014), bem como a categorização dos tipos de desinformação conforme a metodologia proposta por Wardle (2020).

Quadro 10 – Categorização de trechos da palestra

	Trecho	Manifestação de Ceticismo	Manifestação de Desinformação
I	“No século XX, causa cada vez mais surpresa a força dos discursos em exaltar a irracionalidade. Há uma evidente quebra de lógica na promoção do raciocínio circular, onde causas e consequências são propositalmente invertidas, permitindo um giro contínuo para que falsos argumentos apoiem a necessidade da ocasião. Qualquer pessoa, com mínimo de bom senso, rapidamente conseguiria perceber o comprometimento total da	Ceticismo Epistêmico diante das bases científicas	

	racionalidade que nós estamos a viver nos tempos atuais, ao ponto de que a gente vê coisas absurdas”.		
II	“[...] exemplos de adaptação: queimadas fazem mudanças climáticas ou mudanças climáticas fazem queimadas, né? Então, o discurso até 2018 era de que as queimadas na Amazônia causavam, né, as mudanças climáticas pelo planeta. E, a partir de 2024, pela ilustre ministra que faz parte do quadro desse governo, as mudanças climáticas causam os incêndios na Amazônia, Pantanal e restante do Brasil, né? As coisas vão simplesmente se adaptando conforme a necessidade. Quando, na verdade, a gente sabe muito bem que são as estiagens sazonais, né, que aumentam aí, que indicam um aumento da probabilidade de incêndios”.	Ceticismo Epistêmico em duas categorias: atribuição e base de evidências	Conteúdo Enganoso
III	“Discurso da saúde pública nos anos 90: As pessoas não devem praticar atividades físicas (andar, correr, usar bicicletas) próximas das avenidas por causa dos automóveis. [...] Século XXI com a ODS aí, ciclofaixas incentiva o uso de bicicletas ao lado do tráfego com carros e caminhões. Uma coisa bem surpreendente né, porque eh as ciclofaixas então além de diminuir a fluidez no tráfego tirando uma faixa de rolagem, ainda aumenta o consumo de combustível. Eles ganham duas vezes e aí fica a pergunta: isto não lançaria mais poluentes no ar para os ciclistas que estão ali para respirar? Discurso da saúde pública no século XX, na ODS, é simplesmente um silêncio sepulcral né ninguém fala absolutamente nada. Só podemos concluir então ou que mentem ou que a poluição urbana diminuiu. Só pode ser um desses dois casos”.	Ceticismo Epistêmico em relação às bases evidências.	Conteúdo Enganoso
IV	“Nós estamos com trocas de paradigmas e poluição tá sendo associada com outra coisa. A poluição pode ser sólida, pode ser no líquido, pode ser no ar, nós vamos abordar muito mais a do ar, mas veja só que a poluição para eles é qualquer coisa. Se você usa plástico, você muda o clima porque o lixo muda o clima da terra. Chegamos a esses absurdos”.	Ceticismo Epistêmico em relação às bases de evidências	Contexto Falso em conjunto com Conteúdo Enganoso

V	<p>“Segundo a OMS, mostram que cerca de 7 milhões de mortes prematuras em todo o mundo são causadas pela poluição do ar dentro e fora de casa né. Sendo um importante fator de risco que afeta a população. Também provoca alterações climáticas como a intensificação do efeito estufa e do aquecimento global. Ali vocês já estão vendo que estão colocando dentro do mesmo cesto coisas que são diferenciadas, mas a própria OMS não diz quem são/ aonde são as 7 milhões de mortes né. Nós podemos responder pra OMS porque ela quer esconder aqui das pessoas. China e Índia especialmente. Este último país porque as mulheres precisam cozinhar queimando esterco de gado, cuja fumaça é altamente cancerígena”.</p>	Ceticismo Epistêmico em relação à base de evidências	Conteúdo Enganoso
VI	<p>“O ranking dos países mais poluidores do mundo: vejam lá né, o Brasil ocupa a sexta posição emitindo sobretudo gás de efeito estufa. Então gás de efeito estufa, que eles estão considerando aqui não são poluentes. Eles fazem de propósito de colocar no mesmo cesto para colocar o Brasil nesse Balaio né. A maioria das emissões está associada ao desmatamento e à degradação do solo. Ou seja, em razão da poluição atmosférica e do solo né. Poluição atmosférica porque pega fogo no matinho e porque as pessoas usam o solo para a agricultura. [...] E Por que o Brasil ocupa essa posição? Porque simplesmente eles colocam lá, passam pano né , passam pano para os países como a Europa né”.</p>	Ceticismo Epistêmico em relação à conduta da ciência, às bases de evidência e atribuição.	Conteúdo Enganoso
VII	<p>“Vamos direto na bobagem: falando que destrói uma coisa que não existe que é a camada de ozônio. Ela se recompõe o tempo todo. E para quem não sabe né, desde que nós temos aí o Protocolo de Montreal que extinguiu com o cfcs ou a anomalia do ozônio continua a existir, e continuará a existir quando o homem não existir mais no planeta. Existia antes do homem estar no planeta certo? Sempre existiu e os caras querem dizer que aquele fenômeno natural, lembrando que eu falei do pânico né, no pânico moral que eles falam, pegam um fenômeno natural e transformam num grande</p>	Ceticismo Epistêmico em relação ao conhecimento científico e a atribuição	Conteúdo Enganoso.

	problema”.		
VIII	<p>“E o que o ipcc prega que 66% das emissões globais são ocasionadas pela agropecuária. Olha o absurdo. Já ressaltado aqui esse 66% né, nós vamos ver como esses valores são totalmente chutados, todo momento eles são alterados por qualquer coisa. O importante aí é o discurso não são os valores. O que o IPCC esconde das pessoas? Que a maior fonte de óxido nitroso são as bactérias presentes no solo. São chamados os ciclos biogeoquímicos do solo, que o próprio IPCC elenca como a sua principal incerteza. O IPCC não sabe menor ideia do que está a falar e ele admite isso no relatório. Então ele esconde o negócio que ele não sabe, mas ele fala que é a emissão da agricultura e pelos oceanos, quase não tem oceano no nosso mundo né pessoal, claro outra incerteza central. Então são só as duas maiores superfícies que dominam o extrato geográfico terrestre que o ipcc não sabe falar nada sobre isso”.</p>	Ceticismo Epistêmico em relação a duas categorias: Base de Evidências e Conhecimento Científico.	Conteúdo Impostor, Conteúdo Enganoso e Conteúdo Fabricado.
IX	<p>“O metano não entra no grupo de poluentes. Então ele não é poluente! Eles admitem que servem como indicadores da qualidade do ar tá aqui ó. Então se não tem uma estação que tá medindo metano para falar de qualidade do ar. Sinto muito, a própria Academia da ciência chinesa e outras academias, com muitas aspas, dizem isso. Porém entra no grupo dos poluentes climáticos. Olha o absurdo que nós estamos a chegar! Poluentes climáticos de vida curta. E quanto às possíveis alterações climáticas impacta 21 vezes mais que o dióxido de carbono, que você já vê né é qualquer coisa, chuta qualquer número, qualquer coisa e tá valendo o importante é o discurso né”.</p>	Ceticismo Epistêmico em duas categorias: Base de Evidências e Conhecimento Científico	Conteúdo Enganoso
X	<p>“Só que o CO2 que vocês estão emitindo, ajuda a fazer a própria comida de vocês, como todas as outras emissões. Só que para o IPCC, não né. O CO2 só pode ser um problema pelos devaneios do IPCC. E a gente traz também essa informação que continua na agricultura, não só a vegetação natural, mas também né a agricultura, e</p>	Ceticismo Epistêmico em duas categorias: Consenso Científico e Conhecimento Científico.	Conteúdo Enganoso

	<p>o a artificial né, como eles gostam de chamar, o artificial tá, o suposto aquecimento de 0,8° c dos últimos 70/80 anos e o enriquecimento por carbono fizeram Maravilhas e não catástrofes nas últimas quatro décadas. Por que eles não gostam de ver isso né? As terras agrícolas globais estão esverdeadas e a tendência são o dobro da vegetação natural. Nós estamos falando de alimentos cada vez mais fáceis de se produzir e mais baratos porque a fertilização por carbono também faz com que a imunidade das plantas seja mais forte e portanto uso menos pesticidas que são os raps que eles estavam lá querendo falar”.</p>		
--	---	--	--

Fonte: elaborado pela autora (2025), adaptado de Wardle (2020) e Capstick e Pidgeon (2014).

Após a análise e síntese dos trechos selecionados da palestra, serão examinados comentários da postagem original e dois reposts publicados em dias distintos, com o objetivo de compreender como o ceticismo e a desinformação influenciam a percepção da população sobre as mudanças climáticas.

## 5.2 ANÁLISE COMENTÁRIOS DA LIVE

Para a segunda etapa da análise, foram selecionados 12 comentários extraídos da live principal, que conta com aproximadamente 4,6 mil visualizações, 968 curtidas e 41 comentários. E de dois reposts da mesma palestra, um no canal da anfitriã e o outro no canal do palestrante. Ressalta-se que os comentários realizados durante a transmissão ao vivo não se encontram mais disponíveis para consulta. Diante disso, foram considerados apenas os comentários públicos e permanentemente visíveis na plataforma.

A escolha por essa amostragem deu-se pelo fato de serem comentários que chamam a atenção por conta de seu conteúdo, além de ter sido identificada a manifestação de ceticismo em sua maioria. Buscou-se também trazer exemplos de comentários que abrangessem toda a discussão que ocorre no ambiente digital dos canais selecionados.

O primeiro repost foi realizado no canal da anfitriã três dias após a publicação original. Nessa versão, a palestra atingiu 2.958 visualizações, 701 curtidas e 66 comentários. Apesar do número inferior de visualizações em comparação ao vídeo original, esse repost apresentou maior nível de interação no que se refere à quantidade de comentários.

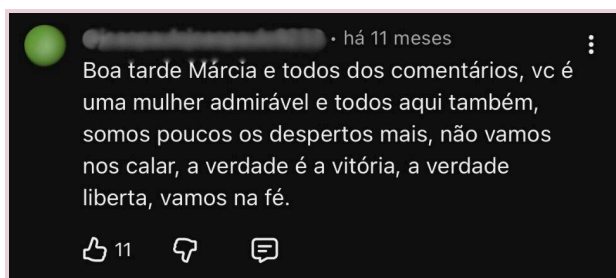
A última repostagem ocorreu no canal oficial do palestrante. Entre o vídeo original e os reposts, este foi o que apresentou menor engajamento, registrando 705 visualizações, 206 curtidas e 7 comentários.

O objetivo desta análise de comentários consiste em compreender as reações do público frente a conteúdos negacionistas e desinformativos relacionados às mudanças climáticas, bem como analisar os impactos desses discursos na percepção, interpretação e valorização do tema por parte dos espectadores. Para fins metodológicos e de organização do corpus, os comentários provenientes dos três vídeos foram reunidos em uma única amostra.

A partir da análise preliminar, observa-se que a maior parte dos comentários expressa agradecimentos tanto ao palestrante, quanto à organizadora do evento, responsável pela mediação e pela disponibilização do conteúdo em sua plataforma. Também se identifica a presença predominante das duas principais categorias de Ceticismo: Epistêmico e de Resposta. Além disso, aparecem suas respectivas subcategorias, que serão detalhadas ao longo da análise de cada comentário.

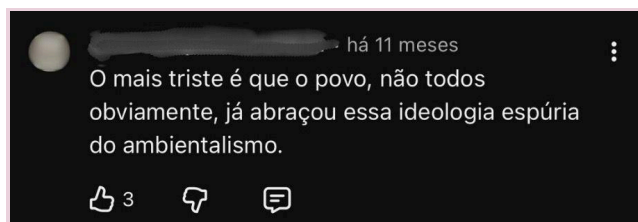
Começando pela subcategoria do Ceticismo de Resposta: Psicologia Popular, que segundo Capstick e Pidgeon (2014), nessa categoria relaciona-se à percepção de que o engajamento ambiental é movido por interesses pessoais ou ideológicos. Foram identificados dois comentários que apresentam essas características, e serão abordados abaixo:

Figura 17 – Comentário A



Fonte: canal do Youtube palestrante e organizadora do evento (2024)

Figura 18 – Comentário B



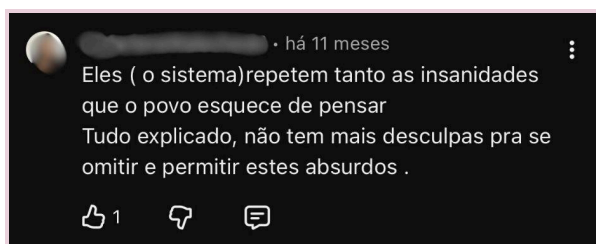
Fonte: canal do Youtube palestrante e organizadora do evento (2024)

Os comentários A e B manifestam o Ceticismo de Resposta: Psicologia popular. No comentário A observa-se o uso de expressões como “poucos despertos” e “a verdade liberta”, que criam uma divisão simbólica entre aqueles que supostamente compreendem a “verdade” apresentada e aqueles que seriam enganados, manipulados ou incapazes de perceber a realidade. Essa construção reforça a noção de que o engajamento ambiental estaria associado a motivações ideológicas ou pessoais, característica central da categoria Psicologia popular.

No comentário B identifica-se a mesma lógica retórica. Ao sugerir que o posicionamento ambiental é uma “ideologia espúria”, o enunciador atribui ao engajamento ambiental intenções distorcidas ou interesses ocultos. Esse entendimento corresponde diretamente à definição da categoria, que descreve a Psicologia popular como relacionada à percepção de que o engajamento ambiental é movido por interesses pessoais ou ideológicos.

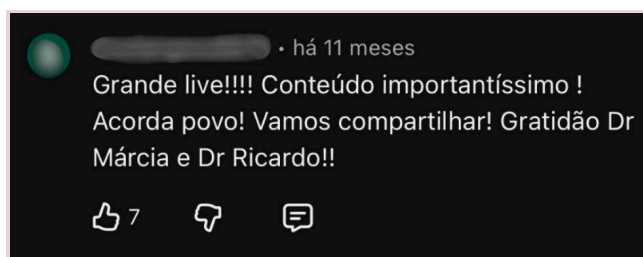
Os próximos comentários C, D , E , F manifestam a categoria Ceticismo de Resposta: Representação e comunicação, que tem como características o negacionismo frente à forma como o problema é representado pela mídia e instituições. Isso pode ser observado nas imagens abaixo:

Figura 19 – Comentário C



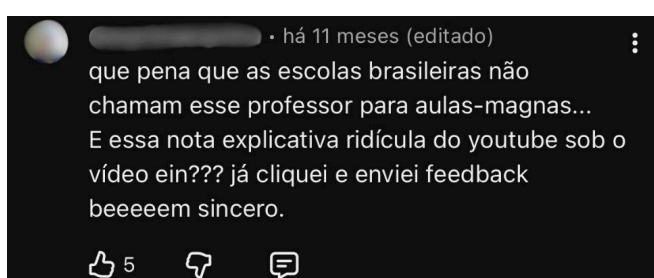
Fonte: canal do Youtube palestrante e organizadora do evento (2024)

Figura 20 – Comentário D



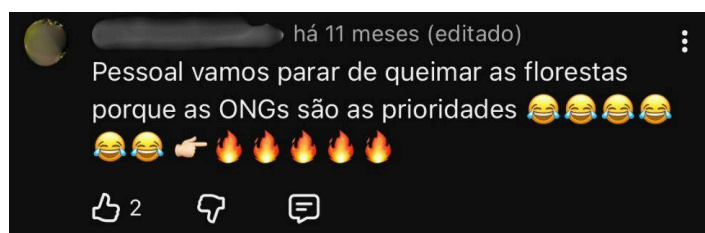
Fonte: canal do Youtube palestrante e organizadora do evento (2024)

Figura 21 – Comentário E



Fonte: canal do Youtube palestrante e organizadora do evento (2024)

Figura 22 – Comentário F



Fonte: canal do Youtube palestrante e organizadora do evento (2024)

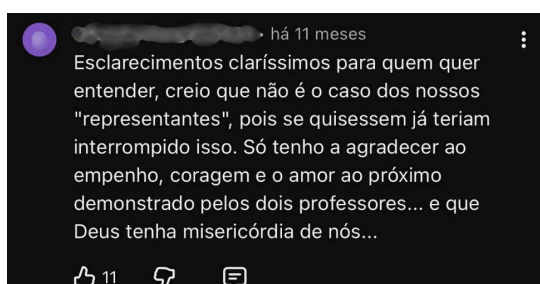
Os comentários C, D, E e F apresentam manifestações de Ceticismo de Resposta: Representação e comunicação. O comentário C afirma que “o sistema” repete insanidades e manipula a população, revelando desconfiança quanto à forma como as instituições apresentam e difundem informações sobre o tema. No comentário D, a expressão “Acorda povo!” sugere que a população estaria sendo enganada ou incapaz de perceber a suposta “verdade” sobre o clima, o que reforça a ideia de que o problema estaria sendo comunicado de maneira distorcida ao público. O comentário E critica explicitamente a “nota explicativa ridícula do YouTube”, demonstrando rejeição às tentativas da plataforma de contextualizar ou

corrigir informações, o que evidencia ceticismo em relação à representação institucional do tema.

Por fim, o comentário F ironiza as ONGs e afirma que elas seriam tratadas como “prioridade”, insinuando que esses grupos moldam a narrativa ambiental de forma enviesada. Assim, todos esses comentários se alinham à categoria que descreve o Ceticismo de Resposta: Representação e comunicação, caracterizado pela desconfiança em relação à maneira como o problema é apresentado pela mídia e por instituições.

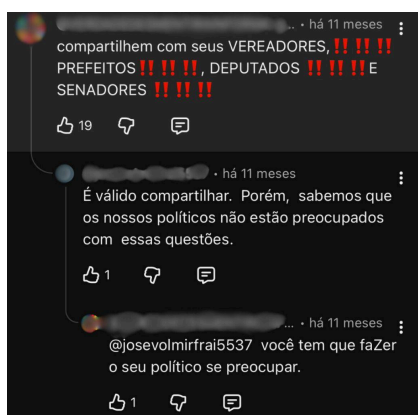
A última subcategoria do Ceticismo de Resposta manifestada pelos comentários foi respostas a nível político, que segundo a categorização de Capstick e Pidgeon (2014) questiona políticas públicas, acordos internacionais e compromissos governamentais sobre o tema. Nessa categoria teve-se quatro comentários que se enquadram. Abaixo estarão os comentários.

Figura 23 – Comentário G



Fonte: canal do Youtube palestrante e organizadora do evento (2024)

Figura 24 – Comentário H



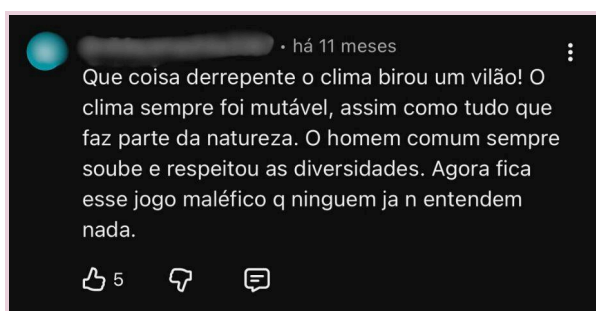
Fonte: canal do Youtube palestrante e organizadora do evento (2024)

Nos comentários G e H observa-se uma manifestação evidente do Ceticismo de Resposta em relação ao nível político. No comentário G, o enunciador sugere que os representantes políticos não desejam interromper algo considerado prejudicial, o que implica a percepção de omissão, falha ou até mesmo manipulação por parte das autoridades. No comentário H, a postagem principal convoca os usuários a compartilharem o conteúdo com vereadores, prefeitos, deputados e senadores, indicando a expectativa de que essas autoridades deveriam estar informadas e agir sobre o tema.

A primeira resposta ao comentário reforça essa mesma categoria de ceticismo ao afirmar que os políticos não se preocupam com questões ambientais, o que corresponde diretamente à desconfiança nas ações e prioridades governamentais. Por fim, a segunda resposta intensifica essa percepção ao declarar que cabe ao cidadão pressionar seus representantes, reiterando a ideia de que os agentes políticos não demonstram comprometimento com a pauta ambiental. Dessa forma, todos os enunciados se enquadram claramente na categoria de Ceticismo de Resposta: Respostas a nível político.

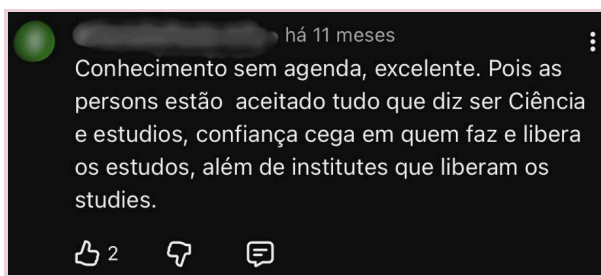
Tem-se também a manifestação do Ceticismo Epistêmico nos comentários. Um é em relação ao Impacto (gravidade das mudanças climáticas) e o outro é em relação a Conduta da ciência/(im)propriedade. Isso pode ser visualizado nos comentários I e J respectivamente.

Figura 25 – Comentário I



Fonte: canal do Youtube palestrante e organizadora do evento (2024)

Figura 26 – Comentário J



Fonte: canal do Youtube palestrante e organizadora do evento (2024)

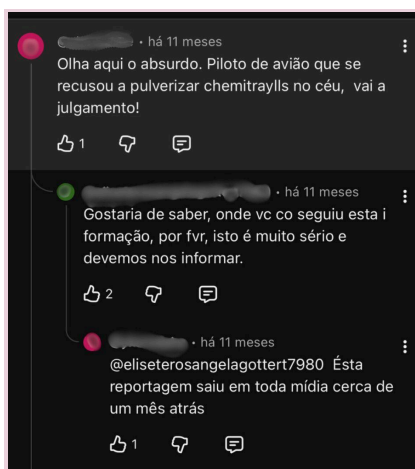
O comentário I afirma que o clima sempre foi mutável, o que minimiza ou nega a gravidade das mudanças climáticas atuais. Ao caracterizar a preocupação ambiental como um “jogo maléfico” e sugerir que o clima está sendo transformado em um “vilão”, o enunciador indica que não haveria motivo real para alarme. Essa interpretação corresponde diretamente ao item da tabela que descreve a categoria responsável por minimizar os impactos previstos ou tratá-los como fenômenos naturais e não alarmantes.

Já o comentário J atribui à ciência e às instituições responsáveis pela produção de estudos a existência de uma “agenda”, além de criticar a confiança pública depositada nesses materiais. Essa postura expressa desconfiança quanto à integridade do trabalho científico e se alinha à categoria que aponta suspeitas de manipulação ou de interesses por parte da comunidade científica.

Por fim, outro ponto importante da análise é que alguns comentários também compartilham teorias da conspiração sobre as mudanças climáticas. Esse tipo de narrativa favorece a proliferação do ambiente de negacionismo climático, ampliando sua circulação e reforçando percepções equivocadas sobre o tema. De acordo com Medeiros e Azevedo (2020), citados por Carvalho (2021), teorias conspiratórias podem ser compreendidas como crenças que procuram explicar eventos de grande impacto social atribuindo sua causa à atuação de grupos ou organizações que manteriam suas ações ocultas na opinião pública.

A seguir, estão dois comentários que fazem referência a duas teorias conspiratórias.

Figura 27 – Comentário K



Fonte: canal do Youtube palestrante e organizadora do evento (2024)

No comentário principal, observa-se a manifestação da teoria conspiratória sobre a suposta demissão de um piloto que teria se recusado a pulverizar o céu com “*chemtrails*”. De acordo com AFP Checamos (2024), o termo “*chemtrails*” é associado a uma teoria conspiratória que afirma que os rastros deixados por aviões no céu conteriam substâncias químicas tóxicas liberadas com o objetivo de esterilizar a população, exercer controle mental, reduzir o número de habitantes ou até mesmo manipular o clima.

A equipe de checagem da AFP (2024) consultou especialistas para esclarecer a composição desses rastros, e trouxe a explicação de Edward Parson, professor de Direito Ambiental da Universidade da Califórnia, que afirma que esses rastros “se constituem de água ou gelo, que formam parte do gás de escape do motor, que contém pequenas quantidades de poluentes, como todos os gases de escape de veículos”. (AFP BRASIL, 2024, s.p). A própria agência também ressaltou que diversas organizações já confirmaram a inexistência de evidências que sustentem a existência dos chamados “*chemtrails*”.

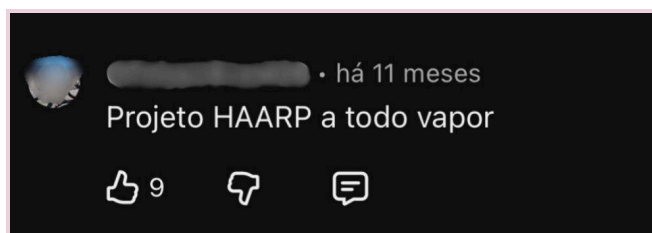
Quanto à suposta demissão do piloto, a checagem identificou que o conteúdo original foi publicado por um site satírico e ganhou grande alcance porque foi posteriormente republicado em plataformas como Facebook, X, Instagram, Telegram e Kwai. As publicações virais apresentam um vídeo em que um apresentador parece noticiar que um piloto teria recorrido ao Tribunal de Nuremberg após ser desligado por se recusar a liberar “*chemtrails*” de um avião. O material inclui uma entrevista

com o suposto piloto e com um “especialista” que afirma que a companhia aérea teria pago “centenas de milhões de dólares em multas contratuais para governos secretos do mundo”.

Embora esse comentário não manifeste nenhuma categoria de ceticismo, ele se enquadra na categoria de desinformação denominada Sátira ou Paródia, conforme proposto por Wardle (2020). Segundo a autora, essa forma de conteúdo é frequentemente utilizada por produtores de rumores como estratégia para escapar da responsabilização e das verificações das agências de checagem, já que é apresentada como mera ironia da realidade. O potencial de dano desse tipo de conteúdo decorre do fato de que, à medida que é compartilhado nas redes sociais, perde o vínculo com seu emissor original e, conseqüentemente, seu caráter satírico também se perde, o que favorece interpretações equivocadas e a propagação da desinformação, como pode ser visualizado nesse comentário.

O comentário L faz referência a uma teoria da conspiração bem famosa que possui uma forte ligação com as mudanças climáticas e como as pessoas buscaram encontrar explicações para as enchentes que ocorreram no Rio Grande do Sul, em 2024. A teoria é denominada como Projeto HAARP, e foi citada no comentário abaixo.

Figura 28 – Comentário L



Fonte: canal do Youtube palestrante e organizadora do evento (2024)

O Projeto HAARP, de acordo com Granchi (2024), é um programa norte-americano voltado a compreender como transmissões de ondas de rádio interagem com elétrons e íons livres presentes na ionosfera. Esse conhecimento é utilizado para aprimorar sistemas de comunicação, como wi-fi, internet móvel e aplicativos baseados em localização. A pesquisa é realizada por meio de antenas transmissoras de alta potência e alta frequência, chamadas de IRI (sigla em inglês

para *Ionospheric Research Instrument*, ou instrumento de pesquisa ionosférica). Esses transmissores enviam sinais para a ionosfera, excitando temporariamente uma área específica, o que permite observar o comportamento dessa camada da atmosfera e sua resposta às ondas de rádio. Segundo Granchi (2024), o alcance dessas antenas é limitado, atuando apenas em uma área restrita da ionosfera, sem qualquer capacidade de provocar alterações significativas de temperatura, níveis de radiação ou eventos ambientais extremos.

As teorias da conspiração, no entanto, defendem que o HAARP seria capaz de controlar placas tectônicas, regular a temperatura atmosférica e até modificar o nível de radiação proveniente da camada de ozônio. O projeto chegou a ser amplamente citado como responsável pelas chuvas incomuns que atingiram o Rio Grande do Sul. Como explica Granchi (2024), essas narrativas afirmam que o episódio teria sido provocado por “grupos de grande poder” com o objetivo de gerar medo, confusão e indignação, criando um cenário de vulnerabilidade que permitiria a imposição de interesses próprios.

Nessas interpretações conspiratórias, o HAARP seria capaz de causar desastres naturais, funcionar como arma de destruição em massa e até promover controle mental por meio de ondas de alta frequência. Entretanto, conforme esclarece a autora, nenhuma dessas alegações é possível, já que as antenas do HAARP têm ação limitada e apenas emitem ondas para a ionosfera, sem interferir nas áreas citadas pelos conspiracionistas.

Granchi (2024) também destaca que, segundo especialistas, as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul resultam de uma combinação complexa de três fatores principais: uma corrente intensa de ventos, um corredor de umidade vindo da Amazônia e uma onda de calor na região central do país.

Além de difundir uma teoria conspiratória, esse comentário também manifesta o Ceticismo Epistêmico, especificamente na categoria Conduta da ciência/(im)propriedade, que se refere à suspeita de manipulação ou de interesses escusos por parte da comunidade científica. Essa desconfiança se articula diretamente com as narrativas conspiratórias relacionadas ao Projeto HAARP.

Por fim, após a análise dos comentários, observa-se que os indivíduos que consomem conteúdos de teor negacionista tendem a adotar os mesmos discursos apresentados pelo palestrante. Além de incorporarem essas narrativas, tornam-se

propagadores delas, incentivando ainda mais pessoas a aderirem ao mesmo modo de pensar. Entretanto, os comentários manifestam com mais frequência o Ceticismo de Resposta juntamente com o Epistêmico, como foi visto na análise, pois, quando questionam o papel da mídia, as respostas de políticos e o conhecimento de grande parte da população (Ceticismo de Resposta), ainda assim, não estão assumindo que as mudanças climáticas existem, mas sim questionando por que a mídia e os representantes querem “manipular a opinião pública” com um fenômeno que, para os comentaristas, não existe.

E é isso que a palestra incentiva: não apenas tentar provar que instituições científicas como a ONU e o IPCC estão erradas, mas também minar a confiança das pessoas nos dados e gerar dúvidas sobre o motivo pelo qual essas instituições divulgariam “informações falsas”, criando um ambiente ainda mais propício para a negação.

Diferentemente do expositor, que utiliza como estratégia central a distorção de dados científicos e oficiais, apresentando narrativas frequentemente infundadas e raramente apoiadas em fontes, característica do Conteúdo Enganoso apresentada por Wardle (2020), os espectadores utilizam o espaço dos comentários para validar e reforçar os argumentos apresentados (comentários A, B, C, D, E, G, I e J), reproduzir essas ideias (comentários B, C, F e I), incentivar o compartilhamento (comentários D e H) e ainda difundir conteúdos desinformativos adicionais, como teorias da conspiração.

Conclui-se, portanto, que diferentes estratégias contribuem para ampliar a circulação de discursos negacionistas, afetando negativamente a percepção pública sobre a importância das práticas voltadas ao desenvolvimento sustentável. Como consequência, ações já implementadas também são prejudicadas, pois, quando discursos e opiniões dessa natureza ganham força, as vozes de especialistas e de instituições científicas perdem espaço na opinião pública, dificultando avanços necessários e ampliando a vulnerabilidade das pessoas diante das consequências das mudanças climáticas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender de que maneira conteúdos desinformativos e discursos negacionistas afetam a percepção das pessoas diante das discussões sobre as mudanças climáticas. Para responder à questão norteadora “Como a desinformação influencia a percepção sobre as mudanças climáticas e contribui para promover o negacionismo climático?”, definiu-se como objetivo geral “Analisar como a desinformação afeta a percepção das pessoas sobre as mudanças climáticas, contribuindo para o negacionismo climático”. Além disso, estabeleceram-se como objetivos específicos da pesquisa: a) compreender os processos de desinformação; b) investigar como discursos com teor negacionista circulam e ganham força dentro de uma comunidade; e c) examinar de que forma esses discursos moldam a percepção dos indivíduos sobre o aquecimento global e suas causas.

No segundo capítulo, buscou-se responder ao primeiro objetivo específico da pesquisa: “compreender os processos de desinformação”. Para isso, utilizou-se o método da revisão bibliográfica visando identificar os principais conceitos associados aos conteúdos desinformativos. Diante disso, identificou-se quatro termos centrais: *Fake News*, Desinformação, Pós-Verdade e Teoria da Conspiração.

Alguns autores como Wardle e Derakhshan (2017) não são favoráveis à utilização dos termos *Fake News* e Desinformação, por entenderem que esses termos são empregados como estratégia política para deslegitimar a imprensa, tornando-se, dessa forma, conceitos superficiais. Diante disso, Wardle e Derakhshan (2017) propõem um novo termo denominado Desordem Informacional. Esse conceito busca englobar todos os tipos de manifestações da desinformação.

Entretanto, a autora Wardle (2020), com o objetivo de detalhar melhor os processos desinformativos, propõe uma nova abordagem a esse termo, categorizando essas manifestações. A autora apresenta uma nova classificação composta por sete categorias, distribuídas entre danos de baixo e de alto impacto, sendo elas: sátira ou paródia, conexão falsa, conteúdo enganoso, contexto falso, conteúdo impostor, conteúdo manipulado e conteúdo fabricado.

Essa categorização foi fundamental para a análise desenvolvida no estudo, pois permitiu identificar com maior precisão as estratégias utilizadas por Felício em sua palestra e compreender de que maneira contribuíram para a circulação e o fortalecimento de discursos negacionistas relacionados às mudanças climáticas.

Além disso, a categorização proposta por Wardle (2020) foi fundamental para compreender a relação entre os processos de desinformação e as consequências decorrentes deles, tais como os fenômenos da Pós-Verdade e das Teorias das Conspirações. A circulação de informações manipuladas, fora de contexto ou completamente fabricadas alimenta um ambiente em que os fatos passam a ter menos relevância do que crenças pessoais, emoções e interpretações subjetivas, formando um terreno fértil para a manifestação da pós-verdade.

Nesse cenário, mensagens desinformativas funcionam como gatilhos que reforçam narrativas conspiratórias, oferecendo explicações simplificadas e emocionalmente atraentes para questões complexas. Esse movimento também sustenta o negacionismo, ao validar dúvidas artificiais, minar evidências científicas e fortalecer discursos baseados em desconfiança.

Todo esse processo complementa e corresponde ao objetivo específico b, que buscou investigar como discursos de teor negacionista circulam e ganham força dentro de uma comunidade. Isso pode ser observado no objeto de estudo, que foi submetido aos métodos de análise de discurso e de conteúdo. Na análise, pôde-se verificar que o palestrante costuma utilizar como estratégia principal aquilo que Wardle (2020) classifica como Conteúdo Enganoso. Nesse caso, ele recorre a dados verdadeiros apresentados em contextos distorcidos como forma de sustentar seu posicionamento.

O autor da palestra também utiliza outras categorias da Desordem Informacional, como Conteúdo Fabricado, ao inventar porcentagens para reforçar argumentos, e Conteúdo Impostor, quando menciona supostos órgãos oficiais para legitimar determinadas informações sem apresentar fontes. Essas estratégias evidenciam como o discurso é estruturado para penetrar e convencer determinadas comunidades.

Ainda, para responder o objetivo específico b, foi necessário a partir da revisão bibliográfica para aprofundar o entendimento do fenômeno do negacionismo

climático no Brasil e no mundo, identificando seus principais atores e analisando como suas estratégias buscam enfraquecer movimentos voltados à sustentabilidade.

Nesse sentido, destacam-se as contribuições de Capstick e Pidgeon (2014), que abordam as classificações de Ceticismo Epistêmico e Ceticismo de Resposta — detalhando suas manifestações. A incorporação dessas perspectivas foi essencial para analisar como o ceticismo pode ser mobilizado, não apenas como dúvida legítima, mas como ferramenta retórica que sustenta processos de desinformação e práticas negacionistas.

Isso pôde ser observado na palestra, em que o autor manifesta com frequência o Ceticismo Epistêmico, especialmente nas categorias de Base de Evidências, Conhecimento Científico e Atribuição (causalidade humana). O palestrante questiona repetidamente estudos, dados e o trabalho de cientistas e organizações, além de negar o papel humano nas mudanças climáticas, reforçando o avanço do negacionismo climático e alimentando a percepção de que instituições científicas estariam manipulando a sociedade.

Isso também se conecta com o objetivo específico c, que buscava examinar de que forma esses discursos moldam a percepção dos indivíduos sobre o aquecimento global e suas causas. No estudo empírico, a análise dos comentários sobre a palestra evidenciou como conteúdos desinformativos atuam para reforçar esse ceticismo.

Argumentos descontextualizados e conteúdo enganoso contribuíram para fortalecer crenças prévias e produzir um Ceticismo Epistêmico e de Resposta, no qual a credibilidade do conhecimento científico é sistematicamente colocada em dúvida. Essa dinâmica demonstra como a desinformação não apenas circula, mas se integra a crenças existentes, ampliando a resistência a evidências e fragilizando o debate público sobre sustentabilidade e aquecimento global.

Outro ponto interessante que é válido ressaltar é que diferentemente do palestrante, que manifesta principalmente o Ceticismo Epistêmico, nos comentários é possível visualizar a manifestação do Ceticismo de Resposta, principalmente nas categorias de Psicologia Popular, Representação e Comunicação e Nível Político.

Porém é importante ressaltar que, apesar do Ceticismo de Resposta ser mais sobre a contestação das ações humana em diminuir os estragos causado pelas

mudanças climáticas, a presente análise evidencia que ele é manifestado em resposta ao Ceticismo Epistêmico do palestrante, pois os usuários, assim como o mesmo, não acreditam nas mudanças climáticas, mas contestam que a grande mídia e os representantes estão tomando partido para a opinião “errada”, que é falar sobre os impactos do aquecimento global e as mudanças climáticas.

Por fim, ao buscar responder ao objetivo geral de analisar como a desinformação afeta a percepção das pessoas sobre as mudanças climáticas, contribuindo para o negacionismo climático, observou-se que conteúdos inicialmente distorcidos criam espaço para teorias conspiratórias e fortalecem discursos de pós-verdade, formando uma dinâmica em que tais narrativas se retroalimentam no ambiente digital.

Nesse processo, a desinformação se combina a crenças prévias e reforça interpretações equivocadas sobre a crise climática. Conclui-se, assim, que esses mecanismos desinformativos não apenas moldam percepções distorcidas, mas também conferem legitimidade a dúvidas artificiais, favorecendo o avanço do negacionismo climático e enfraquecendo o debate público sobre sustentabilidade e aquecimento global.

Este estudo permitiu identificar as principais estratégias de desinformação utilizadas pelo palestrante e mostrar como seu discurso influencia a percepção sobre o aquecimento global, contribuindo para o fortalecimento do negacionismo climático e respondendo à questão central deste trabalho. A pesquisa também possibilitou compreender de que forma a comunidade digital do canal da anfitriã e do palestrante reage a conteúdos de caráter negacionista.

Além disso, a construção do referencial teórico, aliada às análises de discurso e de conteúdo da palestra e dos comentários, evidenciou o papel essencial das Relações Públicas na promoção da sustentabilidade e no enfrentamento da desinformação. Isso ocorre tanto pelo fortalecimento da imagem institucional de organizações ambientais quanto pela mediação da comunicação entre essas entidades e os cidadãos. Também se destaca a responsabilidade da área em distribuir informações verdadeiras e acessíveis, de modo que cheguem à população de forma clara, sejam facilmente compreendidas e incentivem práticas sustentáveis no cotidiano.

Como limitação, destaca-se o recorte temporal reduzido e a análise de apenas uma palestra do autor, indicando a necessidade de examinar outros discursos de Felício, bem como de outros atores negacionistas e de comunidades mais amplas. Para estudos futuros, recomenda-se aprofundar a investigação sobre desordem informacional e negacionismo climático e, por exemplo, analisar por meio de entrevistas os impactos de palestras negacionistas em comunidades diretamente afetadas pelas mudanças climáticas.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Pós-verdade**. In: Nossa Língua: Nova Palavra. Rio de Janeiro: ABL, [s.d.]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/pos-verdade>. Acesso em: 28 set. 2025.
- AFP BRASIL. “Reportagem” de piloto demitido na Alemanha por se negar a emitir “chemtrails” é de site satírico. **AFP Checamos**, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://checamos.afp.com/doc.afp.com.36KQ46A>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- AGENDA 2030 – por que o clima? por que a fé?**. 1 vídeo (219 min). Publicado pelo canal do YouTube: Marcia Rohr, 2 fev. 2024. Disponível em: [https://www.youtube.com/live/RjbxuwT\\_Pg](https://www.youtube.com/live/RjbxuwT_Pg). Acesso em: 7 jul. 2025.
- AGENDA 2030 PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**. In: Nações Unidas Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 6 out. 2025.
- ARAUJO, M.; CAMPOS, M. Populismo autoritário e meio ambiente no Brasil: enquadramentos do discurso antiambiental de Jair Bolsonaro em editoriais nacionais e internacionais. **Media & Jornalismo**, Coimbra, 2022. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/issue/view/714/299>. Acesso em: 23 nov. 2025.
- BALDISSERA, Rudimar; GENEROSO, Isaura Mourão. Comunicação organizacional para a sustentabilidade: os relatórios de sustentabilidade GRI. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 38., 2015, Rio de Janeiro. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2015. p. 1–15. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/130097> Acesso em: 4 out. 2025.
- BARBOSA, Mariana. “Guerra de likes”: precisamos dominar as ferramentas e fazer a verdade viralizar – entrevista com Peter Warren Singer. In: **Pós-verdade e fake news**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://ia804601.us.archive.org/32/items/noticias-falsas-brasil/P%C3%B3s-verdade%20e%20Fake%20News%20-%20Mariana%20Barbosa.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- BARRETO JUNIOR, Irineu Francisco; MINIUCHI PELLIZZARI, Bruno Henrique. Bolhas sociais e seus efeitos na Sociedade da Informação: ditadura do algoritmo e entropia na Internet. **Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias**, Belém, v. 5, n. 2, p. 57–73, jul./dez. 2019. DOI: 10.26668/IndexLawJournals/2526-0049/2019.v5i2.5856. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/340426325\\_Bolhas\\_Sociais\\_e\\_seus\\_efeitos\\_na\\_Sociedade\\_da\\_Informacao\\_ditadura\\_do\\_algoritmo\\_e\\_entropia\\_na\\_Internet](https://www.researchgate.net/publication/340426325_Bolhas_Sociais_e_seus_efeitos_na_Sociedade_da_Informacao_ditadura_do_algoritmo_e_entropia_na_Internet)  
Acesso em: 7 set. 2025.

BARROS, Antonio Hohlfeldt; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005. E-book. Disponível em:  
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522474400/pageid/0>  
Acesso em: 23 jun. 2025.

BOARINI, Margareth; FERRARI, Pollyana. A desinformação é o parasita do século XXI. **Organicom**, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 34, p. 37–47, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.170549. Disponível em:  
<https://revistas.usp.br/organicom/article/view/170549..> Acesso em: 24 nov. 2025.

BONADEO, Bruna. **Sustentabilidade e Relações Públicas: o perfil e a atuação do profissional na comunicação organizacional sustentável**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021. Disponível em:  
[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/22353/Bonadeo\\_Bruna\\_2021\\_TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/22353/Bonadeo_Bruna_2021_TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 23 nov. 2025.

BORGES DE AGUIAR, Claudio Gustavo; ORTIZ MONTEIRO, Patricia; JAYME BATISTA, Andréia. Negacionismo e mudanças climáticas. **Revista Ciências Humanas**, [S. l.], v. 15, n. 3, 2022. DOI: 10.32813/2179-1120.2022.v15.n3.a922. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/922> . Acesso em: 24 nov. 2025.

BORTOLON, Bianca; FÁVERO, Bruno; MANGABEIRA, Milena; BARTELS, Rhenan; SOUSA, Yvna. Como anúncios usam sites jornalísticos para espalhar desinformação em saúde e curas falsas. **Aos Fatos**, São Paulo, 26 nov. 2024. Disponível em:  
<https://www.aosfatos.org/noticias/anuncios-sites-jornalisticos-desinformacao-saude-curas-falsas> Acesso em: 7 set. 2025.

BROWN, Tom. Burning cow dung emits an inordinate amount of air pollution in India. **EOS – Earth & Space Science News**, Washington, DC, 2024. Disponível em:  
<https://eos.org/articles/burning-cow-dung-emits-an-inordinate-amount-of-air-pollution-in-india>. Acesso em: 23 nov. 2025.

BUCCI, Eugênio. News não são fake – e fake news não são news. *In*: BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 25–40. Disponível em:  
[https://ia804601.us.archive.org/32/items/noticias-falsas-brasil/P%C3%B3s-verdade%](https://ia804601.us.archive.org/32/items/noticias-falsas-brasil/P%C3%B3s-verdade%20e%20fake%20news-reflex%C3%B5es%20sobre%20a%20guerra%20de%20narrativas)

20e%20Fake%20News%20-%20Mariana%20Barbosa.pdf. Acesso em: 29 ago. 2025.

BURBULHAN, Talita. Frases Lula preconceituoso fora de contexto. **Estadão Verifica**, São Paulo, 9 set. 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/amp/estadao-verifica/frases-lula-preconceituoso-fora-de-contexto/>. Acesso em: 13 set. 2025.

CAPSTICK, Stuart B.; PIDGEON, Nicholas F. O que é o ceticismo em relação às mudanças climáticas? Exame do conceito por meio de um estudo de métodos mistos com o público do Reino Unido. **Global Environmental Change**, v. 24, p. 389–401, 2014. DOI: 10.1016/j.gloenvcha.2013.08.012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0959378013001477>. Acesso em: 23 out. 2025.

CARDOSO, José. **Negacionismo?! [S. l.: s. n.]**, 2021. Edição Kindle. Disponível em: [https://www.amazon.com.br/NEGACIONISMO-Jos%C3%A9-M-Cardoso-ebook/dp/B08YMYF2XV/ref=sr\\_1\\_15?dib=eyJ2IjoiMSJ9.\\_pdgSPp\\_shDp\\_JuG7woLDsasU6hwl3hsCGCOTZNpkAegNmbIHIDoQMlj-w3tnKjh70WvIolwS5IXRnyrGIBTxgOVtGMM\\_7Q Qb9XAh77jvZgVLxe1Z2TXZBGrlxEw6BN2CGNQtRpQwdRxPvt6Pq6B5b\\_O8JrDrDhM4CfkY4N4wrUL6E7IObXVXch0F04Xn0kob5NbTTNrzG14Pbj1emnqOp5lzg7k6uyfEdBQBEwxaM.8IP0kSYZpnw4PCTQuQikPmWbR5ebg69mfazs3Bu-Q\\_U&dib\\_tag=s e&qid=1763078455&refinements=p\\_27%3AJos%C3%A9+E.+M.+Cardoso&s=digital-text&sr=1-15&text=Jos%C3%A9+E.+M.+Cardoso](https://www.amazon.com.br/NEGACIONISMO-Jos%C3%A9-M-Cardoso-ebook/dp/B08YMYF2XV/ref=sr_1_15?dib=eyJ2IjoiMSJ9._pdgSPp_shDp_JuG7woLDsasU6hwl3hsCGCOTZNpkAegNmbIHIDoQMlj-w3tnKjh70WvIolwS5IXRnyrGIBTxgOVtGMM_7Q Qb9XAh77jvZgVLxe1Z2TXZBGrlxEw6BN2CGNQtRpQwdRxPvt6Pq6B5b_O8JrDrDhM4CfkY4N4wrUL6E7IObXVXch0F04Xn0kob5NbTTNrzG14Pbj1emnqOp5lzg7k6uyfEdBQBEwxaM.8IP0kSYZpnw4PCTQuQikPmWbR5ebg69mfazs3Bu-Q_U&dib_tag=s e&qid=1763078455&refinements=p_27%3AJos%C3%A9+E.+M.+Cardoso&s=digital-text&sr=1-15&text=Jos%C3%A9+E.+M.+Cardoso) Acesso em: 10 out. 2025.

CARRO, Rodrigo. Brasil. *In*: NEWMAN, Nic; FLETCHER, Richard; ROBERTSON, Craig T.; ROSS ARGUEDAS, Amy; NIELSEN, Rasmus Kleis (org.). **Relatório de notícias digitais 2024**. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 17 jun. 2024. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024/brazil>. Acesso em: 13 set. 2025.

CARVALHO, Matheus. Teorias da conspiração: por que algumas não valem um caracol. **Perspectiva Filosófica**, [S. l.], v. 48, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/250759/39738>. Acesso em: 28 set. 2025.

CASTELFRANCHI, Yuri. et al. A influência dos valores na percepção da população brasileira sobre as mudanças climáticas. **Revista Mídia e Cotidiano**, Niterói, RJ, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/63478/37785>. Acesso em: 23 nov. 2025.

CASTRO, Mayra. Entenda em 5 pontos as mudanças na Meta anunciadas hoje por Zuckerberg. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 jan. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2025/01/07/entenda-em-5-pontos-as-mudancas-na-meta-anunciadas-hoje-por-zuckerberg.ghtml>. Acesso em: 13 set. 2025.

CASTRO, Rafael Ertner; GUIMARÃES, Guilherme Veiga. **Exercício físico e poluição: o que devo saber**. Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP), São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <https://cepe.usp.br/tips/exercicio-fisico-e-poluicao-o-que-devo-saber/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

DIAS, Reinaldo. **Gestão Ambiental**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2017. E-book. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/604961227/Gestao-Ambiental-3%C2%AA-ed-DIAS-R-2017>. Acesso em: 23 nov. 2025.

DOMINGOS, Ronei. É fake foto que mostra Tyler Robinson, acusado pela morte de Charlie Kirk, usando camiseta com rosto e nome de Lula. **G1**, Rio de Janeiro, 12 set. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2025/09/12/e-fake-foto-que-mostra-tyler-robinson-acusado-pela-morte-de-charlie-kirk-usando-camiseta-com-rosto-e-nome-de-lula.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2025.

EPA – ENVIRONMENTAL PROTECTION AGENCY. **Nitrous oxide emissions**. EPA, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.epa.gov/ghgemissions/nitrous-oxide-emissions>. Acesso em: 23 nov. 2025.

FAKE NEWS: O QUE É, SIGNIFICADO E COMO IDENTIFICAR. In: [significados.com.br](https://www.significados.com.br). Revisão: Juliana Theodoro. [S. l.: s. n.], 2011–2025. Disponível em: <https://www.significados.com.br/fake-news/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

FELÍCIO, Ricardo. **POLUIÇÃO muda o CLIMA? Estão "fazendo" a POLUIÇÃO mudar a METEOROLOGIA**. Dr Ricardo Felício. 23 nov. 2024. 1 vídeo (1h 33 min). Publicado pelo canal Marcia Rohr. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9ypLERxf81Q>. Acesso em: 28 set. 2025.

FORSTER, Renê; CARVALHO, Rodrigo Monteiro de; FILGUEIRAS, Alberto; AVILA, Emanuelle. Comunicação, polarização e desinformação no Brasil: uma análise preliminar. **SciELO Preprints**, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3294>. Disponível em:

<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3294>. Acesso em: 23 nov. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002. E-book. Disponível em:

[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo\\_C1\\_como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf). Acesso em: 23 jun. 2025.

GOVERNO DO BRASIL. **Iniciativa Global para Integridade da Informação sobre Mudança do Clima lança chamado à ação com apoio da Presidência da COP**.

Secretaria de Comunicação Social, Brasília, DF, 9 jul. 2025. Disponível em:

<https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2025/07/iniciativa-global-para-integridade-da-informacao-sobre-mudanca-do-clima-lanca-chamado-a-acao-com-apoio-da-presidencia-da-cop>. Acesso em: 13 out. 2025.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Nosso futuro comum – Relatório**. São Paulo: SEMIL, 2024. E-book. Disponível em:

<https://semil.sp.gov.br/educacaoambiental/prateleira-ambiental/nosso-futuro-comum-relatorio/>. Acesso em: 19 out. 2025.

GRANCHI, Giulia. Brasileiros são os piores em identificar notícias falsas, revela estudo. **BBC News Brasil**, São Paulo, 2024. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/czq52l4xgypo.amp>. Acesso em: 23 nov. 2025.

GRUNIG, James E.; FERRARI, Maria Aparecida; FRANÇA, Fábio. **Relações públicas: teoria, contexto e relacionamento**. 1. ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009.

HACON, Sandra de Souza; GONÇALVES, Karen dos Santos; BARCELLOS, Christovam; OLIVEIRA-DA-COSTA, Marcelo. **Nota técnica: Covid-19 x queimadas na Amazônia**. WWF Brasil, Brasília, DF, 2021. PDF. Disponível em:

[https://wwfbrnew.awsassets.panda.org/downloads/nota\\_tecnica\\_covid\\_x\\_queimadas\\_na\\_amazonia\\_arquivo\\_final.pdf](https://wwfbrnew.awsassets.panda.org/downloads/nota_tecnica_covid_x_queimadas_na_amazonia_arquivo_final.pdf). Acesso em: 23 nov. 2025.

**INCÊNDIOS FLORESTAIS E MUDANÇAS CLIMÁTICAS – ENTREVISTA**

**COMPLETA**. YouTube, 2023. 1 vídeo (25 min). Título complementar: Marina Silva fala à CNN sobre queimadas no Brasil | LIVE CNN - Canal CNN Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ruuQXyrEmA&t=28s>. Acesso em: 23 nov. 2025.

INPE – INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. Incêndios florestais dominam as emissões de carbono durante secas na Amazônia. **Observatório da Terra**, São José dos Campos, SP, 2023. Disponível em:

[http://www.obt.inpe.br/OBT/noticias-obt-inpe/incendios-florestais-dominam-as-emissoes-de-carbono-durante-secas-na-amazonia?utm\\_source](http://www.obt.inpe.br/OBT/noticias-obt-inpe/incendios-florestais-dominam-as-emissoes-de-carbono-durante-secas-na-amazonia?utm_source). Acesso em: 23 nov. 2025.

IPCC – INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Relatório Especial sobre Mudanças Climáticas (SRCL)**. IPCC, [S. l.], 2021. PDF. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/sites/4/2021/10/SRCL.Port-WEB.pdf?>. Acesso em: 23 nov. 2025.

LEUSIN JÚNIOR, Sérgio; FEIX, Rodrigo Daniel; PESSOA, Mariana Lisboa; RISCO, Guilherme. **Painel do Agronegócio do Rio Grande do Sul 2024**. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2024. Relatório online. Disponível em: <https://admin.estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202408/painel-do-agronegocio-do-rio-grande-do-sul-2024-3-1.pdf>. Acesso em: 12 out. 2025.

LIS, Laís. Bolsonaro diz que divulgação de dados sobre desmatamento prejudica o Brasil. **G1**, Brasília, 21 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/21/bolsonaro-diz-que-divulgacao-de-dados-sobre-desmatamento-prejudica-o-brasil.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2025.

LISZBINSKI, Bianca Bigolin; PATIAS, Tiago Zardin; LAGO, Adriano. ODS 13 entre agroindústrias do estado do Rio Grande do Sul. *In: ANAIS DO SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL (SLAEDR)*, Ijuí, v. 4, n. 4, 2025. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/slaedr/article/view/26802>. Acesso em: 13 out. 2025.

LOBATO, José Augusto Mendes; NEIVA, Rodrigo Cesar Severino. Organizações, discursos e práticas em sustentabilidade: um estudo da comunicação ESG em relatórios corporativos. **Organicom**, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 39, p. 71–86, 2022. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2022.200808. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/200808>. Acesso em: 24 nov. 2025.

MACEDO JR., Ronaldo Porto. Liberdade de expressão ou dever de falar a verdade? *In: BARBOSA, Mariana (org.). Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. E-book. ISBN 978-85-5591-095-1. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n18s0xcc>. Acesso em: 23 nov. 2025.

MARACCINI, Gabriela. Poluição e queimadas agravam doenças respiratórias — veja como se proteger. **CNN Brasil**, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/poluicao-e-queimadas-agravam-doencas-respiratorias-veja-como-se-proteger/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

MIGUEL, Jean Carlos Hochsprung. A “meada” do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil. **Sociedade e Estado**. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wCDHY4RdNWSBZC5m6Q7fpBx/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). **Guia sobre mudanças climáticas para profissionais da saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024. PDF. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/2024/guia-mudancas-climaticas-para-profissionais-da-saude.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2025.

MIT TECHNOLOGY REVIEW BRASIL. O plástico é um problema de mudança climática — mas existem maneiras de melhorar isso. **MIT Technology Review Brasil**, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://mittechreview.com.br/o-plastico-e-um-problema-de-mudanca-climatica-mas-existem-maneiras-de-melhorar-isso/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

**MUDANÇAS CLIMÁTICAS PROPICIAM INCÊNDIOS FLORESTAIS**. UOL Notícias / RFI, São Paulo, 1 ago. 2018. Disponível em: [https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2018/08/01/mudancas-climaticas-propiciam-incendios-florestais.htm?utm\\_source](https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2018/08/01/mudancas-climaticas-propiciam-incendios-florestais.htm?utm_source). Acesso em: 23 nov. 2025.

NASA. **Ozone hole continues healing in 2024**. NASA Earth Observatory, [S. I.], 2024. Disponível em: <https://earthobservatory.nasa.gov/images/153523/ozone-hole-continues-healing-in-2024?>. Acesso em: 23 nov. 2025.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. Realmente é verdade que a camada de ozônio está se recuperando? **National Geographic Brasil**, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2025/09/realmente-e-verdade-de-que-a-camada-de-ozonio-da-terra-esta-se-recuperando>. Acesso em: 23 nov. 2025.

**NEGACIONISMO**. In: Nossa Língua: Nova Palavra. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, [s.d.]. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/negacionismo>. Acesso em: 14 out. 2025.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. In: Nações Unidas Brasil. [S. I.: Nações Unidas Brasil]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 6 out. 2025.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. Emissões do Brasil têm a maior queda em 16 anos. **Observatório do Clima**, [S. I.], 2023. Disponível em: <https://www.oc.eco.br/emissoes-do-brasil-tem-a-maior-queda-em-16-anos/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. Poluentes de vida curta aumentam nível do mar. **Observatório do Clima**, [S. I.], 2024. Disponível em: <https://www.oc.eco.br/poluentes-de-vida-curta-aumentam-nivel-do-mar/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. **SEEG – Relatórios de emissões brasileiras (1970–2015): Agropecuária; Processos Industriais e Uso de Produtos; Mudança de Uso da Terra; Resíduos**. Coleção de documentos. Google Drive, [S. I.], 2024. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1GdxfOnBDPDsxQ2J8bUxEMkptDDHzhdCP>. Acesso em: 23 nov. 2025.

ONU BRASIL. **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 11 – Cidades e comunidades sustentáveis**. Nações Unidas Brasil, [S. I.], 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/11>. Acesso em: 23 nov. 2025.

ONU BRASIL. **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 9 – Indústria, inovação e infraestrutura**. Nações Unidas Brasil, [S. I.], 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/9>. Acesso em: 23 nov. 2025.

OPAS/OMS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Nove em cada dez pessoas no mundo respiram ar poluído**. OPAS, Washington, DC, 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/1-5-2018-nove-em-cada-dez-pessoas-em-todo-mundo-respiram-ar-poluido>. Acesso em: 23 nov. 2025.

**PALESTRA: Poluição Mudando o Clima?** 26 nov. 2024. 1 vídeo (1h 33 min). Publicado pelo canal O Farol do Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mlW31cxDczA>. Acesso em: 28 set. 2025.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. E-book. ISBN 978-85-3780-803-0. Disponível em: [https://ciberativismoeguerria.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/02/filtro-invisivel\\_eli-pariser.pdf](https://ciberativismoeguerria.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/02/filtro-invisivel_eli-pariser.pdf). Acesso em: 23 nov. 2025

PAZ, Fábio Josende; KIPPER, Liane Mahlmann. Sustentabilidade nas organizações: vantagens e desafios. **GEPROS: Gestão da Produção, Operações e Sistemas**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 85–102, abr./jun. 2016. DOI: 10.15675/gepros.v11i2.1403. Disponível em: <https://revista.feb.unesp.br/gepros/article/view/1403/724>. Acesso em: 4 out. 2025.

PINHEIRO, Joel. Fake news e o futuro da nossa civilização. In: BARBOSA, Mariana (org.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. E-book. ISBN 978-85-5591-095-1. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n18s0xcc>. Acesso em: 23 nov. 2025.

PINOTTI, Fernanda. Aquecimento global ou mudança climática? Entenda a diferença. **CNN Brasil**, 14 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/aquecimento-global-ou-mudancas-climaticas-entenda-a-diferenca/>. Acesso em: 10 out. 2025.

PISA, Licia Frezza; QUESSADA, Miguel. Desinformação e fake news: conceitos à luz do Jornalismo e da Análise do Discurso. **Cambiassu: Estudos em Comunicação**, [Local, se houver], v. 19, n. 33, p. 114–131, 1 jul. 2024. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/23891>. Acesso em: 28 ago. 2025.

**POR QUE RELACIONAM CLIMA COM POLUIÇÃO? Estações de Monitoramento da Qualidade do AR, pra que?**. Publicado pelo canal do YouTube: Marcia Rohr. [S. l.: s. n., 20--?]. 1 vídeo (100 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/live/2L8zVVnFxfj8>. Acesso em: 23 nov. 2025.

REDAÇÃO FOLHA DE S. PAULO. Parcela de brasileiros que nega risco das mudanças climáticas cresce para 9%, mostra Datafolha. **Folha de S. Paulo**, 16 maio 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/05/parcela-de-brasileiros-que-nega-risco-o-das-mudancas-climaticas-cresce-para-9-mostra-datafolha.shtml>. Acesso em: 23 nov. 2025.

REDAÇÃO JORNAL DA USP. Relatório da OCDE mostra que brasileiros são os piores em identificar notícias falsas. **Rádio USP**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/relatorio-da-ocde-mostra-que-brasileiros-sao-os-piores-em-identificar-noticias-falsas/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

REDAÇÃO NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. O que é o desenvolvimento sustentável e por que ele é importante?. **National Geographic Brasil**, 13 dez. 2023. Disponível em:

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2023/12/o-que-e-o-desenvolvimento-sustentavel-e-por-que-ele-e-importante>. Acesso em: 4 out. 2025.

REDAÇÃO VEJA. 'Fake news' é eleita palavra do ano por dicionário Collins. **Veja**, São Paulo, 2 nov. 2017. Atualizado em 4 jun. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/fake-news-e-eleita-palavra-do-ano-por-dicionario-collins/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019. E-book. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/698880676/Lucia-Santaella-A-Pos-Verdade-e-Verdadeira-Ou-Falsa>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SCHWARTZ, Jason. Trump gives out “Fake News Awards” to CNN, N.Y. Times, Wash Post. **Politico**, Washington, 17 jan. 2018. Atualizado em 17 jan. 2018. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2018/01/17/trump-fake-news-awards-345482>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE, INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA (SP). **Nosso futuro comum – Relatório**. Portal de Educação Ambiental, São Paulo, 22 maio 2024. Disponível em: <https://semil.sp.gov.br/educacaoambiental/prateleira-ambiental/nosso-futuro-comum-relatorio/>. Acesso em: 4 out. 2025.

**SOBRE NÓS**. In: Pacto Global. [S. l.: Pacto Global, s.d]. Disponível em: <https://www.pactoglobal.org.br/sobre-nos/>. Acesso em: 5 out. 2025.

STERN, Frederico; GRISOTTO, Daniel. Teorias de conspiração como objeto de estudo para a Ciência da Religião. **Relegens Thréskeia**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/82440/45328>. Acesso em: 28 set. 2025.

THIOLLENT, Michel; LIMA. A pós-verdade e a gestão: reflexões a partir do exemplo do Brasil. **Revista de Desenvolvimento Social**, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/2700/1631>. Acesso em: 28 set. 2025.

TRENCH, Mel. É FAKE – Vídeo de Felca defendendo Lula e criticando brasileiros que apoiam “tarifaço” de Trump: cena foi manipulada com IA. **G1**, São Paulo, 15 set. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2025/09/15/e-fake-video-de-felca-defendendo-lula-e-criticando-brasileiros-que-apoiam-tarifaco-de-trump-cena-foi-manipulada-com-ia.ghhtml>. Acesso em: 7 set. 2025.

TRUMP, Donald. Leia a íntegra do discurso de Trump na ONU. **UOL Notícias**, São Paulo, 23 set. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2025/09/23/leia-a-integra-do-discurso-de-trump-na-onu.htm>. Acesso em: 9 out. 2025.

TSAI, David; POTENZA, Renata; QUINTANA, Gabriel; CARDOSO, Anderson Matheus; SILVA, Felipe Barcellos e; GRACES, Ingrid; COLUNA, Iris; CARVALHO, Kaccnny; ZIMBRES, Bárbara; SILVA, Camila; SILVA-JUNIOR, Celso H. L.; SOUZA, Edriano; SHIMBO, Julia; ALENCAR, Ane; ANGELO, Claudio; HERSCHMANN, Stela; ARAÚJO, Suely. **SEEG – Relatório de gases de efeito estufa 2023**. Observatório do Clima, [S. l.], 2023. PDF. Disponível em: [https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2023/11/Relatorio-SEEG\\_gases-estufa\\_2023FINAL.pdf](https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2023/11/Relatorio-SEEG_gases-estufa_2023FINAL.pdf). Acesso em: 23 nov. 2025.

UNDP – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Camada de Ozônio em recuperação: legado de cooperação global recebe destaque na imprensa**. UNDP Brasil, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.undp.org/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

UNEP – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE. **Fatos sobre o metano**. UNEP, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/explore-topics/energy/fatos-sobre-o-metano>. Acesso em: 23 nov. 2025.

UNEP – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE. **Recuperação da camada de ozônio está no caminho certo**. UNEP, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/comunicado-de-imprensa/recupera-cao-da-camada-de-ozonio-esta-no-caminho-certo?>. Acesso em: 23 nov. 2025.

UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **Global Internet use continues to rise but disparities remain, especially in low-income regions**. Genebra: UIT, 27 nov. 2024. Disponível em: <https://www.itu.int/en/mediacentre/Pages/PR-2024-11-27-facts-and-figures.aspx>. Acesso em: 29 maio 2025.

UNRIC – CENTRO REGIONAL DE INFORMAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plásticos e alterações climáticas: qual a relação?** UNRIC, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://unric.org/pt/plasticos-e-alteracoes-climaticas-qual-a-relacao/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

VAQUERO, Gabriela; BIROCHI, Renata; FIATES, Gabriela. A pós-verdade e o falseamento da verdade: uma análise da literatura científica nacional e internacional. **Revista de Desenvolvimento Social**, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/download/2816/1723>. Acesso em: 28 set. 2025.

VISCARDI, Janaisa Martins. Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, n. 2, p. 1134–1157, ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/HWYM3LcW7yVtMY9ZbK8CWzs/?lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2025.

WARDLE, Claire. **Entender a desordem informacional**. First Draft, [S. l.], 2023. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/694137848/WARDLE-Entender-a-desordem-informacional>. Acesso em: 23 nov. 2025.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Desordem informacional: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas**. Tradução: Pedro Caetano Filho; Abílio Rodrigues. Campinas, SP: CLE – Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 2023. E-book. Coleção CLE – Unicamp, v. 92 (edição em português). Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/ebooks/index.php/publicacoes/catalog/book/93>. Acesso em: 20 ago.2025

**WHAT IS CLIMATE CHANGE?**. In: United Nations. [S. l.: United Nations, s.d.]. Disponível em: <https://www.un.org/en/climatechange/what-is-climate-change>. Acesso em: 9 out. 2025.

WRI BRASIL – WORLD RESOURCES INSTITUTE. **Os países que mais emitiram gases de efeito estufa**. WRI Brasil, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.wribrasil.org.br/noticias/os-paises-que-mais-emitiram-gases-de-efeito-estufa>. Acesso em: 23 nov. 2025.

XAVIER, Juliana Montenegro Barbosa. **A importância das Relações Públicas Comunitárias para a educação ambiental: uma análise da Superintendência Municipal de Desenvolvimento Sustentável e do aparelho Ponto de Entrega Voluntária (PEV)**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Alagoas, Maceió. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/jspui/bitstream/123456789/12372/1/A%20import%C3%A2ncia%20das%20rela%C3%A7%C3%B5es%20p%C3%BAblicas%20comunit%C3%A1rias%20para%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ambiental%3A%20uma%20an%C3%A1lise%20da%20Superintend%C3%AAncia%20Municipal%20de%20D>

esenvolvimento%20Sustent%C3%A1vel%20e%20do%20aparelho%20Ponto%20de  
%20Entrega%20Volunt%C3%A1ria%20%28PEV%29.pdf. Acesso em: 23 nov. 2025.